

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS URBANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**A INDÚSTRIA CERÂMICA
E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE COCAL DO SUL**

MARIA BERNARDETE FONTANELLA

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado em Geografia, com área de concentração em Desenvolvimento Regional e Urbano, do Departamento de Geociências do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Florianópolis (SC), novembro de 2001

**A INDÚSTRIA CERÂMICA
E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE COCAL DO SUL**

MARIA BERNARDETE FONTANELLA

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado em Geografia, com Área de concentração em Desenvolvimento aos requisitos necessários à obtenção do Grau Acadêmico de Mestre em Geografia.

Dr. Luiz Fernando Scheibe

Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Geografia

APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM ___/___/___

Professora Dra. MARGARETH DE CASTRO AFECHE PIMENTA (Orientadora)

Quem é corajoso não foge da batalha da vida. Todos temos nossas lutas, mas só quem sabe suportá-las pode ser classificado de herói, de homem em toda a extensão do termo. Saiba merecer o título de homem, saiba ser herói, não desanime diante das dificuldades. Enfrente a vida, tal qual se apresenta, com suas alegrias e dores, e jamais pense em fugir covardemente.

(Carlos Torres Pastorino)

AGRADECIMENTOS

A orientadora Margareth Afeche Pimenta, pela paciência e compreensão na elaboração do meu trabalho;

Ao departamento de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina por ter oportunizado a obtenção do título de mestrado.

A minha família pelo apoio nos momentos mais difíceis desta longa caminhada.

Ao Sr. Lédio Scarpato, ex-intendente do Distrito de Cocal, pelas longas entrevistas, fornecimento de fotos e documentos que foram valiosos para a construção da história do atual município de Cocal do Sul.

Ao Sr. Jolmar Galli, ex-diretor da Cerâmica Eliane, pela importante entrevista sobre a origem da indústria cerâmica no município e todo o desenvolvimento da empresa cerâmica Eliane até o início dos anos 90.

Ao Sr. Arlei Zanette, ex-funcionário, pelas informações valiosas que concedeu a respeito do funcionamento do processo produtivo da Cerâmica Eliane, desde a sua implantação em 1960 até os primeiros anos de 1990.

Ar Sr. Venícios Búrigo, pelas entrevistas concedidas sobre a história da colonização do município até a chegada da Cerâmica Eliane.

A Sra. Rosana Buoso, pela maravilhosa ajuda nas horas mais difíceis da elaboração desta pesquisa, com a leitura e opiniões que muito me ajudaram.

Ao Sr. Hilário de Fáveri, pelas informações e documentos sobre a cidade de Cocal do Sul.

Ao Sr. Enio Coan, pela entrevista sobre os quatro importantes momentos da história da Cerâmica Eliane de Cocal do Sul.

Aos Srs. Renato Pierri, Silvio Cancilier, Jaime Gava e Narbal Teixeira da Rosa, funcionários da Cerâmica Eliane da pelas diversas informações sobre a empresa.

A todas as pessoas que contribuíram para a elaboração deste trabalho.

*Dedico esta dissertação aos meus pais e
aos meus sobrinhos.*

RESUMO

Cocal do Sul é, aparentemente, uma cidade como qualquer outra. Contudo, a partir da análise da gênese do seu desenvolvimento e evolução urbanos, compreende-se que ela apresenta algumas diferenças fundamentais por conta da presença marcante, em seu território, de uma das mais destacadas empresas cerâmicas da América. Em princípio, a colonização preponderantemente italiana concedeu à cidade atividades econômicas baseadas na policultura de subsistência e, mais tarde, pelas atividades pecuárias e nos engenhos. Mas a cidade se transformou a partir da instalação da Cerâmica Cocal, primeiro nome da atual Cerâmica Eliane, nome este que recebeu após a compra da empresa por Maximiliano Gaidzinski. A instalação de uma empresa cerâmica no local se deu pela razão de existir ali grande reserva de caulim, mineral básico para a produção da cerâmica branca. Também se deveu à experiência dos seus fundadores (tanto da Cerâmica Cocal quanto da Cerâmica Eliane) – Alfredo Del Priori e Maximiliano Gaidzinski, respectivamente – no ramo cerâmico. A empresa, que inicialmente produzia somente azulejos, contava com processos de produção artesanais, os quais ocupavam bastante mão-de-obra. Eram poucas as empresas que exploravam este ramo, o que garantiu à empresa total demanda para sua produção. Esta, por sua vez, crescia gradativamente, impulsionada pelo Plano de Metas de Juscelino Kubitschek. O governo da época pregava a política desenvolvimentista, o que incentivava a construção civil e, por consequência, a indústria cerâmica. Um primeiro empréstimo feito junto ao BNDE permitiu à empresa a ampliação do seu parque industrial e a majoração produtiva, com a aquisição de novas máquinas. O emprego da mão-de-obra também crescia, proporcionalmente ao aumento da produção. Isto ocorreu até o final da década de 80 e início da década de 90, quando, pressionada pela política industrial vigente, bem como pela conjuntura econômica, aplicou medidas de redução de custo, a fim de garantir a competitividade. A desverticalização e a terceirização foram as principais medidas, além da automação do processo produtivo, através da aquisição de tecnologias importadas sobretudo da Itália. Como vinha acontecendo desde a fundação da Cerâmica, tais medidas também influenciaram a configuração do espaço urbano de Cocal do Sul. Em princípio, a demanda por mão-de-obra atraiu a migração, o que atribuiu à cidade um aspecto de vila operária que, por sua vez, condicionou a instalação dos recursos técnicos estruturais, permitindo atender às necessidades básicas do operariado ali instalado. Estes aspectos do inter-relacionamento cidade x empresa perdurou até que, com a adoção da desverticalização e da terceirização, outro grande impacto social ocorreu no espaço urbano, que foram as demissões. Embora elas não tenham ocorrido imediatamente, pois a mão-de-obra dispensada pela indústria cerâmica foi absorvida pelas novas indústrias terceirizadas, a falta de preparo gerencial dos novos empreendedores e, principalmente, a competitividade estabelecida fez com que a maioria absoluta das novas empresas encerrasse suas atividades dispensando aqueles que, outrora, haviam participado do quadro de funcionários da empresa cerâmica. Por outro lado, essas empresas, que conseguiram manter o funcionamento, cresceram e passaram a efetuar contratações, o que interferiu novamente no movimento migratório da cidade: muitos dos que haviam sido despedidos saíram da cidade, ao mesmo tempo em que a nova perspectiva de trabalho atraía novos moradores. A crescente migração de aposentados, os quais apontavam a boa qualidade de vida como razão da escolha de Cocal do Sul como local de moradia, embora este aspecto não pareça ser verdadeiro, foi também outro fator que incentivou a migração. É pertinente lembrar que a cidade é bem localizada, bem integrada regionalmente, unindo características positivas de cidade

pequena com as facilidades de um centro maior, neste caso Criciúma, localizada muito próximo a Cocal. Mais um fator que teve relação com a migração foi o mercado imobiliário, que trabalha com preços relativamente baixos, se comparados com as cidades vizinhas, como Urussanga e Criciúma. Enfim, o que se tem hoje é uma cidade cuja formação se deu em torno da empresa, cuja estratégia capitalista primava pela construção e manutenção de um exército de reserva, que garantiria sua manutenção. A realidade, entretanto, era que a empresa sempre foi completamente dependente da cidade, diante da escassez da mão-de-obra que, desde o início, possuía outras opções, como a atividade carbonífera. A empresa passou a cativar a classe trabalhadora, para dominar a mão-de-obra. Obtendo condições mercadológicas e financeiras, procedeu com a automação quase que completa do processo produtivo, adquirindo independência. Como se percebe, não há como negar a relação do setor cerâmico com o acelerado processo de urbanização da cidade, bem como o desenvolvimento da mesma e sua evolução de distrito para município, e não há também como negar que a empresa Eliane foi o centro de toda a organização municipal. Porém, se todos esses fatores contribuíram para a valorização da localidade, também deflagraram a segregação espacial e social dos trabalhadores.

ABSTRACT

Cocal do Sul seemingly a city as any other one. However, starting from the analysis of the genesis of its development and urban evolution, it is understood that is of a peculiar city, due to the important presence, in its territory, of one of the largest ceramic companies of the world. In beginning, the colonization mainly Italian granted to the city economic activities based on the subsistence policulture, proceeded by the cattle-raising activities and in the manufactures. But the city changed starting from the installation of the Cerâmica Cocal, renamed Cerâmica Eliane, when of its sale for Maximiliano Gaidzinski. The installation of a ceramic company in the place gave him for the reason of existing great caulim reservation there, basis mineral for the production of the white ceramic. It should also be counted with the experience of the founders, so much of the Cerâmica Cocal as of Cerâmica Eliane – Alfredo Del Priori and Maximiliano Gaidzinski, respectively – in the ceramic branch. The company, that initially produced only tiles, it counted with handmade production processes, which occupied plenty of work hand. They were little the companies that explored this branch, what guaranteed to the total company it demands for its production. This, for its time, gradually grew, impelled by the Plan of Goals of Juscelino Kubitschek. The government of the time nailed the political of the development, what motivated the civil construction and, for consequence, the ceramic industry. A first loan fact close to BNDE allowed to the company the amplification of its industrial park and to increase the production, with acquisition of new machines. The employment of the work hand also proportionally grew, to the increase of the production. This happened until the end of the decade of 80 and beginning of the decade of 90, when, pressed by the effective industrial politics, as well as the economic conjuncture, applied means of cost reduction, in order to guarantee the competitiveness among new competition, appeared mainly after the opening of the national market to the external products. The unverticalization and the trade were the main measures, besides the automation of the productive proves, through the acquisition of technologies mattered above all of Italy. As it happened from its foundation, such measured they also influenced the production of the space of Cocal do Sul, in beginning, the demand for work hand attracted the migration, which attributed to the city an aspect of labor villa, that, for its time, it conditioned the installation of the structural technical resources allowing to assist the basic needs of the proletariat there installed. These aspects of the rinter-relationship city x company lasted long until that, with the adoption of the unverticalization and of the trade, other great social impact happened in the urban space. The dismissals didn't happen immediately, because the work hand released by the ceramic industry was absorbed by the new industries thirded. But, due to the lack of I prepare managerial of the new ones enterprising, most absolute of the new companies they contained its activities, culminating in the despedimento of those that, formerly, they were part of the employees' of the ceramic company picture. On the other hand, the companies that got to maintain the operation they grew and they started to make recruiting, what interfered in the migratory movement of the city: many of the ones that had been dismissed they left the city, at the same time in that the new work perspective attracted new inhabitants. Another interesting aspect is the retired growing migration, which aim the life quality as reason of the choice of Cocal do Sul dwelling place, although this aspect is not true. The city is very located, uniting characteristics of small city with the means that a larger center, in the case Criciúma, offers, for the proximity. Another pont that motivates the migration is the real state market, whose prices are relatively low, if compared with the neighboring cities, like

Urussanga and, again, Criciúma. Finally, what is had today it is a city whose formation gave him around the company, whose capitalist strategy excelled for the construction and maintenance of a reservation army, that would guarantee its maintenance. The reality, however, it was that the company was always completely dependent of the city, due to the labor shortage that, since the beginning, it possessed other options, as the carboniferous activity. The company started to capture the proletariat, to dominate the labor. Obtaining mercadologicals conditions and financial, it almost proceeded with the automation that it completes of the productive process, acquiring independence.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	1
<u>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</u>	8
<u>1.1 A Acumulação do Capital e a Força de Trabalho</u>	9
<u>1.1.1 A Exploração da Força de Trabalho</u>	10
<u>1.1.2 Neoliberalismo: Implicações e Metas</u>	11
<u>1.2 A Produção do Espaço Urbano e o Capitalismo</u>	14
<u>1.2.1 O Espaço Urbano</u>	14
<u>1.2.2 O Espaço e sua Relação com os Modos de Produção: Condição Necessária para a Existência do Capitalismo</u>	17
<u>1.3 Industrialização e Urbanização</u>	20
<u>2 COCAL DO SUL - ASPECTOS ANTERIORES À INDÚSTRIA CERÂMICA</u>	24
<u>2.1 Aspectos Gerais do município</u>	25
<u>2.1.1 A Acumulação do Capital e o início da indústria no distrito</u>	28
<u>3 ELIANE REVESTIMENTOS CERÂMICOS - A INDÚSTRIA CERÂMICA EM COCAL DO SUL</u>	30
<u>3.1 A Indústria Cerâmica: Contexto Histórico e Origem</u>	31
<u>3.2 O Desenvolvimento da Indústria Cerâmica de Cocal do Sul</u>	39
<u>3.2.1 Processo Produtivo e Mão-de-Obra</u>	41
<u>3.2.2 A Verticalização da Indústria Cerâmica</u>	46
<u>3.2.3 Expansão da Indústria Cerâmica</u>	48
<u>3.2.4 Produção e Mercado</u>	51
<u>3.2.5 Estratégias de Reestruturação da Empresa</u>	53
<u>4 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE COCAL DO SUL</u>	58
<u>4.1 A relação Cidade x Empresa</u>	59
<u>4.1.1 A Distribuição da Renda no município</u>	77
<u>4.1.2 Aspectos Atuais</u>	85
<u>CONCLUSÃO</u>	89
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	94
<u>ANEXOS</u>	97

LISTA DE TABELAS

<u>1:</u>	<u>Principais produtores mundiais da indústria de revestimentos cerâmicos (1989 – 1998, em milhões de m²/ano).</u>	32
<u>2:</u>	<u>Origem das matérias-primas* - 1987. (Em %).</u>	33
<u>3:</u>	<u>Número de empresas cerâmicas de revestimentos, faturamento e pessoal ocupado por microrregiões (1976).</u>	34
<u>4:</u>	<u>Destino das exportações brasileiras de revestimentos cerâmicos.</u>	36
<u>5:</u>	<u>Ociosidade da indústria cerâmica de 1980-1994 (%)</u>	37
<u>6:</u>	<u>Quadro do efetivo do Grupo Eliane 1983 – 1990.</u>	45
<u>7:</u>	<u>Produção de Revestimentos Cerâmicos do Brasil e do Grupo Eliane (1960-2000, em 1.000 m²/ano).</u>	52
<u>8:</u>	<u>População no município de Urussanga e do então Distrito de Cocal de 1940 a 2000.</u>	60
<u>9:</u>	<u>População urbana no município de Urussanga e do então Distrito de Cocal de 1940 a 2000.</u>	60
<u>10:</u>	<u>População rural no município de Urussanga e do então Distrito de Cocal de 1940 a 2000.</u>	61
<u>11:</u>	<u>Pessoas não naturais do município de Urussanga e Cocal do Sul no período de 1961 a 1996.</u>	61
<u>12:</u>	<u>Migrantes de Urussanga - lugar do domicílio anterior, no período de 1961 a 1980.</u>	62
<u>13:</u>	<u>Empresas ativas com sede em Cocal com ano de fundação entre 1969 e 2000.</u>	72
<u>14:</u>	<u>Número de Contribuintes do município de Cocal do Sul, cujas atividades iniciaram e encerraram na década de 90.</u>	73
<u>15:</u>	<u>Pessoal ocupado em Cocal do Sul.</u>	74
<u>16:</u>	<u>Número de contribuintes do município de Cocal do Sul, 2001.</u>	79
<u>17:</u>	<u>Empresas cadastradas no CDL – Cocal do Sul, no período de 1993 – 2001.</u>	80
<u>18:</u>	<u>PIB (R\$) per capita em Cocal do Sul, no período de 1993 a 1999.</u>	82
<u>19:</u>	<u>Pisos salariais (em reais) dos sindicatos atuantes no município de Cocal do Sul, em julho de 2001.</u>	83

LISTA DE FIGURAS

<u>1:</u>	<u>Localização da área de estudo.....</u>	25
<u>2:</u>	<u>Cerâmica Eliane em 1960.Fonte: Acervo Sr. Venícios Búrgio.....</u>	40
<u>3:</u>	<u>Cerâmica Eliane em 1995.Fonte: Acervo Foto Teixeira.....</u>	41
<u>4:</u>	<u>Produção de produtos acabados (m²) no período de 1961 a 1969 da Cerâmica Eliane. Fonte: Depto. Financeiro da Eliane.....</u>	43
<u>5:</u>	<u>Fluxograma de verticalização das empresas Eliane até 1991.....</u>	47
<u>6:</u>	<u>Abertura de filiais do Grupo Eliane no Continente Americano.....</u>	49
<u>7:</u>	<u>Abertura de filiais do Grupo Eliane no Brasil.....</u>	50
<u>8:</u>	<u>Fluxograma de Terceirização das Empresas Eliane.....</u>	56
<u>9:</u>	<u>Cocal do Sul. Ao fundo o complexo cerâmico, localizado na área central da cidade, à direita da rodovia.....</u>	64
<u>10:</u>	<u>Vista parcial da cidade de Cocal do Sul, 1995. Bairro Jardim Elizabeth.....</u>	65
<u>11:</u>	<u>Acima, o Ginásio de Esportes Municipal, ao fundo observa-se o segundo conjunto habitacional, que hoje forma o Jardim Itália.....</u>	68
<u>12:</u>	<u>Vista aérea o segundo conjunto habitacional, que hoje forma o Jardim Itália.....</u>	69
<u>13:</u>	<u>Vista parcial da cidade de Cocal do Sul em 1981.....</u>	84

O presente estudo tem como proposta a análise da Indústria de Revestimentos Cerâmicos Eliane, de Cocal do Sul, e seus efeitos na construção do espaço urbano do município de Cocal do Sul. Tanto quanto foi possível, procurou-se entrar em contato com aspectos cruciais da urbanização local, a qual manteve-se e mantém ainda hoje uma forte relação com a expansão industrial.

O trabalho vai além do espaço específico: procurou-se o contato com conhecimentos teóricos que buscam interpretar as questões políticas e sociais mencionadas, com a intenção de identificar os modos pelos quais foi constituído o espaço urbano em estudo.

LEFEBVRE (1991), à página 104 do livro *O direito à cidade*, afirma que

Uma ciência analítica da cidade, necessária, está hoje ainda em esboço. Conceitos e teorias, no começo de sua elaboração, só podem avançar com a realidade urbana em formação, com a praxis (prática social) da sociedade urbana. Atualmente, a superação das ideologias e das práticas que fechavam os horizontes, que eram apenas pontos de estrangulamento do saber e da ação, que marcavam um limite a ultrapassar, essa superação, como dizia, é efetuada não sem dificuldades.

Portanto, ao se lidar com uma realidade urbana, *em formação*, como diz o autor, da cidade de Cocal do Sul, e *como conceitos e teorias (...) só podem avançar com a realidade em formação, com a prática social*, pode-se, com a autoridade de quem reside vizinho à cidade em estudo, convive com as práticas desenvolvimentistas da mesma, fez leituras teóricas sobre definições, afirmar que a cidade de Cocal do Sul cidade é lugar de manifestações culturais, de desenvolvimento tecnológico, mas também de fomentação de desemprego, de proliferação da marginalidade e da violência, por causa da falta de infra-estrutura, comum em praticamente todas as cidades, que atinge principalmente a faixa pobre dos cidadãos.

MARX (1982), à página 161,

Em virtude da acumulação capitalista, forma-se pois uma população operária em excesso em relação às necessidades de aproveitamento do capital. Com a acumulação de capital produzida por ela mesma, a população operária produz pois, em proporções incessantemente crescentes, os meios a se tornar excedente. Esta é uma lei de população, própria do modo de produção capitalista. (...).

Interpretando a afirmação do autor, parece possível antecipar a conclusão de que o modelo econômico capitalista se torna responsável por este processo, na medida em que amplia o espaço físico, ao mesmo tempo em que aumenta significativamente os níveis de desigualdades sociais, o que é perfeitamente visível no caso da cidade em

estudo. Mesmo a urbanização acompanhada da modernização econômica não pode ser considerada como algo perfeitamente positivo, devido ao chamado “caos urbano”, fenômeno que marca o crescimento das grandes cidades, e marca também Cocal do Sul, embora se trate de uma cidade pequena. Ela também apresenta os inúmeros problemas produzidos pela urbanização por expansão da periferia: ausência ou precariedade da infra-estrutura urbana, transportes, moradia, lazer, educação, saúde. A questão do comprometimento do meio ambiente, quer seja produzida pelos avanços geográficos da urbanização, quer seja produzida por uma empresa (no caso do objeto deste trabalho, a empresa Eliane promove a degradação ambiental quando necessita escavar as minas, contamina a água e polui o ar com a fumaça e o pó), deveria essa questão ser mais discutida neste trabalho, e disso tem-se consciência. Porém, há dificuldades em se conseguir dados, e o que se tem é o que se consegue a partir da observação.

Fundamentados no conceituado autor Milton Santos (1998), (*A urbanização brasileira*, página 10), na sua afirmação de que:

A cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora de pobreza, tanto pelo modelo sócio-econômico de que é o suporte como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias (e dos cortiços) pessoas ainda mais pobres.

podemos concluir então que, no caso da cidade em estudo, a teoria está perfeitamente sintonizada. Pelas exaustivas leituras feitas sobre o tema, pode-se perceber que, em muitas das nossas cidades, convivem vários interesses conflitantes, pois estes espaços são o reflexo do poder autoritário sobre elas exercido e do capital monopolista. As cidades que se conhecem não foram construídas do acaso, mas são fruto de uma história concreta, a qual, na maioria das vezes, baseia-se na concentração de capital, do poder econômico e do poder político nas mãos de poucos, resultando na segregação e desigualdade para a quase totalidade dos seus habitantes.

Neste momento do trabalho parece interessante deixar clara a opção pelo estudo da construção do espaço urbano da cidade de Cocal do Sul, a qual deve-se ao fato de o mesmo ter um significado particular na Região Sul de Santa Catarina.

A cidade cresceu significativamente a partir da reabertura da indústria cerâmica, em 1960, que havia sido fechada em 1959. A cerâmica Eliane, por sua vez, contribuiu direta e indiretamente na formação dos diversos bairros que formam a cidade, através do expressivo fluxo migratório para o então distrito de Cocal, a partir de sua fundação.

Com a instalação dessa indústria, o crescimento do distrito ficou subordinado ao domínio do setor cerâmico. Por isso, a evolução do espaço urbano está relacionada com a fundação da Cerâmica Eliane, a qual utilizou-se de estratégias capitalistas, dentro de suas diversas fases, tendo como objetivo lógico a lucratividade.

Neste sentido, a análise, a reflexão e a compreensão da produção do espaço urbano de Cocal do Sul implicam necessariamente nas determinações econômicas e sociais do município, a partir de sua dinâmica sócio-espacial e de sua determinação quanto à política empregada neste local.

Sendo a empresa Eliane o centro de toda a organização municipal, não há como negar o incremento do setor cerâmico com o acelerado processo de urbanização da cidade.

A instalação da indústria cerâmica na cidade de Cocal do Sul, no município do mesmo nome, é a expressão concreta da inserção do modo de produção capitalista no espaço local, resultado do processo de integração e expansão do capitalismo no espaço nacional. Como conseqüência da dinâmica do capital ali instalado, a cidade adquiriu características peculiares: sua formação constitui-se de um conjunto de bairros de classe operária, aparentemente sem distinção de classe econômica entre si (embora se admita que, se feito um estudo localizado e pormenorizado, talvez possam ser percebidas determinadas diferenças). Esses bairros estão localizados estrategicamente próximos ao parque industrial do grupo Eliane, e não tiveram o desenvolvimento necessário que lhes proporcionasse qualidade de vida. Portanto, o fator determinante dessa configuração foi o desenvolvimento de apenas um complexo industrial cerâmico sob a hegemonia de uma só família, a família Gaidzinski.

É oportuno lembrar que não se trata de uma *company towns* (expressão inglesa que significa “cidades-empresa”), pois a cidade preexistia à fundação da indústria cerâmica. O desenvolvimento desta foi significativo para a cidade como um todo. Porém, não se deve desconsiderar os elementos já presentes no espaço e as alterações na dinâmica sócio-espacial sem a exclusiva interferência da empresa, apesar do vínculo indireto com a mesma. As iniciativas para a criação das condições gerais de produção partiam da empresa, mas eram efetivadas com a intervenção dos governos municipal e estadual.

O município em estudo, recém emancipado (1991), localiza-se no Sul de Santa Catarina, e possui uma população de 13.708 habitantes predominantemente urbana (83,13%), conforme IBGE (2000). Sua economia está fundamentada na

produção de revestimentos cerâmicos com representatividade no mercado nacional e internacional.

Nos diferentes períodos da formação socioeconômica do município, a empresa representada pela Indústria de Revestimentos Cerâmicos Eliane, uma das maiores empresas do setor no Brasil, buscou estratégias para desenvolver-se e criar seu espaço de atuação e controle.

Fundada em 1960, a cerâmica Eliane foi o principal agente de re-produção sócio-espacial, participando diretamente na construção dos conjuntos habitacionais e indiretamente na formação dos vários bairros que compõem a cidade. O crescimento populacional foi resultante do expressivo fluxo migratório ocorrido principalmente nas décadas de 70 e 80, em busca de trabalho na produção cerâmica. A indústria do então distrito resumia-se praticamente na produção cerâmica e das empresas que lhe davam suporte. Nos anos 90, com a descentralização das atividades paralelas à produção cerâmica (a empresa vendeu as empresas que davam suporte ao setor cerâmico), a indústria do município de Cocal do Sul sofreu alterações, ainda que não desvinculada do complexo cerâmico.

Como objetivo deste trabalho, pois, procurou-se caracterizar a evolução do espaço urbano da cidade de Cocal do Sul, a partir da fundação da empresa cerâmica Eliane e, então, analisar as estratégias utilizadas pelo capital, em suas diversas fases, para alcançar o seu desenvolvimento atual e estabelecer, conseqüentemente, o atual espaço urbano, a fim de compreender como esse capital atuou no desenvolvimento do espaço local.

Para permitir a compreensão desse processo, foram resgatados, no município sua gênese e desenvolvimento urbano local, assim como as expectativas quanto à organização espacial presente no plano urbanístico da cidade. Também foram estabelecidos os vínculos entre as transformações ocorridas no espaço urbano de Cocal do Sul e a empresa Eliane Revestimentos Cerâmicos, identificando os processos urbanísticos ali desencadeados, elementos necessários que contribuem para que se entenda a dinâmica funcional e urbana da cidade.

Na primeira parte do texto, apresenta-se a fundamentação teórica consultada com o propósito de possibilitar uma aproximação e maior esclarecimento preliminar sobre alguns conceitos essenciais à elaboração da pesquisa.

Em seguida, procurou-se contextualizar o estudo, descrevendo-se a evolução do setor cerâmico catarinense, desde sua ligação com a exploração do carvão, até os

dias atuais, culminando com a apresentação da empresa Eliane, seus aspectos econômicos e industriais.

Por fim, já no terceiro capítulo, buscou-se demonstrar a relação entre cidade x empresa. Inicialmente fala-se da cidade no seu período anterior a 1960, de forma sucinta e sem pretensões analíticas, a fim de não fugir ao propósito desta dissertação. A partir de 1960, entretanto, através da periodização da evolução da cidade, demonstra-se mais detalhadamente a relação desta com a empresa, suas condições e suas variáveis.

Durante todo o estudo, permaneceram limitações quanto à extensão, aos agentes e à temporalidade. Quanto ao tempo estudado, buscou-se mostrar como se deu a evolução da indústria cerâmica em Cocal do Sul, dando maior ênfase às décadas de 60 e seguintes, considerando o início do funcionamento efetivo da empresa Eliane. Os primeiros períodos esplanados (que versam sobre a colonização e a indústria manufatureira) devem ser considerados apenas como apoio introdutório, a fim de demonstrar o quadro geral da cidade à época da instalação da indústria cerâmica.

Quanto à extensão, limitou-se ao espaço urbano de Cocal do Sul, como se deu o seu desenvolvimento, suas fases, causas e conseqüências, explorando a interferência da Cerâmica Eliane sobre a cidade.

Como já foi dito neste trabalho, as cidades, de uma maneira geral, são dinâmicas, estão em constante movimento, em constante mutação. Vivem em contínua transformação – positiva ou negativa –, estão sendo sempre construídas e reconstruídas, assim como suas sociedades, que se reestruturam, modificam seus valores e suas relações com o ambiente urbano. Ao longo do tempo são impressas nelas novas marcas, que renovam incessantemente sua paisagem, resultantes de seguidos processos (econômicos, sociais, culturais, entre outros), que determinam essa dinâmica. A cidade-sede do município de Cocal do Sul não foge à regra. O tempo e o espaço foram os elementos considerados para a compreensão das mudanças ali ocorridas, resultando num estudo que nos parece ser de grande importância para a comunidade local.

Para entender tais processos e relações, foram utilizados diferentes métodos e técnicas. Nas visitas ao Grupo Cerâmico Eliane, foram entrevistados funcionários de vários escalões e ex-funcionários. Ainda foram realizadas consultas bibliográficas em revistas de circulação estadual e a jornais produzidos pela empresa, além de relatórios internos. O levantamento de informações na Prefeitura local buscou dados sobre sua economia, empresas sediadas no município, mapas e fotos. As entrevistas com moradores, associações diversas, Delegacia de Polícia e empresas do município foram

reveladoras de importantes ângulos das relações que se estabeleceram no espaço local e que permitiram conhecer a realidade do município.

Para encerrar este capítulo introdutório, talvez seja interessante dizer que o que difere a cidade de Cocal do Sul das outras cidades da região, principalmente as vizinhas Içara, Criciúma e Urussanga, que possuem indústria cerâmica, é justamente o fato de Cocal do Sul ter se tornado praticamente, numa visão geral, uma cidade-colônia, explorada pelo monopólio pertencente ao grupo Eliane.

Foram estas particularidades a razão principal desta pesquisa, e que fazem da cidade de Cocal do Sul uma cidade diferente.

A fundamentação teórica, capítulo que desenvolveremos a seguir, nos dará o apoio de que necessitamos para fazer uma leitura mais crítica da pesquisa feita sobre a cidade em estudo.

1.1 A ACUMULAÇÃO DO CAPITAL E A FORÇA DE TRABALHO

Para melhor operacionalizar a complexidade que envolve um estudo sobre a produção do espaço urbano, faz-se necessária uma análise (ainda que breve) sobre alguns conceitos utilizados, notadamente a acumulação do capital e sua relação com a mobilidade do trabalho.

Para MARX, a mobilidade da força de trabalho é parte constituinte e indissociável do processo de acumulação do capital, senão veja-se:

(...) Se a acumulação ou o desenvolvimento da riqueza, em base capitalista, produz necessariamente uma superpopulação operária, essa superpopulação contribui, por sua vez, para a acumulação capitalista. Ela forma, para a indústria, um exército de reserva sempre disponível, e do qual o capital tem inteira propriedade (...). Ela cria para as necessidades variáveis do capital um material humano sempre pronto e independente dos limites do real aumento populacional. Com a acumulação e o desenvolvimento concomitante da força produtiva do trabalho, cresce a súbita força expansiva do capital.¹

E o próprio MARX condicionou a valorização do capital à obtenção da mais-valia. Esta, como já vimos, serve de sustento à acumulação de capital, que pressupõe que o trabalho pode ser explorado de forma extensiva ou intensiva (mais-valia absoluta e mais-valia relativa, respectivamente).

A extração da mais-valia é sempre necessária à acumulação do capital, ainda que esta última promova o aprofundamento contínuo da divisão social do trabalho e o constante aperfeiçoamento da capacidade técnica de produção – o que levaria ao aumento da produtividade social do trabalho e, conseqüentemente, à diminuição relativa do aproveitamento da força do trabalho.

A intensidade do processo desse acúmulo de capital, centrado no setor industrial e nos centros urbanos, agravou as desigualdades sociais. O aumento da seletividade no uso da força de trabalho acaba promovendo, além do desemprego, o deslocamento de trabalhadores para outras atividades econômicas, outros centros, outras alternativas de trabalho. No caso de Cocal do Sul, o acúmulo de capital, procedido pela empresa cerâmica Eliane, permitiu e incentivou o processo migratório que se transformou na principal fonte de força de trabalho em prol da empresa, a qual força de trabalho foi sendo explorada pela empresa, conforme veremos a seguir.

¹ MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: 1982. p. 161-162.

1.1.1 A Exploração da Força de Trabalho

A expansão capitalista no Brasil realizou-se às custas da exploração dos trabalhadores, os quais, como afirma KOWARICK, *movem as engrenagens produtivas do país*.² Comentando a contradição entre o rápido crescimento da economia brasileira nos anos 70, e a deterioração da qualidade de vida da classe trabalhadora, ele afirma:

*Importa reter não apenas que os níveis de remuneração e as condições de vida de grande parte dos trabalhadores se deterioram, mas que esta deterioração se acentuou justamente quando a economia cresceu a uma significativa taxa de 10% ao ano, dando origem ao que por muitos foi designado de “milagre brasileiro”. Mas é de se perguntar: que tipo de milagre é esse que, ao mesmo tempo, reflete um crescimento acelerado e exclui deste crescimento a maioria da classe trabalhadora? Trata-se, certamente, de um santo perverso que com uma mão dá a alguns o que com a outra retira de muitos. A lógica da acumulação que preside ao desenvolvimento brasileiro recente apóia-se exatamente na depilação da força de trabalho. Na presença de uma vasta reserva de mão-de-obra e na ausência de uma sólida organização sindical e política da classe operária, tornou-se fácil aumentar as taxas de exploração. O desgaste de uma força de trabalho submetida a jornadas prolongadas e as espinhosas condições urbanas de existência torna-se possível na medida em que a maior parte da mão-de-obra pode ser prontamente substituída.*³

A existência de farta disponibilidade de mão-de-obra permite a reprodução contínua das condições de exploração da força de trabalho. Não se trata de algo transitório, apenas uma etapa de desenvolvimento, e sim uma condição permanente do capitalismo brasileiro.

As empresas necessitam de mão-de-obra que garantam o lucro. Para isso mantêm a oferta em excesso, justamente para intensificar ao máximo a exploração da força de trabalho.

Para MARX, a produção capitalista cria uma população trabalhadora excedente, *quer assuma esta agora a forma mais notável de repulsão de trabalhadores já ocupados, quer a menos aparente, mas não menos efetiva, de absorção dificultada da população trabalhadora adicional pelos canais costumeiros*.⁴

Lendo o autor citado, percebe-se ainda que, além da inversão em novas tecnologias, o capitalismo possui mecanismos para garantir exército industrial de reserva. A população trabalhadora excedente propicia ao capital o material humano

² KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 42.

³ Ibidem, p. 42.

⁴ MARX, op. cit., p. 199.

disponível para ser lançado em ramos de produção em processo de expansão, sem que ocorra a quebra de produção nos outros ramos.

É ainda MARX quem afirma:

*Não basta à produção capitalista de modo algum o quantum de força de trabalho disponível que o crescimento natural da população fornece. Ela precisa ter liberdade de ação, de um exército industrial de reserva independente dessa barreira natural.*⁵

Esta situação permite intensificar a exploração da força de trabalho ocupada. Os capitalistas sempre se valeram da existência de trabalhadores desempregados, para impedir que os salários daqueles que se encontram empregados aumente e, assim, ter argumentação mais forte e coercitiva no momento de impor condições mais duras de trabalho.

É imprescindível, para que o capitalismo funcione satisfatoriamente, que exista uma certa quantidade de desempregados: para que a mais-valia não perca legitimidade pela indisciplina ou reivindicações “exageradas” dos funcionários.

Em Cocal do Sul esse exército de reserva industrial não pre-existia. Ele formou-se a partir da instalação da Cerâmica Eliane, que, como já dissemos, é responsável pelo desenvolvimento e definição do atual espaço urbano da mesma, ocorrendo principalmente a partir dos anos 80 e 90, quando a empresa já estava consolidada. O neoliberalismo foi o responsável politicamente, nos anos 90, por essa situação.

1.1.2 Neoliberalismo: Implicações e Metas

O neoliberalismo surgiu com objetivo de superar a crise do final da década de 60, quando o fordismo e o keynesianismo registraram a incapacidade de conter as contradições inerentes ao capitalismo, principalmente nos países capitalistas desenvolvidos. A combinação de crescimento da inflação, estagnação econômica, com queda contínua nos ganhos de produtividades, implicou na redução das taxas de lucro. De um lado, os países da Europa Ocidental e o Japão buscavam expandir seus mercados. De outro, alguns países do Terceiro Mundo, por meio de políticas de substituição de importações, promoviam uma onda de industrialização fordista com base na mão-de-obra abundante e barata, além da precariedade na regulamentação do trabalho. Assim, a crise estrutural do modelo de regulação da acumulação capitalista,

além de comprometer os até então altos níveis de acumulação de capital, acabou também desencadeando uma intensa onda de resistência e de mobilização operária nos principais centros industriais europeus e norte-americanos, no período de 1968-1972.⁶

Esse movimento surgiu como uma reação teórica e política contrária à social-democracia que os governos destes países adotaram para fortalecer o capitalismo. Nesta transição do mercado, o fordismo foi substituído pelo então chamado modelo japonês (ou toyotismo). Como explica BARBARA,

*o modelo japonês trouxe impacto sobre a economia capitalista, modernizou as indústrias e diminuiu o ciclo de produção. No modelo fordista a produção era totalmente voltada ao consumo, no toyotismo, só se produz o que se vende, de preferência quase sempre por encomenda.*⁷

Neste contexto, é importante ressaltar que o modelo neoconservador, iniciado por Thatcher e Reagan, trouxeram o fim da estabilidade de emprego e iniciaram o processo de privatizações. Estas transformações ocorreram no Brasil no final dos anos 80, na chamada “Era Collor”, utilizando-se uma série de estratégias que possibilita a economia ser aberta e competitiva. Na ânsia de controlar a crise do capitalismo, muitas alternativas foram apontadas, na maioria das vezes sem sucesso, porque atingiram patamares como o meio ambiente ou o distanciamento entre os habitantes dos países do Norte e os países do Sul.

Para os economistas neoliberais, a modernização e o desenvolvimento econômico dos países dependem apenas da capacidade dos governos de reformarem as estruturas econômicas de seus países com vistas a adaptá-los ao mundo globalizado, ou seja, é imprescindível realizar as seguintes reformas econômicas: abrir a economia à concorrência internacional, propiciar ampla liberdade de movimento ao capital, desregular os mercados internos, em especial o mercado de trabalho, e realizar uma ampla privatização das empresas estatais.⁸

O sistema precisava de ajustes e fortificar a economia de mercado, como a melhor forma de organizar a produção de bens e serviços, e o neoliberalismo seria a única forma de regulação das atividades econômicas.

⁵ Ibidem, p. 202.

⁶ HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 7 ed. São Paulo: Loyola, 1992. 135-136.

⁷ BARBARA, M. M. **Reestruturação produtiva, qualificação, requalificação e desemprego**. Psicologia. Brasília, V. 19, v. 1, 1999. p. 31.

⁸ CARRION, Raul K. M. e VIZENTINI, Paulo G. Fagundes (organizadores). **Globalização, neoliberalismo, privatizações: quem decide este jogo?** 2 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.

Os cortes nos programas sociais consistem em eliminar praticamente todos os programas sociais, como: leis de salário mínimo, legislação a favor dos sindicatos, seguridade social, controle de preços sobre os produtos da cesta básica etc. O controle do déficit público é feito com base na redução de investimento em saúde, educação e de qualquer setor social, ou estes serviços são repassados para os municípios ou para iniciativa privada. Com relação à privatização, o Estado deve ficar o mais longe possível dos negócios, entregando as empresas estatais ao controle privado.

Contudo, a própria teoria neoclássica mostra que os mercados falham e que por isso mesmo são necessárias políticas públicas para corrigi-las. Por outro lado, a evidência empírica, confirmando as predições da teoria de Marx, demonstra que a regulação da vida econômica da sociedade pelos livres mercados resulta na concentração da renda, no aumento do desemprego, da pobreza, da especulação financeira e da instabilidade do sistema econômico. Não há, pois, qualquer surpresa no fato de que, em geral, a implantação de um programa de reformas neoliberais resulte no acirramento dos conflitos sociais.⁹

Ao contrário do que propunham os neoliberais, a nova política contribui ainda mais para uma maior acumulação do capital. O capitalismo preocupa-se somente com o lucro, deixando de lado as necessidades e os problemas sociais. O resultado é sentido por milhões de pessoas, sobre as quais impera a desigualdade, exclusão social e marginalização.

No caso da cidade em estudo, percebe-se claramente que ela vivenciou as fases de que fala a autora, pois passa da fase fordista (quando produz maciçamente em série empregando uma grande quantidade de trabalhadores) para a fase neo-liberalista (quando, a partir dos anos 90 e mais acentuadamente nos tempos atuais, promove o corte nos seus gastos, desfazendo-se das empresas-satélites, terceirizando empresas e serviços, eliminando as hierarquias, desempregando em massa, mas não abrindo mão da alta produtividade, inclusive com inovação tecnológica, e dos altos lucros advindos como consequência desse fato). Portanto, o neoliberalismo é responsável politicamente pelos desajustes sociais da cidade, e do município, e, porque não dizer, da região e do próprio país.

⁹ Ibidem.

No capítulo seguinte pretende-se esclarecer o que se entendeu sobre a produção do espaço urbano e sua relação com o capitalismo.

1.2 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E O CAPITALISMO

1.2.1 O Espaço Urbano

O espaço urbano tem sua organização disposta de forma a refletir a estrutura social na qual está inserido, sendo, no Modo de Produção Capitalista, o local privilegiado onde se desenvolvem as relações sociais que revelam a divisão social do trabalho, os conflitos existentes entre as classes sociais, bem como os interesses divergentes entre os elementos constitutivos de cada classe social – as frações de classe. Mas, como já foi dito antes, esse espaço urbano também vai interferir na formação social da qual faz parte, dentro do próprio processo de interação com esse espaço através dos agentes sociais.

Segundo as reflexões de LEFEBVRE, a busca da essência do fenômeno urbano exige o emprego de alguns instrumentos metodológicos importantes. Entre esses instrumentos, o filósofo destaca os termos “função”, “estrutura”, e “forma”. Quanto ao primeiro termo, sua análise distingue as funções inerentes à cidade, funções da cidade em relação ao território (campo, agricultura, cidades menores e subordinadas numa rede) e, finalmente, as funções da cidade – de cada cidade – no conjunto social (divisão técnica e social do trabalho entre as cidades, redes diversas de relações, hierarquias administrativas e políticas). Sobre essa categoria, o autor citado ainda adverte sobre a necessidade de considerar o duplo caráter das funções da cidade: por um lado, um região administrada, dominada, e, por outro, uma cidade administrada, dominada.¹⁰

Com relação às estruturas, pode-se dizer que existe a estrutura da cidade – de cada cidade – sendo morfológica (paisagens, edifícios, casas, praças) e sociológica (distribuição da população, idade e sexo, categoria profissional). Mas também se tem a estrutura urbana da sociedade, além da estrutura social das relações cidade-campo.

A forma da cidade se traduz numa determinada disposição espacial, podendo ser do tipo quadriculado ou radiocêntrica, estando diretamente ligada às vias de tráfego. A forma refere-se ainda ao arranjo ordenado dos objetos que constituem a cidade.

SANTOS, que também destaca o uso destas categorias para a análise do espaço, as mesmas devem ser analisadas conjuntamente. Cada categoria tomada de forma isolada representa apenas realidades também isoladas, fragmentadas. Porém,

¹⁰ LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991. p. 54.

consideradas em conjunto e de maneira relacionada, essas categorias permitem a construção de uma base teórica e metodológica a partir da qual se podem discutir os fenômenos espaciais em sua totalidade.¹¹.

Nas leituras feitas sobre a produção do espaço urbano, percebeu-se que as várias mudanças econômicas, políticas e culturais sofridas pela sociedade de modo geral refletem diretamente sobre o cotidiano das pessoas. De uma forma ou de outra, os processos acelerados de modernização, industrialização e tecnologia de ponta, a globalização e as políticas adotadas por certos países, têm contribuído para o crescimento desordenado de cidades sem infra-estrutura necessária para atender necessidades básicas da população.

A produção e reprodução do espaço urbano de Cocal do Sul, bem como sua relação com a Cerâmica Eliane, faz parte desse contexto, o qual será avaliado a partir de categorias de análises que têm relações com desdobramentos práticos do dia a dia.

Primeiramente, analisemos o que vem a ser “produção”, no âmbito desta pesquisa.

Para MARX,

(...) na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral.¹²

As relações de produção de uma sociedade é que determinarão as condições materiais ali existentes, em determinados momentos históricos. Elas traduzem-se da forma como os homens se relacionam entre si – através do trabalho, forma de propriedade, modo pelo qual as coisas são produzidas, distribuídas e consumidas.

Esta relação constitui-se de maneira vertical, ou seja, há uma maioria empobrecida, que produz em troca de um salário que, em princípio, deve prover pela sua subsistência, além de incentivar o consumo desta mesma produção, mas que não permite avançar da situação em que se encontram. Por outro lado, há uma minoria que se mantém no comando e influencia, permite e espera que essa situação continue.

¹¹ SANTOS, Milton. **As metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

¹² MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 24.

Segundo STORPER e WALKER apud GOTTDIENER,

*confundir trabalho com verdadeiras mercadorias significa adotar os seguintes pressupostos incorretos: o trabalhador é a mesma coisa que os objetos de trabalho, a produção é um exercício puramente técnico, um sistema de maquinaria que os trabalhadores não têm como dirigir, ou para o qual não contribuem..., o processo de produção é desprovido de relações sociais e vida social que afetem o comportamento do trabalhador.*¹³

Em sua concepção MARX, refere-se à “base concreta” (conjunto das relações de produção) que influi de modo determinante da superestrutura, ou seja, nas concepções político-jurídicas, filosóficas, religiosas, éticas, artísticas, bem como em algumas de suas formas institucionalizadas através do Estado.

A base concreta corresponde à infra-estrutura (estrutura econômica da sociedade a qual condiciona a existência social e as formas de Estado), enquanto a superestrutura refere-se à consciência social da própria infra-estrutura.

Entretanto, MARX não compreende a produção como fenômeno exclusivamente material, mas também para a formação social e econômica, pois a sociedade produz suas relações políticas e ideológicas.

Assim, a “superestrutura” tomada por MARX não deve ser vista como algo passivo, compreendida numa relação base-determinante x superestrutura-determinada. Quando o referido autor escreve que *o modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral*¹⁴, conclui-se que infra-estrutura e superestrutura são aspectos organicamente articulados correspondentes a uma dada realidade social.

O modo de produção implica na vida dos seres humanos tão fortemente que estes ficam presos ao sistema, ficam reduzidos a peças que permitem a evolução econômica, esquecem-se como homens, esquecem-se da própria história, o que, por sua vez, impede que se reconheçam como oprimidos, que tomem consciência de sua situação e o lugar que ocupam na sociedade. Impede, enfim, a luta de classe.

A reprodução destes mecanismos, não casual, mas pré-determinada pelo sistema de produção capitalista, permite que se estabeleçam a cultura, o espaço, o modo de pensar e viver da sociedade.

¹³ STORPER e WALKER apud GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1997. p. 85.

¹⁴ MARX, op. cit., p. 24.

Dessa forma, faz-se necessário um estudo, ainda que sucinto, sobre a produção e sua ligação com o espaço, matéria que veremos a seguir.

1.2.2 O Espaço e sua Relação com os Modos de Produção: Condição Necessária para a Existência do Capitalismo

Teoricamente, “espaço” pode ser conceituado de várias formas. Até recentemente, os geógrafos dedicaram muito tempo na tentativa de conceituarem, de modo definitivo, o “espaço”. Entretanto, nenhum deles conseguiu definir a verdadeira abrangência dessa expressão. Todos admitem, entretanto, que tal definição é de imenso valor para a geografia.

Inicialmente, o espaço era considerado pelos geógrafos como sendo uma realidade neutra, porém concreta, que apenas continha dados. A esta realidade neutra, entretanto, poderiam ser acrescentadas outras realidades, não tão neutras assim, como as relações e acontecimentos entre aqueles ditos “dados”, que seriam fragmentos de um complexo maior, independentes entre si, embora perfeitamente articulados.

Deste modo, uma determinada relação social necessitaria, sempre, de uma base concreta para transformar-se numa relação material. Esta base concreta é que seria o “espaço”, podendo atuar ora como efeito, ora como consequência daquela relação social. A realidade social se auto-reproduziria à medida que as relações sociais tomassem o espaço material como seu fator determinante, ao mesmo tempo em que contribuiria para a sua formação como um todo.

Para LIPIETZ,

*Toda prática, toda relação social se inscreve em uma totalidade concreta sempre já dada, que a determina como sua condição de existência, condição que, à medida que ela é material, tem uma dimensão espacial (...) na reprodução social, o espaço material aparece ora como um efeito destas relações, ora como um determinante dessas relações.*¹⁵

O espaço reproduz relações sociais existentes naquele ambiente, por ele é possível determinar uma série de fatores presentes aí, como o nível socioeconômico das pessoas, ideologia, modo de vida etc. Isto porque, através dele, é possível fazer várias análises e interpretações, pois nele estão contidas as realidades da população.

Desde os autores clássicos, as teorias que abordam o espaço social não conseguiram dar conta da totalidade de aspectos que envolvem este conceito. Conforme

¹⁵ LIPIETZ, Alain. **O capital e seu espaço**. São Paulo: Nobel, 1987.

HARVEY, as diferentes práticas humanas estabelecem diferentes conceitos de espaço. Porém, a questão vem se mostrando mais complicada, o que fez com que, atualmente, a definição de “espaço” tomasse outro rumo: o espaço pode ser observado de três maneiras distintas. Na primeira, são considerados apenas os pontos concretos e visíveis do espaço em si mesmo. Este modo de observação é aquele utilizado pelo agrimensor. Na segunda, são consideradas, também, as existências, dentro do espaço, de objetos que mantêm determinadas relações entre si, relações estas que podem apresentar os próprios objetos de maneira diferente da aparente. É o espaço relativo. Numa terceira maneira, o espaço é considerado como sendo o conteúdo de si mesmo, ou seja, o produto das relações existentes entre os objetos ali apresentados. Assim como os reflexos que estas relações causam no próprio espaço. Este é o chamado “espaço relacional”. É o conceito mais utilizado pelo geógrafo na atualidade.

A sociedade capitalista se apresenta como um mundo em que o modo de explorar os recursos naturais e as relações que os homens estabelecem entre si são determinados pela produção de objetos para a troca (mercadorias) e pela busca sistemática do lucro. O sistema capitalista se caracteriza pelo aproveitamento das oportunidades existentes para transformação de um capital em valor maior, sendo que a mentalidade capitalista, como sabemos, está fortemente ligada à produção e ao lucro, bem como com o espaço onde se implantam os mecanismos que possibilitam essa produção e esse lucro. O que parece importar mais, no capitalismo, é escolher um local onde a mão-de-obra seja barata e, portanto, mais lucrativa. O capital reflete as relações sociais de produção num determinado espaço, e é por meio dele que a sociedade se reproduz.

Quanto às características da produção espacial no capitalismo, LIPIETZ lembra que:

*Espacialmente, o desenvolvimento do capitalismo se caracterizará pela fixação de unidades de produção (capital fixo) em função de um cálculo de rentabilidade privada, tendo em conta a capacidade de apropriar-se de modo mercantil dos objetos do trabalho e da força do trabalho, e de escoamento dos produtos no mercado.*¹⁶

A relação de trabalho típica da sociedade capitalista é o trabalho assalariado, no qual as mercadorias são produzidas com base na troca de trabalho por salário. Aparentemente, a relação entre o capitalista e o trabalhador é marcada pela liberdade e pela igualdade, isto é, cada um é dono de sua vontade. O capitalismo compra a força e

¹⁶ LIPIETZ, op. cit., p. 35.

não a pessoa do trabalhador. Ocorre que o salário não é justo, serve apenas para manter a sobrevivência do trabalhador. A noção de justiça não faz parte do cálculo capitalista.

O capitalismo sobressaiu-se aos outros modos de produção, acabando por extingui-los. A grande massa de trabalhadores que não tiveram sua força de trabalho ocupada formou o que MARX chamou de “exército de reserva de mão-de-obra”, já mencionado neste trabalho.

Toda a acumulação de riquezas na sociedade capitalista, ou seja, todo o capital obtido através da mais-valia, nada mais é do que o trabalho humano acumulado e mal pago. O capital, produto do trabalho humano, surge como a forma que oprime e explora esse mesmo trabalho humano, a força do trabalho tornando-se fonte de lucro do capitalista, vez que resulta da mais-valia, isto é, de um tempo de trabalho humano não pago. Assim, tem-se de um lado aqueles que controlam os meios de produção, os capitalistas. De outro, uma classe de trabalhadores “livres”. A atual fase histórica do modo de produção capitalista, com toda a sua complexidade inerente, torna insuficiente a análise da luta de classes, enquanto constituída por estas duas classes antagonicamente definidas. Mas a luta de classes continua existindo, com uma configuração dotada de uma série de novas especificidades – próprias das mudanças de cunho social, político, cultural e econômico-tecnológico, de um mundo intensamente modificado pela transformação técnico-científica e dotado de crescente complexidade estrutural.

Parece óbvio que a industrialização de um espaço resulte em sua urbanização. No caso da cidade de Cocal do Sul, a forma como se deu a urbanização será discutida no capítulo.

1.3 INDUSTRIALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO

LEFEBVRE (1991, p. 03), falando sobre industrialização e urbanização, faz-nos entender que, historicamente, as cidades preexistem a indústria. É na cidade que se concentra a atividade industrial. Enquanto um aglomerado populacional tem por função a produção da mais valia na indústria e a realização do lucro, configura-se também como mercado de consumo e propicia a formação de um mercado de trabalho.

Até a crise de 1929, a economia brasileira enquadrava-se no modelo primário-exportador. A atividade industrial era reduzida, o que determinava a dependência direta do crescimento econômico à demanda externa pelos produtos nacionais.

Com a crise, porém, a economia brasileira rompe com esse padrão, passando a concentrar-se mais no desenvolvimento interno e estabelecendo novas condições de acumulação.

A formação das metrópoles brasileiras acompanhou o crescimento industrial. Conforme Milton Santos (1998, p. 69), a partir dos anos 70 o processo de urbanização, que havia se iniciado na década de 30, junto com a industrialização implementada por Getúlio Vargas, e principalmente a partir da década de 50, com as idéias industriais de Juscelino Kubitschek, alcança novo patamar, tanto do ponto de vista quantitativo, como do ponto de vista qualitativo. No entanto, a rápida urbanização não foi seguida de uma correspondente expansão dos serviços urbanos necessários à sobrevivência da classe trabalhadora nos grandes centros urbanos, ou seja, os serviços de consumo coletivo essencial à reprodução da força do trabalho na cidade: os transportes, o saneamento, a eletrificação, a saúde, a rede de água e de esgoto, a educação e a habitação.

Mesmo sendo necessários para a sobrevivência do trabalhador, que por sua vez representam reprodução da força de trabalho, os serviços de consumo coletivo, no pensamento dos empresários capitalistas, parecem não ser necessários, porque eles estão mais preocupados com a acumulação do capital, e não há da parte deles interesse nesse investimento. O que se percebe é que esses serviços de consumo coletivo simplesmente inexistem para parcelas inteiras da população de uma cidade, ou, se existem, são precários.

No caso da cidade em estudo o que ocorreu parece ter sido ao contrário: a empresa “preocupou-se” com esses serviços básicos, conseguidos através dos poderes

públicos constituídos, pela força política e econômica que os donos da empresa exerciam sobre esses poderes, principalmente o local. Por outro lado, manifestando essa “preocupação”, os empresários ganharam a simpatia da sociedade.

Vejamos, de forma resumida e retrospectiva, como se formou o poder político e econômico brasileiro, como se revela o modelo de expansão capitalista, e como essa formação e essa revelação se processam no Estado de Santa Catarina, onde está localizada a cidade de Cocal do Sul, objeto deste trabalho.

A partir de 1930, a composição do poder político e econômico brasileiro modificou-se, em função da atuação de forças contrárias à situação. O poder, então, não era mais formado por blocos de forças agro-exportadoras, mas também de forças urbano-industriais. A indústria brasileira passou a ganhar novo dinamismo. Ocorreram mudanças na composição setorial e, ao mesmo tempo, era fortalecida a capacidade industrial instalada. Primeiro, foi a indústria têxtil (considerável já na década de 20), a qual entrou em cena logo após o ciclo do café. Depois, seguiu-se a indústria de bens de consumo simples, indústria de materiais de construção, indústria de bens de consumo duráveis, e indústrias química e mecânica pesada.

Também aí se revela o modelo de expansão capitalista “selvagem” adotado na sociedade brasileira. O crescimento desordenado das cidades tirou o trabalhador do campo, resultando numa imensa mão-de-obra barata. A situação de pauperismo imposta à classe trabalhadora, devido aos baixos salários, é agravada ainda mais pelas difíceis condições de vida nas grandes cidades.

Esse comportamento econômico manifesta-se também, como não poderia deixar de ser, em Santa Catarina, onde a industrialização articulou-se com os centros mais dinâmicos do Brasil: Rio de Janeiro e São Paulo. Acrescente-se que, além da pequena produção mercantil existente no Estado, outros fatores contribuíram para que ocorresse aqui um impulso industrial. A partir de 1903, o estado fora alvo da preocupação estatal pela criação de infra-estrutura, culminando na construção de portos, ferrovias e obras de urbanização, bem como a instalação de hidroelétricas e ampliação de redes ferroviárias. Toda essa infra-estrutura visava o escoamento – através da exportação – da produção de madeira (norte do Estado), erva-mate (Oeste), produtos manufaturados (Vale do Itajaí) e carvão (Sul).¹⁷

¹⁷ BOSSLE, Ondina Pereira. **Henrique Lage e o desenvolvimento sul-catarinense**. Florianópolis: UFSC, 1981. p. 37.

Com o início da Primeira Guerra, as importações tiveram que ser substituídas pela produção interna. Isto provocou um crescimento instantâneo na industrialização do país, e Santa Catarina, por causa da redução da importação de combustíveis, teve suas exploradoras de carvão mineral majoradas. Como consequência, no período entre 1914 e 1945 ocorreu a constituição de núcleos urbanos em alguns pontos do Estado, o que fortaleceu a economia catarinense. Esses núcleos situavam-se principalmente nas zonas onde a colonização européia já se encontrava consolidada. Partindo deste período, notou-se uma maior divisão do trabalho entre o meio rural e o urbano, tornando as inter-relações econômicas mais complexas.¹⁸

Neste contexto, problemas urbanos foram surgindo, se modificando de acordo com a região, e, com a falta de planejamento, seria inevitável o surgimento de *idades caóticas*.

Para SANTOS, *a organização interna de nossas cidades, grandes, pequenas e médias, revela um problema estrutural, cuja análise sistêmica permite verificar como todos os fatores mutuamente se causam, perpetuando a problemática*.¹⁹

Dentre estes fatores temos o grave impasse no setor habitacional, onde os trabalhadores são responsáveis pela construção da casa própria, difícil de se concretizar, tendo em vista a situação financeira dos mesmos. Isto tem gerado o incremento do sistema imobiliário, que através da especulação financeira, tem movimentado milhões de dólares. Outra questão são as políticas habitacionais adotadas pelos governos, alicerçadas em juros e impostos, que acabaram se transformando em dívida progressiva crescente.

Conforme o pensamento de GOTTDIENER,

o mercado imobiliário, sua infra-estrutura de apoio e frações de classe associadas – constituem o setor da propriedade do capitalismo tardio. O ponto essencial no caso do bem imóvel é que se trata de uma mercadoria que possui seu próprio mercado. (...) sua viabilidade como mercadoria industrial é função do próprio espaço, do conjunto de decisões sobre a localização.²⁰

Cabe aqui observar que a teoria da *mais valia*, de MARX, estende-se ao mercado imobiliário.

¹⁸ CUNHA, Idaulo J. **Evolução econômico-cultural de Santa Catarina**. Florianópolis: FCC, 1982. p. 82.

¹⁹ SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 97.

²⁰ GOTTDIENER, op. cit., p. 179.

Em Cocal do Sul o poder político e econômico, que estava nas mãos de pequenos comerciantes e pequenas manufaturas, ganhou força a partir da instalação da indústria cerâmica, já em 1954. O processo de expansão do modelo capitalista instala-se a partir da chegada da cerâmica Eliane, que consegue inclusive projeção internacional.

No capítulo seguinte serão discutidos, resumidamente, aspectos gerais do município de Cocal do Sul, ligados ao tema central do presente trabalho.

2.1 ASPECTOS GERAIS DO MUNICÍPIO

O município de Cocal do Sul situa-se ao Sul de Santa Catarina (Figura 1). Limita-se, ao Norte, com Urussanga; a Oeste, com Siderópolis; a Leste, com Pedras Grandes; ao Sul, com Criciúma e Morro da Fumaça. Possui uma área de 81,10 quilômetros quadrados e conta com uma população de 13.708 habitantes, sendo que 83,13% deles residem na área urbana.²¹

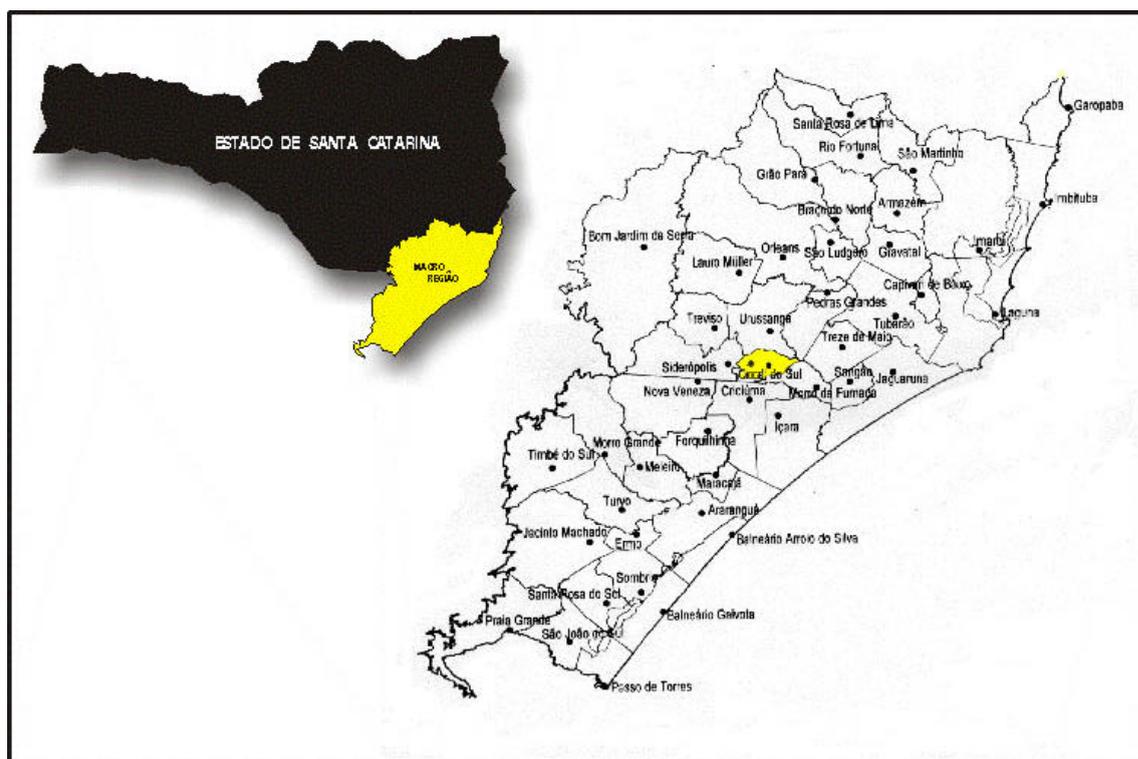


Figura 1: Localização da área de estudo.

De acordo com o mapeamento geomorfológico do atlas que consultamos (SC, 1996,) a área urbana do município faz parte da região da Depressão da Zona Carbonífera Catarinense, onde predominam as formas de relevo côncavo-convexas, com vales abertos. Localiza-se mais precisamente na confluência dos rios Cocal e Tigre. Tem altitudes variando de 40 metros a pouco mais de 100 metros. A população urbana povoa o vale, e estrutura-se ao longo da rodovia SC-446²², que liga a cidade a Criciúma, para o Sul, e Urussanga, para o Norte.

²¹ De acordo com o censo do IBGE, de 1996.

²² SANTA CATARINA. **Plano básico de desenvolvimento ecológico-econômico**. v. II. Florianópolis: AMREC/UNESC, 1997.

A colonização de Cocal, predominantemente italiana, iniciou-se em meados de 1885, quando começaram a ser povoadas as terras às margens do Rio Cocal, ao longo da estrada que ligava Urussanga a Criciúma. A ocupação se deu por famílias italianas, vindas das províncias de Beluno e Treviso, integrantes da região do Vêneto, na Itália. Urussanga, município sede, já contava, nessa época, com 6 anos de povoamento. Tratava-se de um importante núcleo de colonização, que compreendia, além da própria Urussanga, as colônias de Azambuja, Criciúma, Treze de Maio e Rio Cocal.

A partir de 1875, levas de imigrantes se estabeleceram na zona do Litoral Sul, formando os núcleos mais importantes: Urussanga, Azambuja, Turvo, Nova Veneza e Tubarão, onde se concentrou grande número de italianos, prevalecendo esmagadoramente entre os grupos participantes das correntes migratórias no Brasil.

De início, o povoamento da colônia Accioli de Valconcellos²³ – ou Rio Cocal – recebeu 400 famílias, das quais 200 eram italianas e, as restantes, polonesas, russas e alemãs. Os lotes urbanos mediam 25 metros de frente, com 60 metros de lado²⁴. Os lotes rurais, por sua vez, mediam 275 metros de frente por 1.100 metros de lado. Nessa época existiam em Rio Cocal quatro colônias: Linha Tigre, Linha Espanhola, Linha Ferreira Pontes e Linha Cabral. A predominância era da pequena propriedade, assim como da policultura de subsistência.

Lendo os livros editados pelo historiador Pe. João Leonir Dall'Alba, que incluem alguma pesquisa, ainda que esparsa, sobre os primórdios de Cocal do Sul, a qual resumimos aqui, e a tomamos por considerar certos dados importantes, descobrimos que, nos primeiros anos de colonização, os imigrantes enfrentaram muitas dificuldades: além do trabalho árduo, ainda lidavam com a dura vigilância de soldados. Inicialmente, os colonos procuraram as atividades que lhes eram conhecidas, como a agricultura e a pecuária. Dessas atividades tiravam a alimentação para si e para a comunidade. Como principais culturas havia a cevada, o feijão, o arroz, a cana-de-açúcar, o café, o fumo e o milho. Esta última atividade destacava-se, pois era a única a ser comercializada. O beneficiamento do milho fazia-se através da atafona, aproveitadas as águas do Rio Cocal, que atravessava perpendicularmente as áreas colonizadas, e que emprestou o segundo nome à cidade de Accioli de Vasconcelos.

²³ Accioli de Valconcelos foi Inspetor de Terras e Colonização, emprestando seu nome a um núcleo de colonização no sul da então província de Santa Catarina. O núcleo referido era conhecido, também, como Rio Cocal.

²⁴ PREFEITURA MUNICIPAL DE COCAL DO SUL. **Histórico da Imigração de Cocal do Sul**. 1993. p. 02.

A primeira manufatura do distrito de Rio Cocal teria sido uma atafona, pertencente à família Cechinel (uma das primeiras famílias de colonos da região). Depois vieram serrarias, alambiques de cachaça, engenhos de açúcar grosso, selarias (para a fabricação de arriames para animais).

O primeiro estabelecimento comercial de Rio Cocal, denominado de “venda”, pertenceu também à família Cechinel.

A estrada que atravessava a colônia (e que ligava Criciúma a Pedras Grandes), era, na época, principal via de escoamento de produtos, e por isso assumiu importância vital nesse período. Pedras Grandes era o centro de escoamento. Então a citada estrada permitiu a sociabilização entre os colonos (através das relações de vizinhança), além abrigar, numa de suas margens e de forma aglomerada, a capela, o salão de festas e a escola. No trajeto dessa estrada, em direção ao Norte, localizava-se também Urussanga, da qual Rio Cocal distanciava-se 12 quilômetros.

É interessante ressaltar que o escoamento de produtos de pouco valor (como o milho) através da ferrovia, que existia na época na região, passando por Rio Cocal, não era compensatório devido ao preço elevado das tarifas de transporte. Como havia uma outra estrada, que ligava Rio Cocal a Beluno, núcleo da colônia de Nova Veneza, onde havia estação de trem, os colonos poderiam levar seus produtos através dela até Beluno para serem transportados para Pedras Grandes. A estrada, porém, não era boa, e os colonos eram obrigados a carregar a carga nas costas, por uma distância que chegava a 15 quilômetros. Tais dificuldades fizeram com que a maior parte dos produtos coloniais de Rio Cocal fosse vendida aos negociantes da própria colônia.

Agricultores e comerciantes exerciam suas funções com base, geralmente, no escambo. Os bens produzidos pelos colonos eram trocados nas “vendas” por mercadorias como sal, ferramentas, tecidos, utensílios domésticos. Desta forma, não ocorria, para o colono, a acumulação original de capital. Para os comerciantes, a acumulação se viabilizava através do monopólio da circulação, ou seja, da intermediação dos produtos coloniais.

Esse capital foi aplicado na aquisição de novas terras e na instalação de pequenas indústrias de manufatura, o que determinou o início da industrialização da atual Cocal do Sul.

Veremos, a seguir, a relação entre a acumulação do capital e o início da indústria no distrito de Cocal.

2.1.1 A Acumulação do Capital e o início da indústria no distrito

O crescimento da indústria no distrito de Cocal iniciou-se por volta de 1920, com o surgimento de pequenas propriedades, que utilizavam o trabalho familiar e que absorviam a produção da agricultura e pecuária locais.

Já no início do século, por causa da localização e da existência de estradas que ligavam o distrito a outras vilas um pouco maiores, Cocal era considerado um centro comercial importante, ao lado de Laguna e Tubarão. Os colonos do planalto desciam a serra com a finalidade de comercializar ali seus produtos. Traziam consigo o charque, o queijo e suínos vivos, destinados à engorda. Esses produtos eram trocados com os negociantes da vila, que pagavam com tecido, sal, querosene e medicamentos²⁵.

A suinocultura era a atividade que mais se destacava, cuja produção era comercializada na região Sudeste do país. Cocal contava desde 1910 com uma cooperativa, a qual congregava mais de 100 sócios. As atividades da cooperativa intensificaram-se 10 anos depois (quando da ascensão da suinocultura), e envolviam o abate, a industrialização e a comercialização da carne suína. A família Búrigo possuía, nesta época, uma fábrica de produtos suínos, aparelhada com um sistema de canos e bicos acesos à base de carboreto, para uso exclusivo, estendido também à loja comercial da família²⁶.

Havia também uma fábrica de cerveja que vendia seus produtos (incluindo refrigerantes) para o distrito, como também para Criciúma e Urussanga.

A energia elétrica chegou à então colônia em 1932, sendo fornecida – novamente – pela família Cechinel. Era gerada em corrente contínua com um dínamo movido a força hidráulica. Inicialmente, permanecia ligada das 19 horas às 23 horas.

Em 1939, iniciaram-se as atividades da “Sociedade de Banha Cocal”, a qual era composta por 42 sócios. Alguns anos mais tarde, surgiu a Ferraria Bettiol, atividade tradicional daquela família já na Itália.

²⁵ BÚRIGO, Vinícius. Entrevista. 1999.

²⁶ Ibidem.

Havia também pequenos estabelecimentos comerciais, chamados “vendas”, cujos proprietários faziam, também, às vezes de banqueiros, emprestando dinheiro aos colonos, ou guardando economias alheias com relativa segurança.

Com o surgimento de novas alternativas para o escoamento da produção agrícola e pecuária de regiões vizinhas, principalmente do planalto serrano, somado à crescente precariedade que tomava as estradas que ligavam Cocal a outras vilas, o distrito foi, pouco a pouco, perdendo importância comercial. Pelo mesmo motivo, dificultou-se em muito a comercialização dos produtos de Cocal em outras praças. O trajeto para o comércio fora da vila previa o caminho até Pedras Grandes em carros-de-boi. No inverno, quando geralmente as estradas eram intransitáveis, os sacos de produtos precisavam ser carregados nas costas pelos próprios colonos. De Pedras Grandes a Laguna o trajeto era feito por barcos, e de Laguna os produtos seguiam ao Rio de Janeiro. Dali vinham os produtos mais "raros" para Cocal, sempre encomendados com antecedência.

A produção agrícola, de certa importância para o então distrito de Cocal até os anos 40, conheceu os primeiros sinais do declínio ainda na década de 50, o que se intensificou nas décadas seguintes, em função das famílias buscarem emprego na indústria carbonífera.

Com a abertura das minas de carvão na região (na década de 40), Cocal apresentou um declínio de 19,5% na sua população urbana, que era de 227 habitantes em 1940 e passou a 190 em 1950. O pequeno desenvolvimento industrial experimentado pelo distrito (surgido a partir do capital acumulado pelos comerciantes) se contraiu, pois eles deixaram a colônia e instalaram-se nos novos centros comerciais, principalmente Criciúma, levando consigo o capital. Os que permaneceram no distrito não conseguiram manter-se ativos, falindo em poucos anos.²⁷

A população urbana somente voltou a progredir nos anos 60, com a aquisição, por parte de Maximiliano Gaidzinski, da Cerâmica Cocal, atual Eliane²⁸, quando então deixou de existir o distrito cuja economia baseava-se nos abates suínos, na indústria de cerveja, nas atafonas, nos estabelecimentos que vendiam de tudo e que, inclusive, faziam às vezes de banco, para surgir o distrito da produção cerâmica. Cocal iniciou, então, assim, uma nova história.

Sobre a cerâmica Eliane falaremos no próximo capítulo.

²⁷ I.O.D. Entrevista. 1999.

²⁸ Conforme censos do IBGE, 1940, 1950, 1960 e 1970.

3.1 A INDÚSTRIA CERÂMICA: CONTEXTO HISTÓRICO E ORIGEM

A utilização de materiais cerâmicos para revestimentos tem origem bastante antiga – século VI a.C. Ao longo dos séculos posteriores, sua produção e emprego sofreram alterações de caráter artesanal e de preço elevado, o que permitia acesso somente a consumidores de alta renda, passou, a partir do pós-guerra, a ter produção industrial, tornando-se acessível a uma faixa maior de consumidores, e para uso em diferentes ambientes. No Brasil, a indústria de cerâmica para revestimento surgiu a partir de antigas fábricas de tijolos, blocos e telhas cerâmicas, que, já no início do século XX, começaram a produzir ladrilhos hidráulicos e, mais tarde, azulejos, pastilhas cerâmicas e de vidro.²⁹

A cerâmica de revestimento constitui-se num segmento da indústria de transformação, inserida no ramo de minerais não-metálicos, tendo como atividade a produção de uma variedade de produtos destinados ao revestimento de pisos e paredes. Representa, ao lado da cerâmica vermelha, louças, cal e vidro, uma cadeia produtiva que compõe o complexo industrial de materiais de construção.

Na primeira metade dos anos 60, o setor cerâmico foi sustentado pela crescente urbanização, que, no Brasil, foi concomitante ao processo de industrialização. Esta, por sua vez, decorreu do desenvolvimento do "Plano de Metas" e, principalmente, das políticas públicas que passaram a fazer parte da agenda política brasileira.³⁰

Atualmente, o segmento brasileiro de cerâmica de revestimento é composto por cerca de 160 empresas, das quais 120 dedicam-se à produção de pisos e azulejos. O restante desenvolve atividades relacionadas à produção de cerâmica não-esmaltada e de louças sanitárias. As empresas são, em sua quase totalidade, de propriedade de capital nacional, e apresentam pequeno, médio ou grande porte.³¹

O Brasil situa-se entre os maiores produtores mundiais de cerâmica de revestimento, sendo superado apenas pela produção da China, Itália e Espanha (Tabela 1).

A produção brasileira acha-se concentrada em apenas duas regiões – sul e sudeste. Porém, as maiores e mais modernas indústrias cerâmicas estão sediadas em

²⁹ SOARES, Felipe. **Furacão de argila**. Revista Expressão, v. 46, out/93. p. 47.

³⁰ SHMIDT, Benício V. e FARRET, Ricardo L. **A questão urbana**. p. 20

³¹ CARIO, Silvío, A. F. et al. **O cluster da indústria cerâmica de revestimento em Santa Catarina: um caso de sistema local de inovação**. Florianópolis: UFSC, 1999. p. 04.

Santa Catarina, mais precisamente na sua Região Sul, sendo o estado responsável por cerca de 30% da produção brasileira e por cerca de 70% das exportações.³²

Tabela 1: Principais produtores mundiais da indústria de revestimentos cerâmicos (1989 – 1998, em milhões de m²/ano).

Países	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1998
China	-	-	-	-	-	-	500,0	900,0	1400,0
Itália	-	-	423,0	440,0	459,0	510,0	568,0	600,0	589,0
Espanha	-	-	228,0	261,0	281,0	320,0	400,0	420,0	564,0
Brasil	213,2	172,8	186,9	215,7	262,9	283,5	295,0	336,0	401,0
Turquia	-	-	-	-	-	80,0	90,0	100,0	154,0

Fonte: Anfacer, 1999.

Criciúma, Içara, Cocal do Sul, Urussanga, Tubarão e Imbituba são os municípios que têm na indústria cerâmica uma das suas principais atividades econômicas, o que faz a região Sul de Santa Catarina ser conhecida como o pólo da indústria cerâmica no Brasil.

A origem da indústria cerâmica de revestimento em Santa Catarina é recente. Foi implantada na Região Sul do Estado no final da década de 40 como resultado da diversificação econômica buscada a partir da atividade mineradora. A exploração do carvão foi a precursora do desenvolvimento urbano-industrial dos municípios que compõem a microrregião carbonífera³³. Essa tendência ainda foi motivada pelo fato de Santa Catarina possuir em seu território a terceira maior reserva de argila do país (11,95%) e quartzo (18,03%, e a quinta de caulim (3,32%), matérias-primas básicas para a produção de revestimentos cerâmicos.³⁴

Assim, a quase totalidade da quantidade de argila consumida pelas indústrias sul-catarinenses é fornecida pelo próprio estado, enquanto que o caulim apresenta um fornecimento igualmente dividido entre Santa Catarina e o Rio Grande do Sul, conforme tabela 2.

A mais antiga cerâmica catarinense já havia sido instalada em 1919, em Imbituba. Assim, tempos depois, embora muito antes da atividade mineradora atingir sua crise mais aguda, a região sul-catarinense já havia procurado outros caminhos para o

³² Ibidem, p. 1.

³³ A micro-região carbonífera compõe-se pelos municípios de Criciúma, Içara, Urussanga, Lauro Müller, Siderópolis, Nova Veneza, Forquilha e Cocal do Sul.

desenvolvimento de sua economia. O pleno desenvolvimento da indústria cerâmica, em especial na cidade de Criciúma, resultou numa maior participação da microrregião no mercado nacional e internacional.

Tabela 2: Origem das matérias-primas* - 1987. (Em %)

Matérias-Primas	RS	SC	PR	SP	MG	PB
Argila	-	99	-	-	1	-
Caulim	34	65	-	-	1	-
Calcário	-	-	100	-	-	-
Chamote	-	100	-	-	-	-
Bentonita	-	-	-	-	-	100
Talco	-	-	100	-	-	-
Silicato	-	-	-	100	-	-
Fritas e corantes	-	96	-	-	-	-
Filito	-	-	-	-	-	-
Quartzo	-	100	-	-	-	-
Embalagens	-	100	-	-	-	-

Fonte: BRDE, 1987 apud BADESC

*Consumidas pelas empresas cerâmicas catarinenses.

A presença de um pólo cerâmico cada vez mais sólido no sul de Santa Catarina resultou na criação de economias externas e aglomerados importantes economicamente, o que atraiu empreendimentos de outros locais (como multinacionais), ligados ao setor.

Os fornecedores das indústrias cerâmicas não ficaram parados. Criou-se na região uma indústria complementar, fornecedora de matérias-primas e serviços diversos relacionados ao setor, como mineradoras de matérias-primas, indústrias mecânicas e metalúrgicas (para fabricação de máquinas, equipamentos e até cerâmicas inteiras, por encomenda, inclusive para exportação), indústrias de esmalte, fabricantes de telas serigráficas, de estampa cerâmica, e mais uma série de insumos que alimentam essa cadeia produtiva³⁵. Conforme CÁRIO, formou-se na região, no início dos anos 70, o *cluster cerâmico, um anel de menos de 20 km em torno de Criciúma, sendo constituído pelo município-sede e por municípios menores, entre eles Içara, Urussanga, Morro da Fumaça e Cocal do Sul.*³⁶

³⁴ Diário Catarinense. **A importância da cerâmica em SC**. Informe especial. Florianópolis, ago/1996.

³⁵ Ibidem.

³⁶ CÁRIO, op. cit., p. 04.

Para SANDRONI, *cluster* é um "agrupamento de elementos comuns para determinado fim. (...) no setor industrial, o termo é usado quando se deseja, por exemplo, destacar agrupamentos ou ramos industriais dedicados à exportação que tinham alguma característica comum, como o fato de ser produtos de consumo de massa, bens duráveis, semiduráveis, etc". No caso em pauta, *cluster* designa o conjunto de empresas envolvidas no processo produtivo cerâmico, desde a obtenção da matéria prima até o embarque para o consumidor final. (SANDRONI, Paulo. Novíssimo dicionário de economia. São Paulo: Best Seller, 1999. p. 102. 649 p.)

Em 1976, concentrava-se na microrregião carbonífera 83,46% do pessoal ocupado e 84,95% do faturamento do setor catarinense (Tabela 3).

Tabela 3: Número de empresas cerâmicas de revestimentos, faturamento e pessoal ocupado por microrregiões (1976).

Microrregiões	Nº de cerâmicas de revestimento	Faturamento*	Pessoal ocupado**
Carbonífera	8	439.331	4.751
Colonial Serrana Catarinense	1	11.627	130
Litoral de Laguna	1	66.230	812
TOTAL	10	517.188	5.693

Fonte: Diagnóstico BRDE, apud pesquisa EGK, 1976.

*Cr\$1.000 valores de 1975

** Número de empregados

Além da abundância de matérias-primas na região, atribui-se o desenvolvimento da indústria cerâmica no sul catarinense às iniciativas locais, instituições de crédito, articulação comercial com o mercado nacional e a participação decisiva do Estado.

O incentivo federal à indústria cerâmica foi, sem dúvida, relevante para o sucesso da indústria cerâmica. Os bancos de fomento (BNDE, BADESC, PROCAP) exerceram grande influência no crescimento industrial cerâmico, mas foi a fundação do BNH – Banco Nacional de Habitação – o fator político decisivo. Além disso, a política de importações de capitais, iniciada no governo de Juscelino Kubitschek e estendida através dos governos posteriores – inclusive governos militares – determinou o desenvolvimento econômico e industrial (de modo geral). A exigência de mão-de-obra levou a migração para os centros urbanos, de tal forma que houve necessidade de

aumentar a oferta de moradias, já que a demanda elevava-se rapidamente. O governo criou mecanismos de incentivo às indústrias, linhas de financiamento e crédito direto ao consumidor, aumentando, desta forma, o consumo dos produtos cerâmicos.³⁷

Em 1979 o pólo sul-catarinense já estava consolidado e passou-se a verificar uma pulverização geográfica das indústrias cerâmicas no mapa do Estado. O setor de revestimentos cerâmicos tornou-se, então, um dos sustentáculos da economia catarinense, com presença particularmente marcante na região carbonífera. Numa fase expansiva, as indústrias utilizavam 100% da capacidade instalada de produção e, dadas as facilidades do mercado, podiam “escolher o cliente”, pois a demanda era maior que a oferta. Quanto à concentração e à acumulação por parte das empresas líderes, estas se davam mais pela aquisição de empresas marginais do que através da expansão das plantas industriais.³⁸

De modo geral, as empresas procuravam expandir-se verticalmente, dominando todo o processo produtivo, integrando-se para trás, ou seja, explorando as matérias-primas *cujo volume/peso é preponderante na composição do produto final. Entretanto, tal esquema já não ocorre com as fritas*³⁹, *cujas produção é realizada principalmente por empresas filiadas às multinacionais.*⁴⁰

Para suprir a demanda do mercado interno, os grandes produtores comercializavam seus produtos através de filiais ou revendedores e, estes, ao consumidor final.

A tecnologia em uso nas fábricas era a mais tradicional, utilizando-se de prensas manuais (de fricção) para produzir o "biscoito"⁴¹ e o sistema de queima em duas etapas (biquema), com fornos a túnel. E a maior parte de sua produção se destinava ao mercado interno.

Quanto às exportações, estas se iniciaram na década de 80 atingindo países de diversos continentes, somando em 1987 US\$ 55,9 milhões. Os Estados Unidos foram os maiores importadores, com 37% em 1985 e 34% em 1986, do total exportado pelo Brasil.⁴² As principais empresas exportadoras foram: a Eliane Exportadora Ltda, a

³⁷ SUZIGAN, Wilson et al. **Crescimento industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 1974. p. 73-74.

³⁸ BADESC. 1990.

³⁹ Fritas. Ou fritas metálicas são substâncias orgânicas encontradas em materiais minerais. No processo cerâmico, compõe, juntamente com os esmaltes e corantes, os chamados coloríficos, que dão o acabamento final aos produtos cerâmicos.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ Chama-se "biscoito" o pó atomizado, prensado, já na forma do produto final, pronto para ser secado, esmaltado e queimado.

⁴² BADESC, op. cit., p. 53-54.

Incepa - Indústria Cerâmica Paraná S/A, a Cecrisa – Cerâmica Criciúma S/A e a Incocesa – Indústria e Comércio de Cerâmica S/A.

Atualmente, utilizando as mais avançadas tecnologias disponíveis, desenvolvendo novos produtos e atendendo às rígidas normas técnicas internacionais, as empresas nacionais fazem seus produtos chegarem ao mercado externo, competindo igualmente com os maiores produtores mundiais. Como é possível observar na tabela 4, a maior parte das exportações brasileiras continua abastecendo os mercados da América do Norte, com 40%, seguidos pelos países do Mercosul, com 24%.

Tabela 4: Destino das exportações brasileiras de revestimentos cerâmicos.

CONTINENTES	PERCENTUAL EXPORTADO
América do Norte	40%
América Latina	19%
Europa	10%
Oceania	2%
África	4%
Ásia	1%
Mercosul	24%

Fonte: Anfacer, 2001.

Apesar da indústria cerâmica ser hoje a base da economia sul catarinense, durante o seu processo evolutivo o setor passou por algumas crises, em função da política nacional.

Durante toda a década de 80, o setor cerâmico enfrentou problemas de vendas junto ao mercado interno (além de oscilações na produção) bem antes que os outros setores. Nos primeiros anos dessa década, durante a crise da dívida externa, o setor deparou-se com dificuldades devido à retração do mercado da construção civil.⁴³

Na segunda metade da década de 80, o setor cerâmico sofreu sua maior crise. Os sucessivos choques que desorganizaram a economia do país, o desemprego e o baixo poder aquisitivo da população atingiram a construção civil e, conseqüentemente, a indústria cerâmica.⁴⁴ As indústrias, então, tiveram que recorrer às exportações, o que fez

⁴³ INSTITUTO EUVALDO LODI DE SANTA CATARINA. **Competitividade sistêmica da indústria catarinense.** p. 29.

⁴⁴ SANTA CATARINA, Op. cit., 1997. p. 327.

com que o setor buscasse desenvolvimento tecnológico que permitisse aos produtos brasileiros condições de concorrer no mercado internacional.⁴⁵

Na região sul de Santa Catarina, o setor sofria com a crise, o que determinou que fossem tomadas medidas estratégicas que suavizassem seus efeitos. Uma delas foi conceder férias coletivas à parte de seus funcionários, em dezembro de 1989, já que as indústrias cerâmicas estavam operando, em média, apenas com 60% da sua capacidade.⁴⁶

No início dos anos 90, durante o governo Collor, os sucessivos choques acabaram por desorganizar a economia. O nível de emprego caiu vertiginosamente e o poder aquisitivo da população alcançou patamares baixíssimos.⁴⁷

A partir da abertura às importações, ocorrida durante o governo Collor, as formas de atuação das empresas nacionais começaram a se modificar. O mercado passou a contar com um número bem maior de concorrentes, com preços e qualidade diferenciados. Outros fatores, como a queda da atividade econômica (principalmente na área da construção civil), a deterioração da renda média nacional e a falência do Sistema Nacional de Habitação, cujo braço financiador era o BNH, majoraram ainda mais a crise no setor. A ociosidade das fábricas do país chegava a atingir o patamar de 48% e, na região sul de Santa Catarina, bateu os 60 % (conforme Tabela 5).

Tabela 5: Ociosidade da indústria cerâmica de 1980-1994 (%)

ANO	REGIÃO SUL SC	BRASIL
1980	-	10
1985	29	-
1986	9	-
1987	18	-
1988	28	-
1989	20	-
1990	17	40
1991	60	48
1992	37	38
1993	23	27
1994	12	19

Fonte: Anfacer apud SANTOS, 1997.

⁴⁵ SANTOS, Maurício Aurélio dos. **Crescimento e crise na região sul de Santa Catarina**. Florianópolis: UDESC, 1997. p. 81

⁴⁶ Ibidem, p. 77.

⁴⁷ SANTA CATARINA, op. cit.

A crise geral por que passou o país atingiu a construção civil e toda a cadeia produtiva a ela relacionada. As cerâmicas, fortemente atingidas em seu mercado, recorreram novamente às exportações a fim de evitar o fechamento. As vendas e os empregos mantidos pelo setor chegaram a seu ponto mais baixo em 1990/1991, e esboçaram lenta recuperação a partir de 1992. Em meados de 93, a ociosidade da capacidade instalada aproximava-se dos 25%, mas foi somente em 1994 que a produção alcançou os patamares anteriores à crise.⁴⁸

Observando a tabela 5, nota-se uma ociosidade no setor, com relação ao Brasil, de 10% em 1980, 40% em 1990, 48% em 1991, com redução da ociosidade de 38%, 27% e 19% para os anos de 1992, 1993, e 1994, respectivamente.

Com um número relativamente pequeno de empresas, em 1997, o sul de Santa Catarina ocupava a posição de maior produtor nacional, com 11 empresas e 13 unidades industriais, sendo 2 empresas de grande porte (mais de 500 empregados), 5 de médio porte (entre 100 e 500 empregados) e 4 de pequeno porte (menos de 100 empregados), todas com capital 100% nacional. Havia uma concentração de 60% da produção nas 2 empresas de grande porte, que eram também as maiores cerâmicas do país (Eliane e Cecrisa), monopolizando a produção cerâmica na região. O principal centro consumidor era a Região Sudeste do país – aproximadamente 45% do consumo total seguido da Região Sul (com 28%) e da região centro-oeste (com 12%). O restante era absorvido pelos outros estados.⁴⁹

Atualmente existem três regiões produtoras de revestimento cerâmicos concentradas no Estado: a mais importante delas situa-se no Sul do Estado, abrangendo os municípios de Imbituba, Criciúma, Içara, Urussanga e Cocal do Sul; a segunda situada no município de Tijucas e a última situada no município de Mafra.⁵⁰

⁴⁸ SANTA CATARINA. **Plano básico de desenvolvimento ecológico-econômico**. V. II. Florianópolis: AMREC/UNESC, 1998.

⁴⁹ CÁRIO, op. cit., p. 24.

⁵⁰ BADESC, op. cit., p. 1.

As cerâmicas catarinenses se destacam pelos avanços tecnológicos, determinando as economias de escala da Região Sul e incentivando o desenvolvimento regional.⁵¹

Sobre o desenvolvimento do setor cerâmico de Cocal do Sul falaremos a seguir.

⁵¹ Ibidem, p. 1.

3.2 O DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA CERÂMICA DE COCAL DO SUL

A instalação da indústria cerâmica do então distrito de Cocal teve suas razões. Em 1947, Júlio Gaidzinski detinha um projeto para a instalação de uma indústria cerâmica em Criciúma. Conhecia a fábrica de azulejos montada em Imbituba, a qual estava sob o comando do técnico em cerâmica Alfredo Celeste Del Priori. Associando-se ao irmão Maximiliano e mais 11 pessoas, buscaram o técnico Del Priori para inaugurar, em 1948, a CESACA - Cerâmica Santa Catarina.⁵²

Logo após a fundação da CESACA, foi descoberto caulim em Cocal, pelo Sr. Silvestre Jaboinski, que perfurava um poço em sua propriedade. Posteriormente, foi encontrada uma jazida desse mesmo material em terras da Sociedade Colonial de Cocal Ltda.⁵³

Cinco anos mais tarde, Alfredo Del Priori deixou a Cerâmica Santa Catarina e articulou a formação de uma indústria cerâmica em Cocal. Maximiliano Gaidzinski, que havia trabalhado com Del Priori e, por isso, tinha com bons conhecimentos sobre a atividade, o substituiu na direção técnica da CESACA.

Ao final de 1953 e início de 1954, Del Priori, juntamente com outros operários da Cerâmica Santa Catarina que residiam em Cocal, reuniu as lideranças do local e, juntos, discutiram a possibilidade da instalação de uma cerâmica no distrito. As condições eram favoráveis, pois Cocal, além de possuir trabalhadores familiarizados com o setor cerâmico (cujo conhecimento havia sido adquirido na indústria cerâmica de Criciúma), dispunha de abundante matéria-prima básica: caulim e argila (materiais cujas jazidas haviam sido descobertas recentemente em Cocal), além de calcário e talco, que abasteciam, inclusive, a própria Cerâmica Santa Catarina⁵⁴.

Reuniram-se, então, 214 sócios do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e de diversos municípios de Santa Catarina, inclusive figurando a Igreja Matriz de Cocal. Foi fundada, em 21 de março de 1954, sob a liderança de Waldemar Naspolini, a "Cerâmica Cocal Ltda - Indústria e Comércio" no Distrito de Cocal, com um capital inicial de quatro milhões e seiscientos mil cruzeiros, representado por 460 quotas de dez mil cruzeiros. A cerâmica produzia, inicialmente, azulejos lisos e brancos, além dos

⁵² SOARES, op. cit., p. 46.

⁵³ ARNS, Otlia. **Criciúma 1880 – 1980**: A semente deu bons frutos. Florianópolis: Coordenação Geral de Pesquisa e Publicação, 1985. p. 176.

⁵⁴ BÚRIGO, op. cit.

terminais queimados em fornos do tipo “garrafão”, movidos à lenha. Também se produziam, como segunda opção, louças diversas, porém esta atividade foi de efêmera duração⁵⁵ (Figura 2).

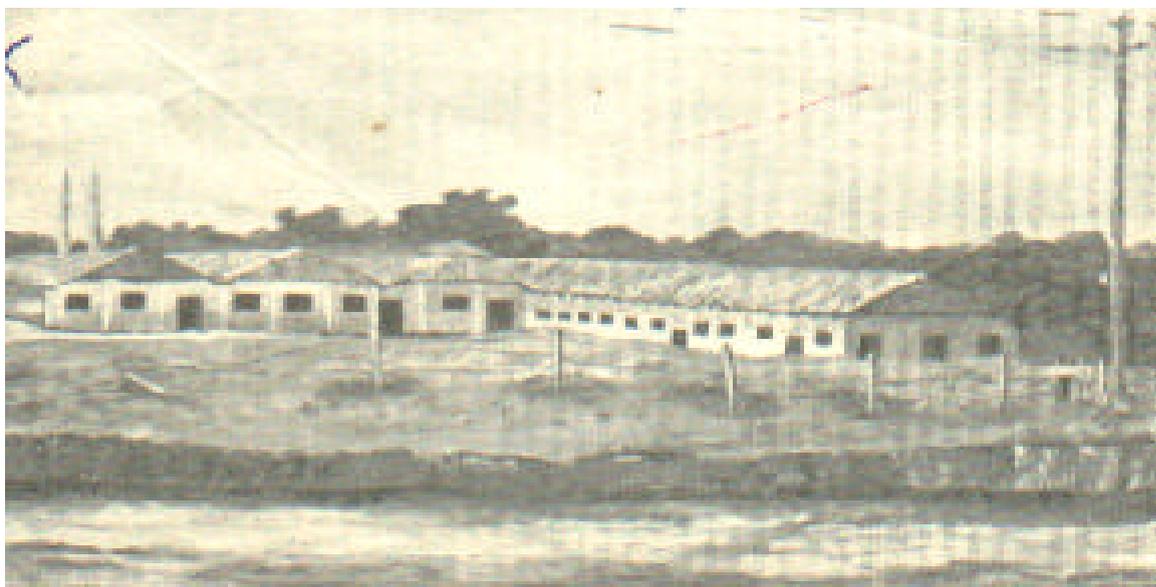


Figura 2: Cerâmica Eliane em 1960.

Fonte: Acervo Sr. Venícios Búrigo.

Motivada pela falta de capital de giro e, principalmente, pela falta de confiança dos associados em sua gerência, a cerâmica Cocal encerrou suas atividades no primeiro semestre de 1959. Não foi requerida e nem declarada a falência da empresa, tendo sido a mesma vendida, no final de 1959, ao Sr. Maximiliano Gaidzinski. Este assumiu seu ativo e passivo, resgatando todos os compromissos com os associados e terceiros. Os compromissos com terceiros foram parcelados pelos órgãos federais e estaduais e, quanto aos associados, foram pagos em parcelas, com um deságio de 20% em suas quotas. Diversos associados não aceitaram receber as suas quotas naquelas condições por não concordarem com a transação⁵⁶. A dívida era de sete milhões de cruzeiros⁵⁷.

Para conseguir adquirir a cerâmica, Maximiliano Gaidzinski vendeu suas ações da cerâmica Santa Catarina e tudo o que possuía, levantando quatro milhões de cruzeiros. Em três anos, consolidou a cerâmica que havia, então, mudado o nome para

⁵⁵ FÁVERI, H. **A história de Cocal do Sul**. 1999. (Obra não publicada).

⁵⁶ *Ibidem*

⁵⁷ SOARES, op. cit.

Eliane (sua filha mais nova)⁵⁸. A cerâmica Eliane começou a funcionar em janeiro de 1960, numa área coberta de 77,485m² ⁵⁹, de forma quase artesanal, em fornos intermitentes, tipo garrafões, com uma produção mensal em torno de 9.000m² de azulejos brancos impulsionada pela política imobiliária implementada pelo governo no período do “milagre brasileiro” no final dos anos 60 e início da década de 70 (Figura 3).



Figura 3: Cerâmica Eliane em 1995. Fonte: Acervo Foto Teixeira.

3.2.1 Processo Produtivo e Mão-de-Obra

O processo produtivo utilizado era resquício da empresa antiga (Cerâmica Cocal) que operou até 1966, com equipamentos nacionais. A massa era preparada e colocada em “tamborões”, que giravam por 24 a 30 horas. Seguiam, então, às prensas, que retiravam da massa toda a água. Após este processo, havia uma estufa, para secagem da massa, e a “molaça”, onde era moída (num sistema semelhante ao moinho de milho). A massa se transportava, pois, novamente até a prensa, e depois para o forno. Contava-se com fornos do tipo “garrafão”, sendo que as peças seguiam, deitadas, dentro de caixas refratárias, sobre carrinhos, para o interior do forno. Estes utilizavam a lenha como combustível. Depois deste primeiro procedimento, seguia-se com a esmaltação

⁵⁸ SOARES, idem.

das peças, as quais deviam seguir novamente para os fornos, desta vez do tipo “túnel”⁶⁰. Todo este processo era baseado na produção artesanal das peças, contando apenas com a força de trabalho manual. Prensas, transporte de material, tudo era efetuado manualmente. Ocupavam-se de 15 a 20 trabalhadores neste processo (carga e descarga dos fornos), pois, quanto maior o número de trabalhadores, maior a produção. Somente na prensa manual ocupavam-se quatro pessoas, e foi utilizada até 1970. A partir desta década foram multiplicados a produção, mão-de-obra e espaço físico.⁶¹

A matéria-prima básica – argila, caulim, quartzo, feldspato – era originária da região. Mas corantes e esmaltes vinham de São Paulo. Nesta época o sistema de produção era a “biqueima”. Os equipamentos utilizados eram o lavador de caulim, moinho-de-bola, filtro-prensa, secadoras, galga, prensas-secadoras e fornos. A produção inicial era de 9.000 metros quadrados mensais.⁶²

Em 1966, objetivando modernizar o processo produtivo para aumentar a capacidade da produção, a empresa obteve o seu primeiro empréstimo, junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico – BNDE. Importou então maquinário da Itália, revolucionando a produção cerâmica no Brasil.⁶³

A partir desse ano, as inovações no processo produtivo foram freqüentes, visando produzir mais com menos custo. Comprou-se mais um forno de esmaltar, do tipo “túnel”, o qual necessitava apenas de três trabalhadores por turno. A produção passou para 35.625 metros quadrados mensais, em média⁶⁴, configurando o maior salto da década, em termos produtivos, conforme figura 4.

Em 1967 foi adquirido mais um forno para biscoito e outro para esmaltar e a produção média mensal passou para 63.063 metros quadrados de azulejos⁶⁵ (a Eliane produzia somente azulejos nessa época⁶⁶). Os investimentos realizados não visavam somente a modernização e ampliação do processo produtivo, mas também a construção de pavilhões, que se deu quando foram derrubados os antigos galpões e construído o prédio industrial.

⁵⁹ A área atual é de 491.762,35 m², conforme Domicílio-Setor Patrimônio da Empresa Eliane.

⁶⁰ Quando comprada pelo Sr. Maximiliano Gaidzinski, a empresa já contava com 2 fornos do tipo “túnel”, os quais eram utilizados somente para esmaltação das peças. Com o tempo, estes substituíram a totalidade dos fornos “garrafão”.

⁶¹ ZANETTI, Arlei. Entrevista. 2001.

⁶² Ibidem.

⁶³ SOARES, op. cit.

⁶⁴ ELIANE REVESTIMENTOS CERÂMICOS. Departamento Financeiro, 1998.

⁶⁵ Ibidem.

⁶⁶ ZANETTE, op. cit.

A partir de 1968, depois da instalação das tecnologias de produção importadas, a empresa modificou novamente o processo produtivo, substituindo prensas manuais por prensas automáticas. O número de trabalhadores ocupados na função era de apenas um para cada máquina. Foi adquirido, também, um “atomizador” (*spray dryer*), que secava a massa, já na preparação, substituindo outro procedimento manual. Anteriormente a secagem era feita através de estufa a lenha, utilizando-se o trabalho de 2 pessoas.⁶⁷

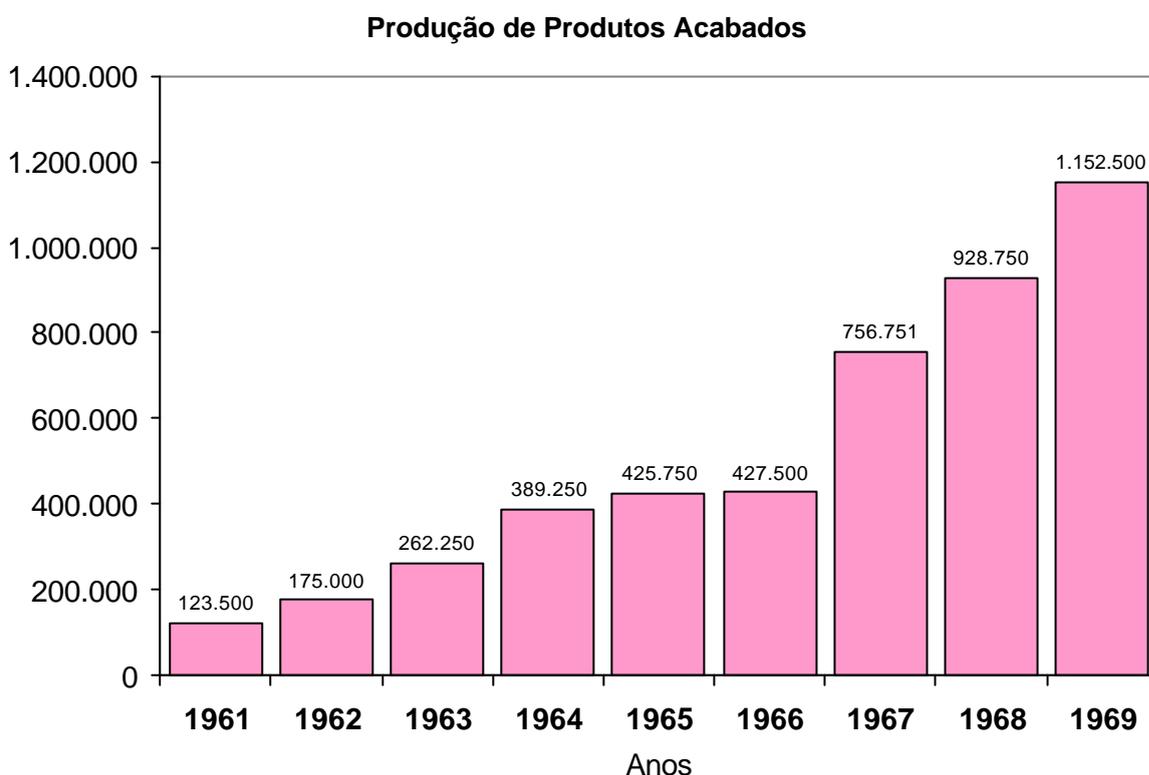


Figura 4: Produção de produtos acabados (m²) no período de 1961 a 1969 da Cerâmica Eliane. Fonte: Depto. Financeiro da Eliane.

Por fim, instalou-se uma "esteira", que transportava a massa do atomizador aos silos de depósito, e destes para a prensa, subtraindo deste procedimento o trabalho humano.⁶⁸

Com este novo maquinário, a fábrica produzia a média de 77.396 metros quadrados mensais de azulejos⁶⁹, incluindo aí os decorados, novidade no mercado nacional.⁷⁰

⁶⁷ Ibidem.

⁶⁸ ZANETTE, op. cit.

Houve, então, uma grande revolução na empresa com a entrada de novos equipamentos de origem italiana, (um forno de biscoito e dois para vidrado) e novas matérias primas, tais como calcário, talco e esmaltes, com nova formulação. O tempo de produção também foi reduzido. No início da atividade da empresa o tempo gasto no processo produtivo era de 30 a 40 horas. Depois das alterações, passou a levar apenas 45 minutos.

Apesar de ser uma das conseqüências da automação a redução da necessidade de mão-de-obra, esta foi compensada com o aumento agressivo da produção, de forma que não ocorreram demissões. A mão-de-obra dispensada pela automação era requisitada por força da ampliação do parque fabril, embalada pela demanda crescente causada pela instalação de novos fornos.⁷¹

Até então, a mão-de-obra utilizada era, na maior parte, externa ao distrito, pois não existia disponibilidade dela no local. Apesar de a empresa não exigir escolaridade ou formação técnica, mas apenas assiduidade, o que facilitava a contratação, muitos funcionários acabavam preferindo trabalhar nas minas de carvão. Este fato explica-se porque, com o trabalho nas minas, era possível aposentar-se mais cedo. Continuou assim até meados da década de 70⁷². Atualmente, é exigido o ensino médio dos funcionários que trabalham no setor produtivo. A mão-de-obra com formação técnica em cerâmica é exigida somente para os funcionários que exercem cargos de chefia. A mão-de-obra técnica é formada pela própria empresa através do Colégio Maximiliano Gaidzinski, com nível de Ensino Médio, que funciona em Cocal do Sul.

Em 1974 houve aquisição de mais fornos: um para biscoito e dois para vidrado, elevando a produção para até 480.000 metros quadrados mensais. O número de ativos subiu de 761 em 1974 para 1.596 no ano seguinte, representando um crescimento de 109,8%, conforme tabela 6.

Durante os anos 80 o processo produtivo não sofreu alterações, já que a estratégia de acumulação adotada pela empresa dava-se com a ampliação do parque cerâmico, através da aquisição de novas empresas cerâmicas na cidade de Criciúma e fora do Estado.

⁶⁹ ELIANE REVESTIMENTOS CERÂMICOS. Departamento Financeiro, 1998.

⁷⁰ SOARES, op. cit., p. 48.

⁷¹ Ibidem.

Tabela 6: Quadro do efetivo do Grupo Eliane 1983 – 1990.

ANO	EFETIVOS EM COCAL DO SUL	TOTAL DE EFETIVOS DO GRUPO
1960	79	-
1965	209	-
1970	558	-
1974	761	-
1975	1.596	-
1976	1.780	-
1979	1.409	-
1983	2.784	4.506
1984	2.648	4.922
1985	2.841	5.722
1986	3.357	6.494
1987	3.749	7.337
1988	4.028	8.306
1989	4.076	9.093
1990	4.078	9.097
1991	2.936	6.752
1992	2.452	5.424
1993	1.927	5.358
1994	1.866	5.835
1995	1.689	2.693
1996	1.944	2.621
1997	1.884	3.339
1998	1.743	3.070
1999	1.718	3.029
2000	1.326	2.207
2001*	1.069	1.781

Fonte: Setor Pessoal Eliane, 2000.

*Em 30/06/2001

A principal alteração no processo produtivo nos anos 90 foi a aquisição de novos fornos, chamados "a rolo". Compunham-se de uma série de rolos, os quais transportavam as peças para o interior do forno, sem interferência do trabalho humano.

Outro aspecto importante foi a dispensa dos "carros". Estes utilizavam tijolos refratários⁷³, sendo que o alto custo destas peças se refletia no preço final do produto.⁷⁴ A partir de então a mão-de-obra dispensada do processo em si já não era mais absorvida pela empresa, o que causou desemprego em massa. Assim, um dos fatores que contribuíram para a configuração do quadro de lotação de ativos, conforme tabela 6, foi sem dúvida a reestruturação tecnológica e adoção de novas formas de organização do trabalho que a empresa vem praticando nesta década com o objetivo de reduzir custos e de aumentar a competitividade dentro de uma economia aberta.

⁷² ZANETTE, op. cit.

⁷³ Eram sobre esses tijolos que se colocavam as peças, para então seguirem para a queima.

⁷⁴ ZANETTE, op. cit.

Quanto ao número de empregados, tem-se que, de 1960 a 1965, crescia por conta da necessidade de se aumentar a produção, a fim de atender a demanda do mercado. Nos anos seguintes, com a adoção de novos processos produtivos, foi-se dispensando progressivamente o número de empregados por máquina. Entretanto, no mesmo período, a empresa adquiria novas máquinas, ao mesmo tempo em que ampliava seu parque fabril. Como vimos anteriormente, os funcionários não eram dispensados, na prática.

Outro fator da redução do número de funcionários percebida a partir de 1991 é resultante da terceirização, atitude que se instala no país e que ganha dimensões fortes em Cocal do Sul, onde a indústria cerâmica tem serviços de atividades de apoio, que puderam passar para terceiros. O aumento do número de ativos sentido no total do Grupo em 1997 deve-se à expansão horizontal da empresa, pois, nesse ano, foram compradas CERAMUS e a IASA (no Estado da Bahia).

Assim, analisando a tabela 6, pode-se concluir que, todas as mudanças ocorridas no trabalho tiveram como objetivo aumentar a produtividade sem que houvesse um correspondente aumento dos empregos. As demissões atingiram todos os setores, administrativo e produtivo, inclusive nas empresas localizadas em outros estados brasileiros, onde foram empregados os mais modernos equipamentos disponíveis no mercado.

3.2.2 A Verticalização da Indústria Cerâmica

Como vimos anteriormente, as empresas em geral dominavam todo o processo produtivo, desde a extração de matérias-primas até os transportes de produtos acabados. A cerâmica Eliane não fugia à regra. Implantou ao seu redor todas as empresas de que necessitava para o desenvolvimento e a acumulação. O complexo industrial consolidava-se então através de dois processos: pelo processo de concentração horizontal (caracterizado pela aquisição de unidades de mesma atividade cerâmica e de outras com atividades em pecuária) e pelo processo de concentração vertical (que se caracteriza pela criação de unidades para dar suporte à sua principal atividade – a cerâmica).⁷⁵

⁷⁵ COAN, Enio. Entrevista. 1999.

Obedecendo a essa tendência, depois de investir na modernização do processo produtivo, ampliação do parque fabril e estabilização da sua posição no mercado, a empresa Eliane passou a integrar-se para trás.

Fizeram parte desse processo a aquisição de novas máquinas, a ampliação de galpões, a instalação de novas unidades produtivas e a abertura de empresas de suporte, evolução esta apresentada a seguir, em ordem cronológica, a fim de permitir melhor compreensão da formação do complexo cerâmico em Cocal do Sul (Figura 5).

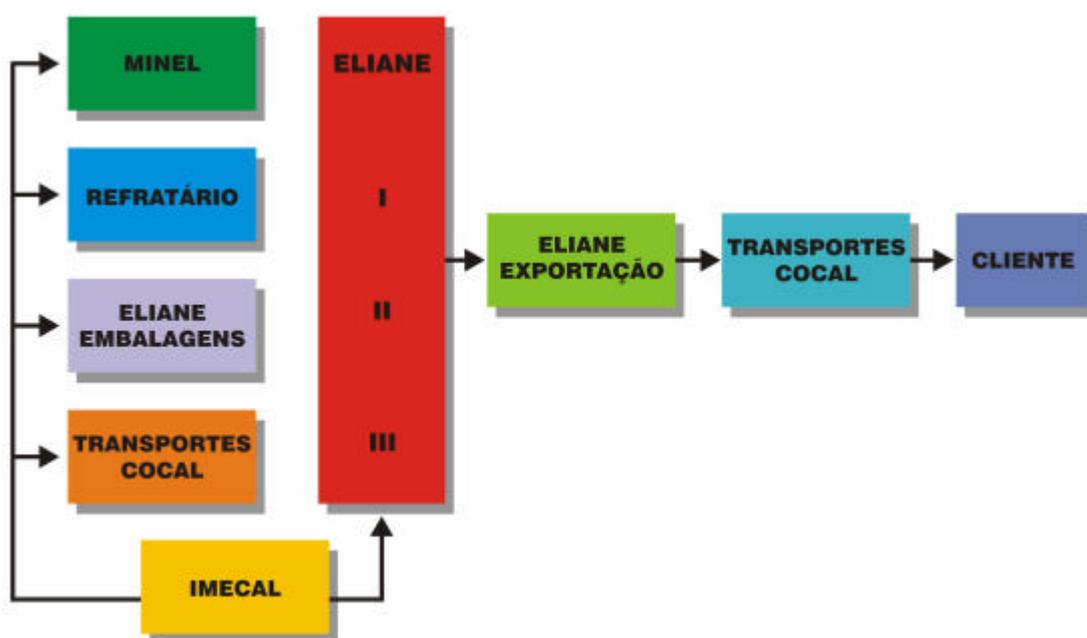


Figura 5: Fluxograma de verticalização das empresas Eliane até 1991.

Fonte: Elaborado pela autora conforme dados fornecidos pela empresa Eliane.

A primeira dessas empresas a ser instalada foi a Minérios Industriais do Sul S/A (MINEL), em 1971, cuja atividade era a exploração de matéria prima. O objetivo da sua fundação, porém, foi facilitar a tramitação de projetos de lei, que visavam a legalização das jazidas de materiais cerâmicos.

Em seguida, instalou-se a Indústria Mecânica de Equipamentos Cocal Ltda (IMECAL), em 1973, a fim de produzir equipamentos cerâmicos para todo o setor, bem como prestar estrategicamente a assistência técnica (manutenção). Foram fundadas, em 1975, mais duas empresas de suporte. A primeira delas, a Transportes Cocal, visava ao transporte dos produtos acabados do Grupo, tanto cerâmicos quanto agropecuários, com

mais de 20 filiais em todo o Brasil. Possuía uma frota de cerca de 380 veículos, contratando ainda os serviços autônomos de cerca de 200 caminhoneiros. A segunda, Eliane Empreendimentos Imobiliária S/A, que se originou da necessidade que a empresa tinha de legalizar a construção dos pavilhões industriais junto aos órgãos públicos e ao Conselho de Engenharia.

Em 1976 foi implantada em Cocal uma fábrica de refratários, que produzia caixas, suportes, embalagens e tijolos refratários. Embora não tenha sido constituída como pessoa jurídica, tinha suas atividades e clientela próprias, destinando sua produção para o próprio grupo e para terceiros, na proporção de 25% e 75%, respectivamente.

Ainda foram implantados, no final da década de 70, a ADM Participações, (1978), a Eliane Exportadora (1979), a Eliane Florestamento e Reflorestamento (1979), a Gráfica Eliane (1979), o Comércio de Combustíveis Cocal (1979), e o Colégio Maximiliano Gaidzinski (1979). Este foi implantado a fim de formar técnicos não só para a empresa, mas para toda a indústria cerâmica nacional. Os alunos do CMG – quase todos filhos de funcionários – estudam em período integral, gratuitamente, e almoçam na empresa. Trata-se de um sistema de ensino que se destaca do tradicional. O ingresso é condicionado a uma prova de conhecimentos, pela qual o aluno é avaliado. Após quatro anos, forma-se técnico em cerâmica, sendo que, ao final do terceiro ano, recebe o diploma do ensino médio.

Desta forma, o Grupo Eliane controlava diretamente não apenas todo o processo de produção de revestimentos cerâmicos, como também a industrialização do então distrito, pois a sobrevivência das famílias da pequena comunidade dependia praticamente da indústria cerâmica.

3.2.3 Expansão da Indústria Cerâmica

A expansão da empresa através da aquisição de novas unidades produtivas também se revela como uma forma de acumulação de capital. Além disso, significava um meio de domínio do mercado interno e externo, tendo em vista a proximidade estratégica com os mercados consumidores.

Visando garantir o controle efetivo do mercado, foram criadas filiais e *show-rooms*⁷⁶ em todo o país, as quais somam hoje 21, sendo que 4 estão situados no exterior: Eliane U.S.A, Eliane Argentina, Eliane Chile e Eliane Uruguai. No Brasil, as filiais situam-se em Belém/PA, Belo Horizonte/MG, Cocal do Sul/SC, Curitiba/PR, Florianópolis/SC, Fortaleza/CE, Goiânia/GO, Londrina/PR, Porto Alegre/RS, Recife/PE, Rio de Janeiro/RJ, Ribeirão Preto/SP, Salvador/BA, Santos/SP, São Paulo/SP, Teresina/PI e Vitória/ES (Figura 6 e 7).



Figura 6: Abertura de filiais do Grupo Eliane no Continente Americano.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de dados fornecidos pela empresa.

⁷⁶ As “filiais” eram escritórios de representação comercial e de cobrança. Atualmente, atuam somente na representação comercial e apresentação de “show rooms”.



Figura 7: Abertura de filiais do Grupo Eliane no Brasil.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de dados fornecidos pela empresa.

Em 1976 foi implantada em Cocal a Eliane II, cuja média da produção mensal no primeiro ano de atividade foi de 122.645 metros quadrados.

Na cidade de Criciúma, na década de 70, a Eliane expandiu-se através da aquisição de duas empresas: a Indústria de Pisos S/A (INPISA), hoje chamada Eliane V, em 1974; e em 1976, a Indústria e Comércio de Pisos S/A (INCOPISO), hoje Eliane IV. A partir desta década, a empresa ainda adotou a estratégia de diversificação das atividades, atuando também nos setores agropecuário, este instalado no então distrito de Forquilha, no município de Criciúma.

Porém, a maior aquisição por parte do Grupo deu-se fora do Estado, ao expandir-se horizontalmente. Foi na década de 80 que ocorreram suas principais aquisições, com três empresas em Serra/ES (ORNATO e TELUS), compradas em 1983; PALMASA em Várzea da Palma/MG, comprada em 1984; FLORÂMICA em Londrina/PR, comprada em 1989; IASA e CERAMUS na Bahia, comprada em 1997; além da implantação, em São Paulo, em 1999, da Eliane Argamassas. Tais empresas

passaram a utilizar a denominação da marca, “Eliane” seguida de seus respectivos estados.

A concentração horizontal consolidava-se definitivamente, configurando o Grupo Eliane como uma das maiores empresas cerâmicas do país. No processo de concentração da empresa, tanto horizontal quanto vertical, a articulação se deu através da fixação de um centro de decisões, este localizado em Cocal do Sul, onde se encontra a matriz operando desde 1960.

3.2.4 Produção e Mercado

Atualmente, encontram-se instaladas no município de Cocal do Sul três empresas cerâmicas pertencentes ao Grupo, adquiridas e implantadas na década de 70, quando utilizavam 100% da sua capacidade instalada de produção.

Em termos percentuais, na década de 60 a empresa Eliane obteve um crescimento na produção de produtos acabados maior que na década de 70 (933,19% contra 737,52%, respectivamente). Entretanto, em números, a década de 70 foi a que maior representou o crescimento da Cerâmica: de 1.152.500 metros quadrados, passou a produzir 8.500.000 metros quadrados de pisos e azulejos (Tabela 7). Este, portanto, foi o período em que a Eliane mais empregou, em decorrência da ampliação do seu parque fabril. Também foi o período de maior crescimento demográfico do distrito de Cocal, pois, numa análise da tabela 6, supra exposta, facilmente se observa que, num período de 10 anos, o número de trabalhadores contratados aumentou de 209 para 1.596.

Do ponto de vista econômico, porém, a década de 70 representou, para a empresa, o período em que esta mais acumulou capital. Como visto, a importação de tecnologias de automação, através da aquisição de máquinas ocorrida no final dos anos 60, permitiu a redução da relação mão-de-obra x máquina. O trabalho passou a ser aproveitado mais efetivamente, aumentando a produtividade por funcionário. A mais-valia intensificava-se, permitindo a acumulação de capital, o qual era reinvestido na ampliação do parque fabril e na aquisição ou instalação de novas unidades produtivas.

Como se viu anteriormente, durante toda a década de 80, o setor cerâmico enfrentou problemas de vendas junto ao mercado interno, além de oscilações na produção, bem antes dos outros setores. Nos primeiros anos desta década, durante a crise da dívida externa o setor enfrentou problemas, devido à contração do mercado da

construção civil.⁷⁷ Somente em 1985 é que a indústria apresentou níveis de crescimento médio em torno de 10%.

Tabela 7: Produção de Revestimentos Cerâmicos do Brasil e do Grupo Eliane (1960-2000, em 1.000 m²/ano).

ANO	PROD. GRUPO ELIANE EM COCAL DO SUL*	PRODUÇÃO TOTAL DO GRUPO*	PRODUÇÃO BRASILEIRA**
1961	123	-	-
1962	175	-	-
1963	262	-	-
1964	389	-	-
1965	425	-	-
1966	427	-	-
1967	756	-	-
1968	928	-	-
1969	1.152	-	-
1970	1.513	-	17.670
1971	1.699	-	19.820
1972	3.342	-	22.830
1973	3.692	-	24.210
1974	3.562	-	69.871
1975	4.271	-	77.640
1976	5.788	-	86.153
1977	7.267	8.326	104.895
1978	7.668	9.468	113.849
1979	8.492	10.444	121.941
1980	10.075	12.494	129.753
1981	10.298	13.690	139.903
1982	10.588	14.976	122.744
1983	12.524	17.157	123.919
1984	13.014	19.434	118.547
1985	10.523	18.955	129.504
1986	13.668	22.945	144.525
1987	15.324	24.918	154.728
1988	15.606	23.837	173.968
1989	20.186	32.983	185.325
1990	12.723	23.765	172.800
1991	15.949	25.721	166.000
1992	16.694	27.432	202.700
1993	16.556	27.795	249.000
1994	15.086	26.574	283.500
1995	17.682	30.802	295.000
1996	17.460	31.681	336.400
1997	19.422	35.557	383.300
1998	19.405	40.453	400.700
1999	16.146	37.648	428.500***
2000	16.735	36.943	-

Fonte: * Eliane, ** Anfacer, ***até 09/1999.

⁷⁷ INSTITUTO EUVALDO LODI DE SANTA CATARINA, op. cit., p. 29.

A expansão verificada na produção implicou no aumento produtivo em unidades fabris já estabelecidas, bem como a ampliação e criação de novas unidades. Assim, contrariando a crise, em 1983 houve a ampliação da Eliane II, o que permitiu que a empresa alcançasse níveis de produção desta unidade de até 507.000 metros quadrados mensais. Em 1988, foi construída a Eliane III, já utilizando o processo de monoqueima, cuja produção atingiu 303.557 metros quadrados mensais.

A maior parte da produção destina-se ao mercado interno, principalmente à Região Sudeste do país. Com relação ao mercado externo, a cerâmica Eliane participa com 30% das exportações brasileiras e exporta para cerca de 80 países de todos os continentes, sendo o mercado norte-americano o maior importador de seus produtos.⁷⁸

3.2.5 Estratégias de Reestruturação da Empresa

Apesar do contínuo processo de expansão e consolidação adotado pelas empresas Eliane, ocorreram mudanças na macroeconomia brasileira, a partir de 1990, que causaram a segunda grande crise enfrentada pela indústria cerâmica como um todo, o que determinou a diminuição da produção do setor. Somente em 1994 a produção atingiu um nível comparável a 1989, beneficiando-se da *estabilização monetária que contribuíra para a recuperação das vendas domésticas, considerada pelo consumo aparente, bem como, a consolidação do mercado externo como destino da parte da produção, analisada pelo item de exportação*⁷⁹.

Como consequência das anteriores crises enfrentadas, as indústrias do setor, preparando-se para novas dificuldades, avançaram na reestruturação competitiva, com a modernização e adaptação das empresas. Os investimentos em máquinas e equipamentos modernos, novas tecnologias e novos métodos de gestão significavam vantagens competitivas, assim como os investimentos em formação e aperfeiçoamento de pessoal.

Como tais investimentos haviam sido viabilizados através de créditos obtidos junto a bancos de desenvolvimento (não foi possível obter os nomes dos mesmos), no início dos anos 90 os setores apresentavam alto grau de endividamento. A

⁷⁸ PIERE, Renato. Gerente financeiro do Grupo Eliane. Entrevista. 1999.

⁷⁹ CÁRIO, op. cit.

crise no início da década e a conseqüente diminuição da produção do setor nesse período causaram problemas de liquidez que as empresas tiveram que administrar, e a recuperação do setor, como um todo, ocorreu muito lentamente.⁸⁰

A indústria cerâmica Eliane, de Cocal do Sul, exemplifica bem este quadro. Após ter importado tecnologias de produção (no final da década de 60), as quais refizeram todo o processo produtivo da empresa, deixou de investir em automação, limitando-se em aumentar a quantidade de máquinas, sem alterar suas características. Durante toda a década de 80, protegida da concorrência externa devido à política de medidas restritivas de importação, não se preocupava com excelência de produção, muito menos com formas racionais de administração empresarial⁸¹. Procurava somente abrir novas unidades produtivas, garantindo a representação no mercado.

Antes a empresa primava pela administração vertical. Neste novo momento econômico, opta pela descentralização de serviços, pelo implemento dos programas de qualidade total e qualificação profissional, se enquadrando no modelo econômico e político neoliberal.

Assim, no início dos anos 90, a Eliane Revestimentos Cerâmicos não podia contar com capital de giro, pois recém saía de uma política individual de compra de novas unidades. Adotou, então, uma série de medidas estratégicas, tomadas como mecanismos de sobrevivência em curto e médio prazo.

No âmbito financeiro, a estratégia utilizada foi a obtenção de empréstimos bancários e o não pagamento de tributos, o que ampliou a margem de capital de giro da empresa. Esta medida permitiu que ocorressem mudanças no segmento produtivo da empresa, através da completa automação do processo produtivo, o que dispensou quase que totalmente a mão-de-obra. O montante aplicado na modernização das unidades produtivas de todo o país alcançou o patamar de cinquenta milhões de dólares, que foram utilizados ao longo de sete anos⁸².

Quanto à área comercial, a empresa diversificou linhas de produtos e promoveu ações segmentadas para públicos específicos, além de incrementar maciçamente a política de *marketing*.

No aspecto administrativo, a empresa adotou estratégias de reestruturação do organograma funcional, extinguindo cargos e integrando departamentos. Nas

⁸⁰ Instituto Euvaldo Lodi de Santa Catarina, op. cit., p. 29.

⁸¹ **A virada da Eliane.** Revista Expressão, V. 7, v. 81, 1997.

⁸² Dados fornecidos pelo departamento financeiro do Grupo Eliane.

fábricas, os níveis de hierarquia foram reduzidos, em função também da automação do processo produtivo. Antes contava com cinco níveis: gerente de produção, 17 supervisores, 4 chefes, vários encarregados e funcionários. Após as mudanças tecnológicas, restaram apenas 2 chefes, 5 supervisores e funcionários.

Em anexo, constam os organogramas da empresa Eliane, referindo-se aos anos 80 e de dezembro de 2001. Neles poderá ser percebida essa estratégia de reestruturação (Anexos 2 e 3).

Os cortes de pessoal realizados pela empresa Eliane e a diminuição de níveis hierárquicos resultaram para os trabalhadores que ficaram empregados numa sobrecarga de tarefas. Nos setores administrativos, a cada demissão os funcionários que permaneciam deviam assumir as tarefas do companheiro demitido, o que requeria a administração do tempo para realizar as novas funções. O mesmo ocorria nas linhas de produção, já que, com a automatização, um trabalhador devia operar várias máquinas ao mesmo tempo. Como no modo de produção fordista, os operários continuavam operando máquinas que ditam o ritmo e computadores que exigem dados.

Isso tudo acarretou uma elevação da jornada de trabalho, sem, no entanto, haver um correspondente aumento dos salários. Para garantir maior produtividade e qualidade, existem na empresa cinco metas para serem alcançadas pelos empregados: a produtividade, cuja meta a ser atingida é de 4.500 metros quadrados de revestimentos, (valor pago: 40 reais); qualidade, que deve ser de 90% das peças (valor pago: 20 reais); custo das peças, o que depende da manutenção das máquinas e das horas extras realizadas pelo empregado (valor pago: 20 reais); assiduidade do empregado (valor pago: 15 reais); e sistema “5 S”, referente à organização do setor (valor pago: 20 reais). As metas são atingidas com certa frequência pelos empregados.

As medidas implantadas nos setores administrativos e produtivos (quanto à reestruturação de pessoal), desencadearam ainda o aproveitamento de técnicos em cerâmica, formados pelo Colégio Maximiliano Gaidzinski, mantido pela empresa, em funções de supervisão, além de outros cargos que não exigiam liderança, os quais antes eram exercidos por funcionários com pouca qualificação.⁸³

Outras medidas implantadas foram a venda de ativos não produtivos e a forte redução ou eliminação de atividades-meio, que constituíram a estratégia que permitiu que fossem minimizados os passivos contraídos, aumentando a liquidez da

⁸³ CANCELLIER, Silvio. **Entrevista**. 2001.

empresa, além de colaborar na redução do custo final dos produtos, possibilitando, desta forma, uma nova fase de acumulação de capital.

O processo de desverticalização foi instaurado em todas as empresas do Grupo, através de incentivos a funcionários escolhidos pela empresa, obedecendo a critérios próprios. Estes funcionários eram treinados quanto à administração da nova empresa, e tinham a opção de comprar maquinário e insumos da própria Eliane, pelos quais pagavam parceladamente.

Inicialmente a Eliane era a principal cliente das novas empresas surgidas, às quais pagava preço de mercado pelos serviços prestados. Entre os setores que foram terceirizados destacam-se as produções de telas serigráficas, serviços de transportes, serviços de manutenção, serviços de limpeza, de matéria-prima, de segurança, de alimentação (Figura 8).



Figura 8: Fluxograma de Terceirização das Empresas Eliane.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados fornecidos pela empresa.

Mas a o processo de terceirização adotado pela empresa Eliane atingiu também empresas de suporte que faziam parte do Grupo, bem como de atividades alheias ao setor cerâmico, como a Eliane Agropecuária, por exemplo. Sofreram

processos distintos, de acordo com a atividade exercida e com o interesse da empresa cerâmica. Algumas tiveram seus setores terceirizados individualmente. Outras, como a Embalagens Eliane, foram terceirizadas na totalidade, vendidas a um único funcionário.

As mudanças introduzidas a partir dos anos 90 com as terceirizações e reestruturação tecnológica foram fatores que provocaram grandes impactos no quadro humano da empresa e uma nova divisão do trabalho. Como resultado da modernização e busca por maior produtividade ao menor custo, a empresa procedeu, ao mesmo tempo, com cortes de pessoal e elevação de jornada de trabalho, além da eliminação das empresas satélites.

Quanto à exploração do trabalhador pelas empresas, vejamos o que diz MARX:

O trabalho excessivo dos operários empregados engrossa os quadros do exército de reserva, ao passo que inversamente a pressão, cada vez maior, exercida pelo exército de reserva sobre os trabalhadores efetivos, graças à concorrência, força estes últimos a trabalhar sempre mais e a se submeter às exigências do capital. Condenando uma parte da classe operária a uma ociosidade forçada pelo trabalho excessivo da outra parte, o capitalista particular encontra o meio de se enriquecer.⁸⁴

Assim, as alterações nas relações de trabalho, provocadas pelas terceirizações, apresentaram como conseqüência a precarização das condições de trabalho. Os salários restaram defasados em razão do aumento da carga de trabalho, horas extras etc, e também por causa do grande número de desempregados. Assim, a terceirização pode ser traduzida como sendo um modo de desmobilizar os trabalhadores, fragmentando a organização de massa e obedecendo ao perverso jogo da política neoliberalista.

Até este momento do trabalho monográfico foi possível analisar as estratégias adotadas pela Empresa ao longo dos anos. Contudo, o gigante em que se transformou o Complexo Cerâmico Eliane não se refletiu na cidade. Esta, como se verá a seguir, apenas cresceu, sem apresentar desenvolvimento.

⁸⁴ MARX, op. cit., p. 163.

4.1 A RELAÇÃO CIDADE X EMPRESA

Até a década de 60, a Região Sul de Santa Catarina dependia da extração do carvão para a utilização e emprego de mão-de-obra, tendo em vista a falta de diversificação industrial. A partir de 1960, porém, com a crise do setor causada pela instabilidade político-governamental, os capitais que iriam ser reaplicados na exploração do carvão foram direcionados para outras atividades. Estas atividades concentravam-se principalmente em Criciúma, e abrangiam indústrias de pisos e azulejos, alimentação, bebidas e mecânico-metalúrgicas.⁸⁵

Este redirecionamento do capital permitiu a Criciúma um desenvolvimento industrial considerável. O mesmo não ocorreu, contudo, com a "periferia" de Criciúma, ou seja, regiões vizinhas, também produtoras de carvão, como Lauro Müller, Orleans, Içara, Siderópolis e Urussanga (incluindo o distrito de Cocal), já que Criciúma polarizou a região carbonífera. Algumas cidades ainda se encontram praticamente na dependência do carvão, aliada a uma agricultura tradicional, como é o caso de Lauro Muller; outras já não dependem do carvão, possuem uma agricultura forte e algum desenvolvimento industrial; no entanto, não alcançaram o mesmo desenvolvimento de Criciúma.⁸⁶

No distrito de Cocal, o qual fazia parte desta "periferia", ocorreu a implantação, ainda em 1954, da Cerâmica Cocal. Como já foi visto, esta cerâmica, que deu origem à Cerâmica Eliane, emergiu da iniciativa de Alfredo Del Priori, que tinha sido trabalhador da CESACA – Cerâmica Santa Catarina S/A – e residia em Criciúma. A acumulação de capital que deu origem à indústria cerâmica em Cocal ocorrera, então, fora do distrito. Del Priori havia buscado sócios no Rio Grande do Sul, Minas Gerais e em diversos municípios de Santa Catarina⁸⁷. Cocal não recebeu, porém, nenhuma melhoria prática advinda da instalação da indústria cerâmica no seu território.

Como se viu anteriormente, a cerâmica Cocal foi transferida para Maximiliano Gaidzinski o qual, aproveitando os incentivos estatais da época, impulsionou a indústria, interferindo no crescimento do distrito.

A reabertura da empresa significou, até meados da década de 60, mudanças quanto à sua área de ocupação, com derrubada e ampliação dos galpões, fechamento e

⁸⁵ **A diversificação industrial em Criciúma tem bases sólidas.** O Estado. Suplemento Especial. Florianópolis, 1974, p. 24., *apud* HEIDEMANN, Eugênia Exterkontter. **O carvão em Santa Catarina: 1918 - 1954.** Curitiba: 1981.

⁸⁶ HEIDEMANN, op. cit.

⁸⁷ FÁVERI, op. cit.

abertura de ruas e a aquisição de novas áreas para sua ampliação. Outro fenômeno ocorrido foi o crescimento demográfico, detectado pela diferença crescente do número de habitantes, bem como pelo número de residências na sede do distrito. Conforme pode ser observado na tabela 8, a diferença populacional do distrito constatada em 1970 (referente à década de 60) foi de 797 habitantes. A população urbana teve um crescimento de 81,18% (Tabela 9). O centro urbano do distrito, que em 1960 contava com 111 casas, passou a contar com 188 em 1970⁸⁸.

Tabela 8: População no município de Urussanga e do então Distrito de Cocal de 1940 a 2000.

Cidade	1940	1950	1960	1970	1980	1991	1996*	2000*
Urussanga	5.243	8.062	11.887	12.885	14.970	17.952	18.104	18.723
Cocal	1.319	1.832	1.982	2.779	6.436	11.883	12.486	13.708
TOTAL	6.562	9.894	13.869	15.664	21.406	29.835		

Fonte: IBGE, Censos 1940-50-60-70-80-91-96-2000.

*População já emancipada.

Tabela 9: População urbana no município de Urussanga e do então Distrito de Cocal de 1940 a 2000.

Cidade	1940	1950	1960	1970	1980	1991	1996*	2000*
Urussanga	716	1.342	2.536	3.812	6.288	9.623	10.389	10.649
Cocal	227	190	478	866	3.512	9559	9.816	11.396
TOTAL	943	1.532	3.014	4.678	9.800	19.182		

Fonte: IBGE, Censos 1940-50-60-70-80-91-96-2000.

*População já emancipada.

A reprodução sócio-espacial do distrito dava-se então concomitante e proporcionalmente ao crescimento da indústria cerâmica. Acompanhando este crescimento acelerado, a população urbana do distrito de Cocal começou a evoluir consideravelmente já a partir dos anos 60, atingindo o seu máximo na década de 70 até ao final dos anos 80, enquanto a população rural aumentava também, porém num ritmo bem mais lento. A tabela 8 a 10 demonstra que o aumento populacional urbano de Cocal não se restringiu ao êxodo rural. É importante que seja destacado que, apesar de a população rural buscar trabalho na empresa, ela não procurava residir na cidade. O camponês de Cocal preferia o horário de trabalho na empresa à noite, para poder

⁸⁸ Conforme dados fornecidos por Vinícios Búrigo.

continuar seu trabalho no campo⁸⁹. Assim, a renda da família rural era resultado do trabalho assalariado somado ao trabalho na lavoura. Por isso, o êxodo rural foi insignificante, não superando o próprio crescimento vegetativo. Na década de 70, o distrito teve seu maior crescimento urbano na ordem de 305,55%, principalmente em função das migrações, não do êxodo rural: no mesmo período, a população rural apresentou um crescimento na ordem de 52,85%.

Tabela 10: População rural no município de Urussanga e do então Distrito de Cocal de 1940 a 2000.

Cidade	1940	1950	1960	1970	1980	1991	1996*	2000*
Urussanga	4.527	6.720	9.351	9.073	8.682	8.329	7.715	8.074
Cocal	1.092	1.642	1.504	1.913	2.924	2.324	2.670	2.312
TOTAL	5.619	8.362	10.855	10.986	11.606	10.653		

Fonte: IBGE, Censos 1940-50-60-70-80-91-96-2000.

*População já emancipada.

Para uma análise mais detalhada, observe-se a tabela 11, considerando que, entre 1961 e 1980, Cocal ainda era um distrito de Urussanga. Foi na década de 70 que Urussanga (e região) presenciou o maior número de migrações. Deduz-se que o crescimento demográfico urbano ocorrido em Cocal neste período – demonstrado na tabela 11 – deu-se em função do desenvolvimento da indústria cerâmica em Cocal. Deve ser considerado, também, que, mesmo em Cocal, não existiam atrativos que pudessem chamar a atenção dos migrantes. As exceções eram as empresas do grupo cerâmico.

Tabela 11: Pessoas não naturais do município de Urussanga e Cocal do Sul no período de 1961 a 1996.

Nº de Migrantes	Ano da Migração				
	Até 1960	1961–1970	1971–1980	1981-1990	1991-1996
Urussanga	3.889	1.800	5.244	Nd	533
Cocal do Sul	Nd*	Nd	Nd	Nd	1.106

*Nd: nada consta.

Fonte: IBGE, censo 1960-70-80-91-96.

A origem dos migrantes era, na grande maioria dos casos, de outros municípios catarinenses. Na década de 70 estabeleceram-se no município de Urussanga 5.260 migrantes, todos oriundos do próprio Estado. Esse número foi de apenas 1.745

⁸⁹ GALLI, Jolmar. **Entrevista**. 2001.

pessoas na década anterior. Mas os migrantes também vieram de estados vizinhos, como Rio Grande do Sul (181 pessoas) e Paraná (226 pessoas), além de estados mais distantes, como São Paulo (53 pessoas), Rio de Janeiro (6 pessoas) e Minas Gerais (18 pessoas), embora em número reduzido, conforme tabela 12.

Tabela 12: Migrantes de Urussanga - lugar do domicílio anterior, no período de 1961-1980.

Origem	SC	RS	PR	SP	RJ	MG	Exterior	S/declar.
Migrantes 61-70	1.745	41				4	10	
Migrantes 71-80	5.260	181	226	53	6	18		4

Fonte: IBGE, Censo 1960-70-80.

A migração advinha principalmente dos municípios vizinhos. Das pessoas entrevistadas para fins desta pesquisa, a maioria indicou a origem como sendo de Urussanga (16%) e Criciúma (11%). Mas alcançou uma diversidade bem grande quanto às cidades de origem. Vieram também de Içara (1%), Morro da Fumaça (2%), Nova Veneza (2%), Siderópolis (1%), Treviso (2%), Treze de Maio (3%), Pedras Grandes (6%), Timbé do Sul (1%), Orleans (7%), Lauro Müller (8%), São Joaquim (2%), São Ludgero (3%), Braço do Norte (2%), Armazém (1%), Gravatal (1%), Tubarão (3%), Capivari de Baixo (1%), Laguna (1%), Jaguaruna (1%) e Imbituba (1%), além dos estados vizinhos a Santa Catarina (Rio Grande do Sul, com 1% e Paraná, com 2%).⁹⁰ Também se encontram na cidade famílias vindas da zona rural de Cocal (4%), a procura da proximidade do trabalho.⁹¹

De todas as famílias entrevistadas, apenas 2,3% por cento responderam que vieram morar em Cocal por outro motivo que não fosse a Cerâmica Eliane, e somente 17% responderam ser a família natural de Cocal. De quase todas as famílias, um dos integrantes trabalhava na empresa, o que fez com que, num momento posterior, o restante da família se deslocasse para Cocal. Na maioria das vezes, o chefe de família conseguia trabalho na empresa, e, apesar de a empresa oferecer transporte para moradores das cidades vizinhas, preferiram estabelecer residência mais próxima do local de trabalho.

O montante das pessoas que chegavam ao distrito era constituído principalmente por famílias cuja renda dependia do trabalho braçal. Os trabalhadores migrantes não possuíam instrução educacional, contando apenas com sua força de

⁹⁰ Fonte: Pesquisa de campo.

⁹¹ Idem. Conforme entrevista com ex-diretor industrial da Eliane, Jolmar Galli.

trabalho para sobreviver, pois a estrutura organizacional da empresa, nessa época, não dependia da contratação de um número expressivo de funcionários. O setor administrativo da Eliane ocupava apenas pessoas da família de Maximiliano, e os poucos cargos técnicos eram ocupados por estrangeiros, que permaneciam no país por um determinado período⁹². Assim, a demanda por mão-de-obra era direcionada para o setor de produção, a qual era atendida pelos migrantes, que procuravam estabelecer-se próximos à empresa. A cidade não contava com nenhum tipo de planejamento urbano.⁹³ Os proprietários da empresa sempre residiram fora do distrito, mais precisamente em Criciúma – pólo da região, conforme já explicitado anteriormente, o que determinou que, ao longo da evolução do distrito, fossem assumidas características de uma vila operária. Além disso, o Poder Público situava-se na sede do município (Urussanga) distante 12 quilômetros. Dessa forma, pode-se dizer que o distrito, na década de 60 e, inclusive, nos primeiros anos da década de 70, não continha importância econômica e política suficiente para determinar a atuação do Poder Público no seu espaço urbano.

A migração extrapolou o perímetro urbano (Anexo 1), porém não foi possível a obtenção do mapa do perímetro urbano anterior, instalando-se também na zona rural.⁹⁴, fenômeno que explica o crescimento populacional rural de mais de 50% entre 70 e 80⁹⁵. Na época, o perímetro urbano era pequeno, tanto que a empresa, localizada ao lado do centro, tinha parte de seus galpões ocupando área rural. A população urbana superou a população rural na década de 70, atingindo o ponto máximo da migração. Esse crescimento súbito levou à ocupação desordenada do solo. Mediante solicitação da Intendência do Distrito, em 1978, o Poder Público procedeu a ampliação do perímetro urbano, que permitiu o reordenamento do solo urbano ocupado⁹⁶.

A localização do parque industrial cerâmico determinou o sentido da ocupação do solo urbano, conforme foto acima, já que a empresa havia reservado uma área de atuação para si, inclusive desalojando famílias que residiam ali próximo, mediante indenização. A cidade avançava em direção ao Leste, Norte e ao Oeste, iniciando bem próximo à empresa e circundando o centro. Ao Sul da cidade, havia a presença da indústria cerâmica e, mais tarde, a Leste, instalou-se a nova área industrial do município (Figura 9).

⁹² ZANETTI, op. cit.

⁹³ SCARPATTO, Lédio. **Entrevista**. 1999.

⁹⁴ SCARPATTO, op. cit.

⁹⁵ V. tabela 08.

⁹⁶ SCARPATTO, op. cit.



Figura 9: Cocal do Sul. Ao fundo o complexo cerâmico, localizado na área central da cidade, à direita da rodovia.

Fonte: Foto Teixeira. Cocal do Sul, 2001.

O Centro constituiu-se pelas áreas marginais à rodovia estadual que corta a cidade, estendendo-se um pouco mais ao Leste por alcançar a indústria cerâmica, assim permanecendo até hoje. A primeira aglomeração desenvolveu-se ali próximo, já que era formada basicamente por trabalhadores da empresa, vindo a formar o que hoje é o Bairro Guanabara. Seguiu-se a formação do Bairro Brasília. Ambos ficam ao Leste da rodovia que corta o centro da cidade, e surgiram logo no início da atividade cerâmica, ou seja, em torno de 1960. Os demais bairros a Oeste da rodovia surgiram como resultado da especulação imobiliária vinda de fora do distrito (mais precisamente de Criciúma). Eram bairros ocupados pelos operários que construía suas casas com recursos próprios. Por este motivo, eram construções simples, que formavam bairros sem infra-estrutura, a qual foi fornecida posteriormente pela prefeitura (Figura 10).



Figura 10: Vista parcial da cidade de Cocal do Sul, 1995. Bairro Jardim Elizabeth.

Fonte: Prefeitura Municipal de Cocal do Sul.

Até então, o distrito crescia em função de investidores externos, seja pela indústria cerâmica ou seja pelos especuladores imobiliários. Inclusive, uma das imobiliárias, com escritório no distrito, pertencia a um dos sócios do Grupo Cerâmico, que não residia em Cocal e que conseqüentemente levava recursos para fora do distrito.

O acelerado crescimento demográfico acontecido refletia o crescimento da indústria cerâmica local como um todo, considerando-se, inclusive, a instalação das empresas fornecedoras de serviços e de suporte àquele setor. Desta forma, as empresas da Cerâmica Eliane formaram um grupo que se traduziu no mais importante conjunto de atividades industriais do distrito, além de ser o principal empregador da mão-de-obra local. Mas tal crescimento demográfico significou dificuldades quanto às condições de moradia, trabalho e infra-estrutura urbana.

Conforme entrevista com o ex-Intendente do Distrito (que atuou de 1977 até 1991), com relação à infra-estrutura, sistemas de energia elétrica, água e esgoto, estes

fatores não receberam incrementos, sendo fornecidos – até por volta de 1977 – de forma bastante precária.

Foi somente por volta de 1977, com o início da construção de conjuntos habitacionais, que o poder público municipal começou a fornecer a infra-estrutura básica não só para as COHABs, mas também para todos os bairros. A infra-estrutura oferecida constituía-se de rede pluvial, energia elétrica, iluminação pública (que era paga pela Prefeitura à cooperativa e atualmente é paga diretamente pelo consumidor) e abastecimento de água.

Durante a década de 70, o *boom* do setor cerâmico evidenciou um problema quanto à mão-de-obra empregada: a cidade não possuía estrutura para comportar novos trabalhadores. Como foi visto, para a cidade esse *boom* acarretava a ocupação desordenada do solo, invadindo, inclusive, áreas rurais. Para a empresa, a escassa oferta imobiliária significava problemas quanto ao custo da mão-de-obra, que precisava ser buscada nas adjacências. De início, a empresa construiu um alojamento para funcionários do sexo masculino, pois muitos de seus empregados ainda residiam em municípios vizinhos, deslocando-se até Cocal, como já foi dito, através de transporte coletivo fornecido pela própria empresa⁹⁷. O alojamento tinha capacidade para abrigar, aproximadamente, 110 pessoas⁹⁸, das quais era cobrada uma taxa. Com essa medida, a empresa reduziu os gastos com transporte de funcionários, embora tenham restado ainda 7 veículos coletivos fretados, viajando exclusivamente para a empresa, transportando cerca de 460 pessoas. Havia ainda os ônibus de linha, convencionais, de origem da cidade de Criciúma e Urussanga, dos quais não é possível precisar o número de funcionários transportados⁹⁹. Também se devem considerar os veículos particulares, principalmente do setor administrativo ou dos que ocupavam cargos de chefia. Este contingente, como já se falou, era trazido de fora porque a cidade simplesmente não oferecia mão-de-obra suficiente.¹⁰⁰

Até a década de 70 a forma de recrutamento de operários para a empresa ocorria através de funcionários, que percorriam várias cidades da região à procura de

⁹⁷ Até os primeiros anos da década de 70, o transporte, bem como o lanche, foram fornecidos gratuitamente pela empresa.

⁹⁸ Departamento de Recrutamento das empresas Eliane. 2001.

⁹⁹ Somente para uma comparação, a média mensal de passes fornecidos à empresa Eliane pela empresa de Transporte São José, nos anos de 97-98-99 e 2000, foram de 160-142-125 e 111, respectivamente. A grande maioria desses trabalhadores eram do setor administrativo.

¹⁰⁰ GALLI, op. cit.

mão de obra¹⁰¹. Tal condição acarretava uma situação de dependência da mão-de-obra por parte da empresa, condição esta nada confortável para o capital. A automação parcial do processo produtivo e a demanda pelos produtos cerâmicos, que determinou a ampliação do parque fabril, determinava a necessidade por contratação crescente de pessoal. A empresa passou, então, a interferir na reprodução do espaço urbano, procurando oferecer condições habitacionais atrativas ao operariado. Através de ações junto ao Poder Público, montou-se a estrutura adequada para atender as necessidades e exigências da empresa, a qual, atraindo trabalhadores principalmente de regiões vizinhas, procurou formar seu exército de reserva.

O distrito, então, recebe novos equipamentos coletivos a partir da década de 70. Foi instalada a Delegacia de Polícia, inaugurou-se o Ginásio de Esportes (Figura 11) e foram construídos 2 conjuntos habitacionais (Figura 12), estes localizados próximos à empresa e ao centro. O primeiro deles foi concluído em 1978. Utilizou-se de recursos do BNH e sua construção foi intermediada pelo Poder Público Municipal. Compunha-se de 69 casas, construídas sobre um terreno que havia sido comprado pela Prefeitura Municipal de Urussanga, a qual também executou as obras de infra-estrutura. A construção das casas era paga pelos mutuários. A empresa Eliane não se envolveu diretamente na construção deste primeiro conjunto, embora tenha se utilizado da influência política junto à Prefeitura Municipal de Urussanga e ao Governo Estadual. A mesma influência garantiu para o distrito o recebimento de água encanada (com a instalação da SAMAE), asfaltamento da rodovia que atravessa o distrito (concluída em 1978) e instalação de telefones.

Na construção do segundo conjunto habitacional, concluído em 1981, a empresa cerâmica exerceu influência direta. Esta possuía um terreno urbano, no qual o Poder Público Municipal fez um loteamento composto de 300 lotes. Adquiriu da empresa 150 lotes, e procedeu ali toda a infra-estrutura (arruamento, iluminação pública, rede de energia elétrica, saneamento básico, praça e centro comunitário). A indústria, através de uma das suas empresas – Eliane Empreendimentos Imobiliários – ganhou a licitação pública, procedida pela Caixa Econômica Federal. Tendo celebrado, então, contrato com a COHAB/SC (Companhia de Habitação do Estado de Santa Catarina), sub-contratou uma empreiteira (Augusto Colombo & Cia Ltda) para a construção de 150 casas. Os beneficiados com a construção deste segundo conjunto

¹⁰¹ Entrevista com ex-funcionário do setor de recrutamento, concedida em 21/07/2001.

habitacional foram quase que exclusivamente funcionários da empresa: das 150 casas, 145 foram ocupadas por funcionários (priorizando-se aqueles com mais de 3 anos de trabalho e com família), e as 5 restantes foram entregues a funcionários da própria Prefeitura Municipal de Urussanga. Afinal, as construções desses conjuntos habitacionais foram especialmente vantajosas para a empresa, pois, além de conseguir estabelecer condições atrativas à instalação de trabalhadores, criava uma imagem positiva em relação à sua atuação na sociedade. Os investimentos feitos em externalidades para viabilizar o funcionamento da fábrica eram realizados como uma reivindicação da empresa junto ao Poder Público. Em Cocal não existe nenhuma obra pública que tenha sido doada pela empresa: sua participação limitava-se apenas em ajudar financeiramente ou, principalmente, com a doação de revestimentos cerâmicos.



Figura 11: Acima, o Ginásio de Esportes Municipal, ao fundo observa-se o segundo conjunto habitacional, que hoje forma o Jardim Itália.

Fonte: Acervo pessoal de Lédio Scarpato – ex-intendente do distrito.

Em uma entrevista concedida pelo Prefeito de Urussanga à Revista Comunicação, evidencia-se a forte presença política da empresa nas reivindicações do distrito, as quais, em última análise, eram as reivindicações do capital. O fornecimento de infra-estrutura e a construção das COHABs revelam a atuação do Poder Público a

partir da interferência da indústria cerâmica na formação do espaço urbano. Perguntado sobre a sua meta política com relação ao Distrito de Cocal, responde:

(...) a meta maior de Cocal está na política habitacional. A construção do 1º conjunto habitacional, com infra-estrutura totalmente financiada e paga pela prefeitura, em termos de água, luz, arruamento, calçamento, centro comunitário, praça, esgoto... Numa Segunda etapa estamos concluindo a construção de mais 150 casas, sendo que já colocamos lá, água, energia elétrica, esgoto sanitário e arruamento. Acho basicamente uma das obras mais importantes, (...) que é dar condições aos operários que trabalham nas Empresas Maximiliano Gaidzinski que estavam residindo longe do local de trabalho, para que possam estar agora bem próximo ao seu serviço, com condições humanas adequadas para que realize seu trabalho; ou seja, tenha uma casa, sendo que esta casa ofereça o conforto adequado. O trabalhador deixa a sua família tranqüila dentro de sua casa, dizendo para si mesmo que aquilo que ele produz, através das Empresas Maximiliano Gaidzinski, foi bem aplicado.(sic)¹⁰²



Figura 12: Vista aérea o segundo conjunto habitacional, que hoje forma o Jardim Itália.

Fonte: Acervo pessoal de Lédio Scarpato – ex-intendente do distrito.

Isso demonstra que o distrito de Cocal se tornaria dependente de uma empresa e o “bem-estar” de toda sociedade dependeria do bem-estar da indústria cerâmica que aí havia se instalado. Porém, a construção das COHABs (assim como a

instrumentalização do município como um todo), revela a intenção maior de manter o domínio e o controle da classe trabalhadora, pois, tornando a cidade atrativa, garantia a existência de mão-de-obra excedente. Por trás de um discurso assistencial, motivavam o aumento da produção e, como conseqüência, a acumulação do capital. A cidade como um todo, como veremos mais adiante, não se desenvolveu, apenas cresceu.

Esse discurso também se evidencia quando da participação do Grupo Eliane na organização comunitária da cidade. Tal participação era realizada pelos estagiários do Serviço Social da empresa, que atendiam os moradores das COHABs, os quais, por sua vez, eram funcionários da empresa. Estes estagiários formaram associações de bairro, grupos de jovens, de mães; organizaram mutirões para arborização de ruas, construção de hortas domiciliares e, inclusive, para a construção do Centro Comunitário dos bairros, com a participação do Poder Público (de Urussanga) e das empresas Eliane. Novamente, a participação da empresa no âmbito social e assistencial revela um controle do capital sobre as condições externas do trabalho, e, em conseqüência, sobre a cidade.

A construção e localização dos conjuntos habitacionais confirmavam a formação urbana do distrito de Cocal como uma vila operária. Ao longo dos anos, à medida que a empresa se desenvolvia, os trabalhadores dos setores administrativos – que foram sendo demandados gradativamente – passaram a ser contratados também a partir da oferta do distrito. Porém, a grande maioria ainda vinha das cidades vizinhas (uma característica que permanece atual), principalmente quando a função exigia maior qualificação. O setor de Processamento de Dados pode constar como exemplo. Quando a empresa adquiriu os primeiros computadores, no início dos anos 80, foram contratados diversos funcionários especializados. Como o distrito de Cocal não apresentava este tipo de trabalhador em seu exército de reserva, os recursos humanos foram buscados nas regiões vizinhas, principalmente em Criciúma, onde se estabeleceram muitos deles, vindos do Rio Grande do Sul. Esses funcionários, por apresentarem padrão de vida diferente, inclusive recebendo salários mais altos, permaneciam na cidade de origem (quando vindos de Criciúma ou Urussanga), ou mudavam-se para um desses centros. Isto porque as vilas que se formavam no distrito de Cocal comportavam uma infra-

¹⁰² ELIANE REVESTIMENTOS CERÂMICOS. **Inaugurado em Cocal um conjunto habitacional de 150 casas**. Revista Comunicação. V. 5, v. 37, ago. e set./1981.

estrutura que atendia apenas a uma classe de operários, sem atender às expectativas de um centro maior.

Nas relações de trabalho, normalmente são estabelecidas forças produtivas hierarquizadas, as quais, conseqüentemente, vão produzir um espaço diferenciado ao redor do capital. Essa hierarquização da força produtiva ocorrera também na Cerâmica Eliane. Contudo, como as funções mais altas da hierarquia foram sendo ocupadas por pessoas não residentes no distrito de Cocal, ou da própria família proprietária da indústria, percebe-se que, no local, há ausência de áreas supervalorizadas no centro urbano. A cidade de Cocal do Sul é tipicamente operária: não há bairros ou edifícios que apresentem construções de alto padrão, embora há algum tempo tenha se delineado um bairro com características de bairro nobre, como é o caso do Bairro Bela Vista, cujos terrenos, na sua maioria, pertencem a pessoas de melhor poder aquisitivo e são os mais valorizados da cidade. Os bairros, por terem se constituído a fim de abrigar os operários da produção que se fixavam ao redor da empresa, mantêm um mesmo padrão, ou seja, são casas simples, de madeira ou de alvenaria, compostas por 5 ou 6 cômodos.

Pelo mesmo motivo, o distrito não apresenta um comércio desenvolvido, mas limitado ao centro da cidade, com algumas poucas lojas, farmácias, padarias e um maior número de bares, estes distribuídos em vários bairros, além de oficinas e escritórios de prestação de serviços. O contingente de trabalho externo ao distrito determinou o desenvolvimento precário do setor terciário, o qual oferecia apenas os serviços básicos. A proximidade de Cocal com centros maiores, como Criciúma e Urussanga, também facilitava que os salários dos trabalhadores da cerâmica circulassem fora da cidade. Não existem na cidade lojas de destaque, e os serviços especializados, nas sua maciça maioria, são buscados na cidade vizinha de Criciúma, e em outros centros maiores.

Quanto ao desenvolvimento industrial de Cocal, este foi diversificado pela hegemonia da Cerâmica Eliane. O capital, entretanto, permaneceu sob o poder do mesmo grupo, como conseqüência da estratégia de verticalização. Conforme Censo Preliminar (IBGE, 2000), até 1969 observou-se o reduzido número de empresas constituídas, num total de cinco empresas, entre elas estava, além da Cerâmica Eliane, a Cooperativa de Eletrificação Rural. Nos anos seguintes (anos 70 e 80), apesar do crescimento demográfico, continuou a existir um pequeno grupo de empresas, o qual era formado por madeireiras, serralherias, facções, olarias. Só a partir dos anos 90 é que surge um número acentuado de novas empresas, fato que pode ser explicado pela

terceirização das atividades de suporte e parte do processo produtivo das empresas Eliane.

Este processo de desverticalização refletiu-se na cidade, principalmente através da abertura de empresas e do surgimento de uma gama de trabalhadores autônomos. No total, Cocal do Sul contou, entre 1990 e 2000, com 754 empresas. Se observarmos a tabela 13, perceberemos que, de 1969 a 1989 havia um número reduzido de empresas no então distrito de Cocal, sendo que a maior parte delas pertencia à Eliane. De 1990 a 2000, houve um aumento estrondoso do número de empresas, graças à terceirização dos serviços da empresa citada, chegando a 310 empresas, as quais ainda estão em atividade. Das 754 empresas, 444 encerraram suas atividades no mesmo período (tabela 14), e as restantes 310 continuam em atividade.

Tabela 13: Empresas ativas com sede em Cocal com ano de fundação entre 1969 e 2000.

ANO DE FUNDAÇÃO	Nº DE EMPRESAS (diversas atividades)*
Até 1969	5
1970 – 1974	6
1975 – 1979	15
1980 – 1984	14
1985 – 1989	46
1990 – 1994	163
1995 – 2000	147

Fonte: IBGE, Censo Preliminar, 2000.

Apesar de ter sido iniciado o processo de terceirização ainda em 1989, foi apenas em 1993 que se deu a efetivação do projeto, sendo este o ano em que mais surgiram empresas em Cocal do Sul. Da tabela 12, que demonstra o número de contribuintes que encerraram suas atividades na década de 90, retira-se que, das empresas baixadas, 274 iniciaram atividades ainda em 1993. No ano seguinte, temos um número bem menor, de apenas 42 empresas. Confirmando esta hipótese, tem-se na tabela 11, a qual demonstra o número de empresas ainda em atividade na cidade pelo ano de fundação, que 163 empresas ativas tiveram sua fundação nos 5 primeiros anos da década de 90, contra 147 nos últimos cinco anos, ou seja, o número de empresas que iniciaram atividades no período de desverticalização ultrapassa o número de empresas fundadas nos anos posteriores.

As atividades que mais se destacaram foram as da construção civil e as autônomas. Dos profissionais autônomos, a cerâmica Eliane exigia registro formal de

empresa individual, para que fosse possível a prestação de serviços à sua indústria. Por este motivo, foi possível de ser levantado um número bastante próximo das novas empresas que surgiram no local por conta das terceirizações, o que por sua vez demonstra a forte dependência econômica da cidade em relação ao grupo cerâmico.

Tabela 14: Número de Contribuintes do município de Cocal do Sul, cujas atividades iniciaram e encerraram na década de 90.

Setor	Ano de início das atividades										
	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Agropecuária e exploração florestal	1			2		1	1				
Comércio		3	2	37	6	7	7	8	2	1	
Bares, Lanchonetes, restaurantes		2		11					1	1	
Autônomos			1	71	16	6	9	6		3	
Ind. de extrativos						1		1			
Ind. de transformação				4	2	3	2	2		1	
Prod. e distr. Eletricidade, gás e água				1						1	
Construção civil (empresas e autônomos)				104	7	12	5	2			
Imobiliário				2	1						
Educação				2	2				1		
Saúde e serviços sociais				1		1	1				
Serviços domésticos				15	1	2	1				
Serviços de manutenção eletro-mecânica e hidráulica (empresas e autônomos)				18	6	2	7	3	5	1	
Administração em geral, vigilância e guarda (empresas e autônomos)				3	1						
Indústria de vestuários				2		1			1	1	1
Indústria gráfica									1		
Diversão e entretenimento						1		1			
Comunicação e publicidade							4				
Intermediação financeira				1							
Serviços não especificados						1					
TOTAL	1	5	3	274	42	38	37	23	11	9	1

Fonte: Prefeitura Municipal de Cocal do Sul, 2001.

Mas as novas empresas não representavam para a cidade a geração de novos empregos, pois eram, na realidade, uma forma de aproveitamento da mão-de-obra dispensada pela indústria cerâmica, sob a roupagem de pequenos empresários (constituídos por empresas individuais). Com exceção do setor secundário, no qual seu maior representante era a indústria cerâmica, os demais setores ocupavam pouca mão-de-obra, significando apenas a nova ocupação do demitido pela cerâmica, o que pode ser percebido através da tabela 15:

Tabela 15: PESSOAL ocupado em Cocal do Sul.

RAMO ECONÔMICO	Número de pessoas
Agricultura, pecuário, silvicultura, exploração florestal	17
Indústria extrativa	118
Ind. de transformação	1960
Produção e distribuição eletricidade, gás e água	55
Construção	69
Comércio reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	352
Alojamento e alimentação	21
Transporte, armazenagem e comunicação	97
Intermediação financeira	19
Imobiliária, aluguéis e serviços prestados às empresas	347
Administração pública, defesa e seguridade social	248
Educação	20
Saúde e serviços sociais	16
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	42
TOTAL	3.381

Fonte: IBGE, Censo 2000.

Acredita-se que a abertura de um número tão expressivo de empresas acabou por atrair novos migrantes, em busca de trabalho ou da possibilidade de se tornar pequenos empresários. A esta conclusão chega-se a partir da análise das tabelas 8 a 11, anteriormente expostas. No período compreendido entre 1991 e 1996, Cocal do

Sul recebeu 1.106 migrantes, advindos do próprio Estado¹⁰³. Ora, se o crescimento populacional do período foi de 603 pessoas, isto demonstra que saíram do município 503 pessoas. Se for considerado que houve crescimento vegetativo no mesmo período, este número amplia-se. Como não existem dados estatísticos sobre o perfil destas pessoas, acredita-se que se tratava daqueles que, demitidos da indústria cerâmica, foram buscar trabalho em outras regiões ou fora do País.

Na verdade, o processo de desverticalização adotado pela indústria cerâmica resultou na formação de três grupos distintos:

- Primeiro grupo: constituído por pequenas empresas prestadoras de serviços e produção de equipamentos para a indústria cerâmica;
- Segundo grupo: constituiu-se por empresas individuais e autônomos, que prestavam apenas seus serviços à indústria cerâmica e não possuíam empregados;
- Terceiro grupo: formado por empresas de terceirização de mão de obra, cujos funcionários continuam trabalhando na indústria cerâmica, mas contratados por empresas de terceiros (ex: empresas de vigilância, limpeza, alimentação).

No conjunto das indústrias que surgiram no município, principalmente a partir de 1993, a grande maioria de empresas registradas, bem como autônomos, situava-se no segundo grupo, pois incluía a atividade de maior exploração – a construção civil – seguida por trabalhadores autônomos de outras áreas (costureiras, vendedores, engenheiros e arquitetos, entre outros). Este grupo, não representou mudanças significativas no desenvolvimento industrial do município (com exceção dos salários, como será visto posteriormente), assim como o terceiro grupo, já que abrangia empresas que apenas intermediavam a contratação de funcionários. Desta forma, o trabalhador continuava exercendo suas atividades na indústria cerâmica, sob novo comando, mas ainda diretamente dependente da empresa.

De forma imediata, as mudanças ocorridas com a terceirização sobre a cidade resumiram-se na aquisição, pelo Poder Público Municipal (agora de Cocal do Sul, emancipado em 1991), de um terreno próximo à indústria cerâmica, onde se instalaram as empresas recém criadas, pertencentes ao primeiro grupo, cujas atividades

¹⁰³ Entre 1991 e 1996, Cocal do Sul recebeu 2 pessoas da Região Norte do País, 2 da Nordeste, 20 da Sudeste, 137 da Região Sul (exceto SC) e 6 da Região Centro-oeste. Ainda contabilizam 1 pessoa estrangeira e 1 pessoa que não deu declaração. Somente do Estado de Santa Catarina, mudaram-se para Cocal 937 pessoas.

eram relacionadas à produção e manutenção mecânica de suporte. Mas ali também se instalaram indústrias não relacionadas ao setor cerâmico, como a confecção têxtil.

Na segunda metade da década de 90, porém, a cidade sentiu o resultado prático do processo de terceirização instaurado pela indústria cerâmica. O surgimento de um grande número de novas empresas, muitas atuando no mesmo ramo, fez com que se instalasse no local uma concorrência acirrada, tanto de empresas entre si, quanto entre autônomos.

A própria cerâmica, que, no início, era a principal cliente das empresas terceirizadas, pagava preço de mercado pelos serviços a ela prestados, beneficiando-se da concorrência, traduzindo-se, finalmente, o processo de terceirização, num ótimo negócio para o capital ali instalado. Atualmente, as empresas terceirizadas em atividade têm na Eliane um cliente a mais, não dependendo dela diretamente para sobreviver no mercado¹⁰⁴, configurando uma certa independência entre a Eliane e a nova indústria de Cocal. Entretanto, esta industrialização somente ocorreu porque a indústria cerâmica permitiu, como uma estratégia de sobrevivência ao mercado difícil. Porém, teve seu preço.

Pode-se dizer que a maior beneficiada com a terceirização do grupo cerâmico de Cocal do Sul foi a própria empresa, que se desfez de diversos setores não produtivos e, principalmente, dos encargos trabalhistas. As empresas que dela resultaram e que não buscaram novos clientes no mercado (seja por falta de capital ou de gerenciamento) acabaram encerrando suas atividades pela forte concorrência que se estabeleceu entre elas próprias. Existem casos de empresas que, ao tentar sobreviver à forte concorrência deixaram de recolher os encargos sociais. *A concorrência entre as empresas era tão desleal que não sobrava recursos para pagar os encargos sociais de seus empregados. Para sobreviver têm que buscar serviço fora. Alguém está ganhando e outros perdendo*¹⁰⁵. No início da terceirização, a empresa forneceu treinamento e orientação sobre gerenciamento. Contudo, a formação de mão de obra qualificada da Eliane era de manutenção cerâmica, ou seja, apenas operacional, não de empresários. Este fator, somado à concorrência oportunizada, talvez explique a quebra de 444 empresas, somente na década de 90.

Quanto à mão de obra, o processo de desverticalização da indústria cerâmica, no início dos anos 90, provocou uma sensível queda no número de

¹⁰⁴ C.M.A. Entrevista. 2001.

¹⁰⁵ H.M - entrevista realizada agosto/20001

funcionários mantidos pela empresa. Conforme é possível observar na tabela de efetivos da empresa (tabela 6), em 1990 a indústria cerâmica contava com 4.078 trabalhadores lotados em Cocal do Sul. Com as terceirizações, em um ano, este número caiu para 2.936 trabalhadores. Esta diferença, de 1.142 trabalhadores, dispensados das empresas de Cocal do Sul, foi em grande parte absorvida pelas novas empresas, as quais surgiram no município em grande número. Outra parte do trabalho humano dispensado era formada por trabalhadores de outros municípios, razão pela qual não se somaram aos desempregados do local. Havia ainda muitos trabalhadores antigos que se aposentaram. Muitos dos que não conseguiram colocação no mercado de trabalho (o número deles não foi possível precisar), seja do município ou da Região, acabaram indo trabalhar fora do país, às vezes levando consigo suas famílias. Os países mais procurados foram os Estados Unidos, Inglaterra e Portugal, sendo que, nestes países geralmente os emigrantes permanecem por dois, três anos ou mais. Na Alemanha e Itália essas pessoas são contratadas temporariamente, de 7 a 8 meses por ano. As pessoas que migraram para o exterior geralmente tinham pouca qualificação, pois trabalhavam na produção das empresas. Mas também funcionários demitidos dos setores administrativos (auxiliares de escritórios, entre outros) saíram do país.¹⁰⁶

As mudanças ocorridas no município a partir da década de 90, com as terceirizações empreendidas pela indústria cerâmica, nos permite detectar importantes alterações nas relações de trabalho, já vistas, com perdas significativas para a classe operária, predominantes na configuração do espaço urbano, como veremos a seguir, na distribuição de renda.

4.1.1 A Distribuição da Renda no município

A partir do momento em que a empresa cerâmica instalou-se em Cocal do Sul, a renda familiar conseguida na cidade sofreu diferenciações.

No período anterior às terceirizações, a cerâmica Eliane era a maior empregadora e, conseqüentemente, maior distribuidora de renda. Atualmente, os principais fatores de distribuição de renda no local são três: a indústria cerâmica, as poucas empresas remanescentes da desverticalização e o INSS, através do pagamento de benefícios. Outra fonte de renda que merece destaque, embora informal, são as divisas

¹⁰⁶ Conforme entrevista aos moradores da cidade.

externas, advindas em função do número expressivo de pessoas que foram trabalhar no exterior¹⁰⁷, principalmente na década de 90 e nos últimos 2 anos. Estas, economizando praticamente todo o seu rendimento, investem em terrenos e construções, sendo que os valores dessas divisas não nos foram fornecidos, embora tenhamos tentado pesquisar junto ao Banco do Brasil. Geralmente, essas construções são um pequeno prédio, cujos pisos superiores são destinados à moradia e, na parte térrea, há uma ou duas salas comerciais, as quais objetivam alugar. Porém, conforme entrevista a uma imobiliária, esses investidores eram comuns até o final da década de 90, onde 40% das vendas de terrenos eram destinados aos “norte-americanos”. Nos últimos dois anos, muitos dos que estão no exterior já não estão mais investindo na cidade em razão dos imóveis não valorizarem. Passaram, então, a investir em localidades próximas, onde a especulação imobiliária se faz presente, como Criciúma, Laguna e, algumas vezes, em Florianópolis.

Da indústria cerâmica tem-se que cerca de 1.032 dos funcionários residem em Cocal do Sul, recebendo salário, o qual varia conforme a função. A média salarial do setor administrativo gira em torno de R\$1.882,83, enquanto que a média do operacional fica em R\$578,30. Considerando-se que a maioria dos trabalhadores do setor administrativo mora em cidades vizinhas, conclui-se que neste valor fica a média da renda distribuída pela empresa no município.¹⁰⁸

Outro fator que gera distribuição de renda no município constituiu-se através da pulverização de empresas, as quais, resultaram do processo de desverticalização.

O INSS, por sua vez, beneficia de 1 872 pessoas cadastradas no município, número que, segundo o Sindicato dos Aposentados, pode chegar a 3.000, tendo em vista a existência de pessoas residentes no local, mas cadastradas por outros municípios. Isto porque vieram residir em Cocal do Sul após a aposentadoria.

O total de pessoas ocupadas nos diversos setores da economia, em Cocal do Sul, conforme o Censo de 2000, chega a 3.381. Somados aos aposentados, representam cerca de 6.300 pessoas que percebem uma renda mensal. Situado próximo a um pólo industrial, principalmente cerâmico, também deve-se considerar a existência de pessoas que residem em Cocal, mas trabalham em municípios vizinhos, como Criciúma,

¹⁰⁷ EUA, e países europeus, principalmente Inglaterra e Portugal onde permanecem por 3 ou mais anos e em menor quantidade. Na Alemanha e Itália a emigração é menor, com contrato de 6 a 8 meses por ano, para trabalhar nas sorveterias.

¹⁰⁸ Setor Pessoal da empresa Eliane Revestimentos Cerâmicos, 2000.

Urussanga, Morro da Fumaça, embora o número não se possa precisar, haja vista a ausência de registros nesse sentido.

Esta renda, embora seja investida no local, não representa efetivo desenvolvimento econômico da cidade, tendo em vista o baixo patamar em que ficam estes rendimentos. A minoria dos que possuem renda, ou seja, aqueles que têm maior poder aquisitivo, adquirem produtos e serviços em centros vizinhos, como Criciúma, por causa da proximidade.

Este, aliás, é outro problema enfrentado pelo município de Cocal do Sul: a fuga de recursos. Esta fuga é causada pela ocorrência de pessoas que trabalham no município, mas que residem fora dele. Isto não ocorre somente na empresa Eliane, como também no Poder Público e na Educação. Ainda podem ser somados a este contingente os novos empresários, proprietários ou executivos das empresas resultantes da terceirização. A Eliane, por sua vez, adquire matéria-prima, serviços e equipamentos fora do município, além de consumir energia elétrica diretamente da Celesc, e não da Cooperativa local. Tendo em vista o exposto, vê-se que os recursos financeiros gerados em Cocal do Sul não permanecem na cidade, da mesma forma que geram tributos em outras localidades. Há também em Cocal do Sul muitos prestadores de serviços que são de forma (dentistas, médicos, advogados; cursinhos diversos; lojas; representações).

A tabela 16 nos dá uma idéia do número de contribuintes do município em estudo.

Tabela 16: Número de contribuintes do município de Cocal de Sul, 2001.

SETOR	Número de empresas
Agropecuária e exploração florestal	13
Comércio	203
Bares, Lanchonetes, restaurantes	108
Autônomos	382
Ind. de extrativos	4
Ind. de transformação	49
Prod. e distr. Eletricidade, gás e água	3
Construção civil (empresas e autônomos)	115
Imobiliário	4
Educação	6
Saúde e serviços sociais	23
Serviços domésticos	9
Serviços de manutenção elétrico-mecânica e hidráulica (empresas e autônomos)	77
Administração em geral, vigilância e guarda (empresas e autônomos)	05
Indústria de vestuários	33

Indústria gráfica	10
Diversão e entretenimento	16
Comunicação e publicidade	27
Intermediação financeira	04
Associações e entidades diversas	18
TOTAL	1.109

Fonte: Prefeitura Municipal de Cocal do Sul, 2001.

Estes fatores, somados, explicam o pacato desenvolvimento do comércio e da indústria de Cocal do Sul. Quanto ao comércio, através do número de empresas contribuintes do município (tabela 16), vê-se que em Cocal do Sul, das 1.109 empresas registradas, 311 são estabelecimentos comerciais, sendo que destes 108 atuam como bares, restaurantes ou lanchonetes. Os restantes atuam no comércio de artigos de vestuário, calçadista, mercadista e de móveis. Estas atividades, no entanto, geram poucos recursos para o município.

A indústria cerâmica mantinha, em 2000, aproximadamente 22,19% de seus funcionários residentes em outras cidades, trabalhando para elas¹⁰⁹. Estas pessoas acabavam gastando seu salário no município de origem. Além disso, o comércio da cidade, ao contrário do que se poderia pensar, não foi incentivado pelas terceirizações. Este panorama está demonstrado na tabela 17, na qual percebe-se que o comércio manteve-se estável durante todo o período (1993-2001). O comércio de vestuário é exceção, apresentando oscilações importantes, afetado pela baixa renda do município, combinada com o desemprego. Índices que, infelizmente, não são registrados em nenhum órgão, mas dos quais não se nega a existência.

Tabela 17: Empresas cadastradas no CDL – Cocal do Sul, no período de 1993 – 2001.

RAMO DE ATIVIDADE	Número de empresas								
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Vestuário	28	15	17	16	14	17	11	14	16
Calçados	06	03	04	04	03	04	03	05	06
Mat. Construção	09	09	08	07	05	04	05	04	04
Posto Gasolina	02	04	03	03	03	03	03	03	03
Ótica e Relojoaria	03	02	02	04	03	03	03	04	05
Papelaria	02	01	01	02	02	02	03	02	03
Farmácias	03	01	02	03	03	05	05	04	05
Eletrodomésticos	02	02	02	02	02	03	03	03	03
Loc./Serviços	15	08	09	07	05	05	05	07	12

¹⁰⁹ Setor Pessoal das Empresas Eliane, 2000.

Bancos	03	03	04	04	04	04	04	04	04
Mat. Varejo em geral	08	07	08	06	07	05	06	04	06
Padarias	03	02	02	01	01	02	02	03	04
Mercados	05	04	04	03	03	04	05	05	05
TOTAL	89	124	66	62	55	61	58	62	76

Fonte: Clube de Diretores Logistas (CDL) de Cocal do Sul, 2001.

Pode-se concluir que, por ser uma cidade que cresceu em função de uma classe assalariada, não houve uma maior diversificação da economia e o comércio em geral precisou se adequar às possibilidades da população.

Quanto à indústria cerâmica, esta consome produtos e serviços alheios à cidade. Com exceção de produtos e serviços de pequeno valor, os recursos de maior volume e maior valor (desde matérias-primas até maquinários utilizados) advêm de outros locais, inclusive do exterior (no que se refere à tecnologia de ponta). Como exemplo, temos que, contrariamente ao que se poderia imaginar, a empresa busca matéria-prima fora do município. Da mesma forma, os meios utilizados para transportá-la, além da maioria de todos os outros componentes cerâmicos. Inclusive a fonte de energia empregada na indústria para a alimentação dos fornos (óleo diesel e gás), bem como a energia elétrica utilizada pela indústria cerâmica é buscada fora do município. Quanto a esta última, foi instalada uma subestação exclusiva, correspondente a 69.000 volts dentro do parque industrial da empresa, ligada diretamente à CELESC, que oferece tarifas mais baixas. O restante da cidade utiliza-se de energia elétrica fornecida pela cooperativa de eletrificação local. Assim, o que a empresa consome localmente são pequenos serviços de manutenção e produtos de baixo valor, como resultado da busca a preços cada vez menores, aliada à ausência de fornecedores no local. Os recursos financeiros que a empresa distribui no município são insignificantes, ante à quantidade de recursos exteriorizados. Esta realidade, contribui para o baixo nível de distribuição de renda no município¹¹⁰

A Secretaria do Desenvolvimento do Estado, em análise do PIB *per capita* (tabela 18) de Cocal do Sul, o define como alto, constando o município como o mais alto índice da região carbonífera. Entretanto, como se viu anteriormente, a renda percebida pelos habitantes é estabelecida num baixo patamar, o que leva a concluir que há no município uma concentração da renda pelo capital, a qual não é reinvestida na cidade. Isso demonstra que a cidade é um local de exploração, principalmente por parte da empresa. Analisando a empresa cerâmica Eliane em todo o seu processo de

desenvolvimento, viu-se que o espaço que ela produziu foi um espaço de exploração colonialista (já que tanto os proprietários – seja da Eliane ou das novas empresas – como os executivos, funcionários do setor administrativo e cargos de chefia em geral, não moram na cidade). Formou-se uma vila operária, de reprodução simples, ou seja, de pura sobrevivência, onde a sociedade, como um todo, tem forte dependência do pólo industrial.

Tabela 18: PIB (R\$) per capita em Cocal do Sul, no período de 1993 a 1999.

ANO	Cocal do Sul	Urussanga	Criciúma	Siderópolis	Orleans	Lauro Muller	Içara
1993	15.250,00						
1994	13.883,00						
1995	13.451,00						
1996	14.577,00	7.552,00	5.931	5.800,00	6.103,00	2.013,00	4.970,00
1997	13.561,00	8.634,00	6.272	6.476,00	4.730,00	3.107,00	4.688,00
1998	12.169,00	7.328,00	6.558	6.657,00	4.143,00	3.798,00	4.262,00
1999	13.467,00	9.980,00	6.179	6.415,00	4.994,00	3.156,00	4.448,00
Índice	1,00	0,56	0,42	0,44	0,32	0,18	0,28
Nível	Alto	Médio	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo

Fonte: Secretaria do Estado da Fazenda (Diretoria de Planejamento e Coordenação)

Desta forma, pode-se dizer que a empresa se constitui num “corpo estranho” à cidade, apenas absorvendo dela, sem, contudo, retribuir, aproveitando uma relação patriarcal por ela mesma instituída.

Considerando que Cocal do Sul apresenta distribuição de renda desigual, e a partir das características atuais apresentadas pela cidade, é possível concluir que a renda do morador de Cocal do Sul é baixa. Esta baixa renda é confirmada pela simples análise da ocorrência de sindicatos atuantes no local. Em função da formação estrutural da empresa Eliane, antes da desverticalização estratégica, havia atuando na cidade três sindicatos. Qualquer trabalhador da cerâmica, desde que não exercesse atividade abrangida pelo sindicato metalúrgico ou dos transportes, recebia o piso do sindicato do mobiliário (ceramista), a menos que funcionasse como ajudante, caso em que receberia menos. Com as terceirizações das empresas satélites, de parte do processo produtivo e principalmente dos setores de limpeza, alimentação e segurança, estes funcionários contratados pelas novas empresas passaram a receber pisos praticados pelos novos sindicatos. Conforme tabela 19, pode-se perceber que atualmente são vários os

¹¹⁰ S L. Entrevista concedida em 13/07/2001.

sindicatos atuantes, sendo que a maioria deles pratica pisos salariais mais baixos que aqueles pagos pelos sindicatos dos metalúrgicos, motoristas e mobiliário.

Se levados em conta os planos de cargos e salários, a diferença entre o salário praticado antes e depois da desverticalização passa a ser mais expressiva. Com o tempo de trabalho, o ceramista adquiria certos direitos salariais, os quais iam-se acumulando ao longo dos anos. Com a submissão aos novos sindicatos, caíram por terra as conquistas obtidas, tendo que iniciar nova carreira. Este fato demonstra um dos mais importantes fatores que contribuíram para a queda do poder aquisitivo da população. Pode-se deduzir que a cidade, caracterizada como uma vila operária, manterá este título ainda por muito tempo.

Tabela 19: Pisos salariais (em reais) dos sindicatos atuantes no município de Cocal do Sul, em julho de 2001.

Sindicato	Piso Salarial	Salário Mínimo (Equivalência)
Sindicato dos Metalúrgicos	463,00	2,57
Sindicato do Comércio	340,00	1,80
Sindicato dos Derivados de Petróleo	240,00	1,33
Sindicato dos Vigilantes	327,78	1,82
Sindicatos dos Vestuários	Costureira	330,00
	Passadeira	330,00
	Cortadeira	349,50
	Tecelão	533,47
	Serviços Gerais	207,08
Sindicato dos Transportes	428,05	2,38
Sindicato do Mobiliário	Profissional	408,23
	Ajudante	273,74
Sindicato do Panificador	251,00	1,40
Sindicato dos Oleiros	Auxiliar	205,70
	Queimador	317,79

Fonte: Contabilidade Raquel, 2000.

A ausência de expressivas diferenças entre os níveis de renda dos habitantes de Cocal do Sul determinou um estilo próprio para a cidade. As construções parecem niveladas, sem a ocorrência de domicílios de elevado padrão. Nunca houve, seja por parte do poder público ou da iniciativa privada, preocupação em reservar uma área para atender a uma classe de maior poder aquisitivo. Mas também não há a ocorrência de favelas, embora existam situações de moradias simples. É comum encontrar famílias

residindo em porões de outras casas, contando com apenas 2 ou 3 cômodos¹¹¹ Do número de domicílios, que chega a 3.280, apenas 31 foram considerados pelo IBGE (Censo 2000) como "improvisados".

As duas primeiras COHABs já perderam o aspecto de um conjunto habitacional, de um amontoado de casas iguais, pois a maior parte delas tomou novos formatos e cores (Figura 13), ou foram simplesmente demolidas e reconstruídas, à medida que o trabalhador conseguia investir parte de seu salário (conforme pode-se perceber analisando as fotos adiante). Por outro lado, as poucas casas que refletem uma renda familiar um pouco maior (construções de alvenaria, na maioria dos casos apresentando dois pisos) pertencem a pessoas que trabalham (ou trabalharam) no exterior, ou que acumularam capital através do próprio negócio (pequenos comerciantes e autônomos).



Figura 13: Vista parcial da cidade de Cocal do Sul em 1981.

Fonte: Acervo pessoal de Lédio Scarpato – ex-intendente do distrito.

Por ser uma cidade que cresceu em função de uma classe assalariada, não foi permitida uma maior diversificação da economia e o comércio em geral teve que se adequar às possibilidades da população. Apesar de apresentar um comércio estagnado e

¹¹¹ Prefeitura Municipal de Cocal do Sul. Assistência Social. 2001.

poucas indústrias, registra-se em Cocal do Sul um número elevado de novos domicílios. Conforme a Cooperativa de Eletrificação Rural, mensalmente é feita a ligação de energia elétrica de 14 casas, em média. Este fato explica-se pela proximidade de um centro maior e, principalmente, pelo baixo preço de terrenos e lotes urbanos, bem como de aluguéis, pois a cidade não oferece perspectivas de desenvolvimento. Com estes fatores ainda concorre a segurança, já que Cocal do Sul é uma cidade pacata, com baixíssimo nível de criminalidade.

Em decorrência da concentração da renda em poder do capital, Cocal do Sul revela-se uma cidade tranqüila, também não oferecendo atividades de lazer, dependendo sempre da cidade pólo – Criciúma.

4.1.2 Aspectos Atuais

Hoje a cidade em estudo é formada por 17 bairros, conforme pode ser observado no mapa da planta (Anexo 1). Possui uma população de 13.708 habitantes, sendo 83,13% residentes na área urbana, conforme o IBGE (2000). Falta acompanhamento do poder público em alguns bairros, como a última COHAB. Enquanto os conjuntos habitacionais interessavam à indústria, foram sendo construídos nos seus arredores. O último deles foi construído a cerca de 2 quilômetros do centro da cidade. Este possui por infra-estrutura básica apenas luz elétrica, água, esgoto e recolhimento do lixo. As ruas não são calçadas, as casas foram entregues semi-acabadas e com prestações mais caras que nas COHABs anteriores, já que toda infra-estrutura havia sido doada pelo Poder Público. Porém, os demais bairros possuem boa infra-estrutura.

A cidade de Cocal do Sul, como já se disse, é cortada pela Rodovia SC-446, que a liga a Urussanga e Criciúma. A empresa localiza-se bem no centro urbano, à Leste da rodovia, possuindo uma via principal de acesso asfaltada, sendo a única via central, com exceção da própria rodovia, que recebe tráfego de carros coletivos.

O atendimento à população quanto à saúde é feito através de dois Postos de Saúde, sendo que os casos mais graves são atendidos nos hospitais de Criciúma ou Urussanga.

Entretanto, existem organizações civis voltadas ao bem-estar social, como, por exemplo, as próprias associações de bairro, que assistem às famílias mais carentes e

organizam campanhas para doações de agasalhos, alimentos e remédios; além das pastorais da Igreja, as quais auxiliam em situações de doença e prestam orientações à comunidade, clube de mães e clubes da terceira idade.

Quanto à educação, Cocal do Sul conta com seis escolas, incluído neste número o Colégio Maximiliano Gaidzinski (CMG), que oferece ensino médio profissionalizante. Das outras escolas, apenas uma delas conta com ensino médio, sendo que todas prestam o ensino fundamental. O nível de atendimento do ensino fundamental de Cocal do Sul é considerado alto pela Secretaria do Desenvolvimento do Estado, sendo que o do ensino pré-escolar, assim como o ensino médio, possui um nível médio de atendimento. O número de analfabetos é de apenas 132 pessoas.

Quanto aos serviços de transporte coletivo, este é prestado por uma empresa de Urussanga, a qual mantém linhas diárias até Criciúma, sendo que Cocal localiza-se na metade do trajeto. Não há o tráfego de ônibus circulares na cidade, de forma que as pessoas precisam se dirigir até a rodovia a fim de tomar um ônibus.

O nível de desemprego não foi possível determinar com exatidão, tendo em vista que nenhum órgão público pesquisado forneceu informações exatas.

O abastecimento de água é fornecido através do Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto (SAMAE) a 95% da população. Entretanto, não existe em Cocal esgotamento sanitário, como a maioria dos municípios do Estado. A luz elétrica é fornecida pela Cooperativa de Eletrificação Rural Cocal.

Quanto à qualidade de vida, o município foi classificado como de nível alto, sendo que do 22º lugar no Estado em 1997, passou para 11º em 2000. Em entrevista ao delegado de polícia da cidade, observou-se que, nos últimos 14 anos, houve apenas 1 homicídio. Os furtos de automóveis são esporádicos, sendo que a autoria deles é atribuída a quadrilhas de Criciúma. O número de furtos de uso (onde o criminoso furta apenas para uma situação de uso temporário) e os furtos a residências são insignificantes.

Quanto ao meio ambiente de Cocal do Sul, o impacto ambiental também se fez sentir no espaço urbano, principalmente a partir da instalação da indústria cerâmica. No entanto, na pesquisa realizada para esta dissertação, não se conseguiu o material que se desejava; específico do município em estudo. Conforme pesquisa realizada pela professora Nadja Zim Alexandre (1966), que analisa o impacto ambiental provocado pelas cerâmicas no Sul do Estado de Santa Catarina, o processo cerâmico se utiliza fundamentalmente de argilas, caulim, feldspato, quartzo e carbonatos como matéria

prima. Esses elementos, juntamente com as fontes de energia, geram quatro formas de poluição:

- Contaminação atmosférica;
- Efluentes líquidos;
- Resíduos sólidos;
- Emissão de ruídos.

Diz ainda a autora (1966) que as cerâmicas instaladas no Sul de Santa Catarina, de maneira geral, adotam as tecnologias para controle de seus efluentes. E quanto ao sistema de controle adotado para tratamento dos efluentes do setor de esmaltação, as indústrias cerâmicas da região têm o seguinte:

- 22%, filtro prensa;
- 50%, sedimentação com reciclo de efluente;
- 14%, filtro a vácuo;
- 14%, sedimentação sem reciclo de efluentes.

Com relação à cidade de Cocal do Sul, conforme entrevista com a engenheira ambiental Mariezi Olivo, são dois os problemas cruciais a serem resolvidos: A poeira e os efluentes líquidos, que precisam ser otimizados e, em um futuro bem próximo, a recuperação do Rio Tigre, que passa sob a empresa.

A nosso ver, essa preocupação se explica também como uma forma de manter uma imagem positiva junto à sociedade, evitando protestos e intervenção dos órgãos competentes.

Cocal do Sul, principalmente quanto à perspectiva de trabalho e vida social, não possui uma elite coesa, exterior à empresa, que tome iniciativas, apresente propostas e impulsione uma nova vida à cidade. Esta é uma reclamação de alguns moradores. No entanto, o desenvolvimento da indústria cerâmica definiu não só a configuração espacial como também o domínio econômico, político, cultural e ideológico do município de Cocal do Sul. Ao atingir seu objetivo, desenvolvendo-se e acumulando capital, tornou-se o principal agente promotor do espaço urbano.

A constituição do espaço urbano da cidade de Cocal do Sul, de reprodução simples, não é diferente de muitas outras cidades da região. O que a diferencia, porém, é a forma de colonização, ou seja, foi construída a partir de um capital externo ao local,

que permaneceu nas mãos de um único grupo capitalista, o qual dominou todo o desenvolvimento industrial. Este domínio também se revela no âmbito social, pois grande parte das famílias residentes no local estava atrelada ao Grupo. Esta dependência ainda permanece, embora indiretamente, pois são trabalhadores vinculados a empresas que prestam serviços à indústria cerâmica. A criação de um colégio de ensino médio (o CMG), formando técnicos em cerâmica, garante um mercado de mão-de-obra especializada cativa e um controle ampliado do capital sobre sua força de trabalho, através da dominação ideológica. Também no aspecto político a empresa se destaca como agente dominador.

Como grande geradora de impostos, a empresa direcionava (e ainda direciona) a instrumentalização do espaço de forma a garantir a satisfação de seus interesses. A intervenção política, então, se fez presente e necessária, seja através de recursos municipais ou estaduais, garantindo os serviços essenciais ao capital que, também, serviam à sociedade.

Pensa-se que é oportuno dizer que, no caso da cidade de Cocal do Sul, foi a empresa que se beneficiou do espaço local, formando uma classe assalariada submissa às suas necessidades, extraindo dela, ao máximo, a mais-valia. De fato, a produção do espaço urbano local está intimamente vinculada aos processos de uso e de ocupação do solo, decorrentes principalmente da dinâmica da indústria cerâmica e influenciada pelo destacado papel que este setor teve e tem sobre a economia municipal e, como decorrência, sobre a configuração espacial da cidade.

CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, procurou-se demonstrar a gênese da evolução do espaço urbano do município de Cocal do Sul como resultado da interação com uma empresa de importância internacional.

Localizado no Sul do Estado de Santa Catarina, trata-se de um município novo, de colonização preponderantemente italiana, cujas atividades típicas (como pecurária e engenhos artesanais) marcaram sua vida econômica no início do século.

A partir da instalação da Cerâmica Eliane, no final da década de 50 e início da década de 60, a cidade passou a sofrer transformações estruturais, devido à influência direta da empresa sobre o espaço urbano.

A atividade da indústria cerâmica, que em princípio era restrita à produção artesanal de azulejos, foi se intensificando à medida que a demanda pelos produtos cerâmicos aumentava no País inteiro. Impulsionada pela política de desenvolvimento aplicada pelo governo de Juscelino Kubitschek, a empresa experimentava um crescimento progressivo. Através de um empréstimo junto ao BNDE, conseguiu efetivar investimentos que ampliaram a capacidade produtiva, permitindo a absorção da demanda crescente. A partir de então, evoluiu espacialmente, ocupando praticamente todo o centro da cidade, além de espaços nos municípios vizinhos. Instalou-se, também, através da compra de novas unidades, em outras regiões do Brasil, mantendo, inclusive, escritórios em pontos estratégicos internacionais.

Como foi possível observar, porém, por conta da política neoliberal, e da conjuntura econômica em si, a cerâmica “lançou mão” de estratégias que visavam a garantir sua permanência no mercado. Adotou, pois, como estratégia principal, a modernização da linha de produção, importando tecnologias e equipamentos, o que permitiu a redução de tempo e custo produtivos, mas viabilizando aumento da produtividade e, principalmente, da competitividade.

Em seguida, aplicou procedimentos de desverticalização das empresas do grupo, mantendo a propriedade somente das cerâmicas. Também adotou, quase que simultaneamente, a terceirização, tanto de atividades de suporte, quanto da própria mão-de-obra.

A partir da análise dos dados acima, pode-se atribuir a cada uma das quatro décadas de existência da empresa Eliane, características que as definem de maneira bem distinta. A primeira década, a de 60, foi marcada pela fundação e pelo primeiro empréstimo financeiro, o que revolucionou a antiga olaria. Na década de 70, a empresa consolidava-se no mercado e promovia a expansão do setor cerâmico e a implantação

das empresas satélites no então distrito. A década de 80, por sua vez, foi marcada pelas aquisições de novas unidades produtoras em outros estados da federação. Na década de 90, seguindo a política neoliberal, adotou políticas de desverticalização e terceirização.

Simultaneamente ao que acontecia com a empresa, a cidade reagia a todos os processos transformadores. Inicialmente, a intensa demanda pela mão-de-obra promoveu a migração operária, a qual determinou uma urbanização voltada para si, ou seja, também operária. Este aspecto da urbanização se intensifica pelo fato de que os empresários da indústria cerâmica, ou seja, seus sócios e funcionários do alto escalão administrativo, não residem no local. Para a empresa, este tipo de formação urbana era interessante, uma vez que tornava cativa a mão-de-obra, mantendo-a subordinada. Este interesse também se revela na manutenção, pela empresa, do Colégio Maximiliano Gaidzinski, que forma o exército técnico de reserva.

Apesar desta formação existir até hoje, a empresa sofreu impactos por conta do processo de terceirização. Embora tenham ocorrido demissões em massa, a mão-de-obra foi propositadamente absorvida pelas novas empresas. Os sintomas da falta de emprego começaram a ser sentidos tempo depois, acompanhando, gradativamente, a quebra de grande parte destes novos empreendimentos.

Estes fatos determinaram a emigração de boa parte dos desempregados. Por outro lado, as empresas remanescentes da terceirização atraíram novos migrantes, atribuindo um crescimento de 1.106 novos habitantes, no período de 1991-1996 (IBGE). Tais aspectos contribuíram para a diversificação econômica e cultural de Cocal do Sul.

Assim, pôde-se perceber melhor toda a formação sócio-econômica do município em questão, além de sua inter-relação, quase que completa, com a empresa cerâmica instalada em seu território desde 1960. Como o capitalismo move-se no sentido da acumulação, é necessária a cotidiana extração de mais-valia da classe trabalhadora. Esta tem que ser formalmente livre a fim de que possa haver o exército industrial de reserva e, conseqüente, o controle da ordem estabelecida e a manutenção do *status quo*. Como se viu em MARX, as relações de produção de uma sociedade é que determinarão as condições materiais existentes, que condicionarão, dialeticamente, as relações sociais, culturais etc., da realidade¹¹²

Através deste referencial, pôde-se analisar o que ocorreu e que ainda ocorre num espaço reduzido de uma pequena cidade, como é o caso de Cocal do Sul. Não se

¹¹² MARX, op. cit.

pode omitir a conclusão de que há questões ambientais, que talvez mereçam estudo, o que não foi possível neste trabalho monográfico.

Estas peculiaridades poderiam ser relacionadas desta maneira: a preexistência do município em relação ao capital cerâmico, constituído através da Cerâmica Eliane. Ou seja: nas décadas anteriores à de 60 já ocorria naquela localidade um processo incipiente de urbanização, caracterizado pela presença inicial de atividades manufatureiras; depois, por um comércio atuante. A segunda peculiaridade está no fato de que foi apenas uma empresa a responsável pela aplicação de medidas capitalistas no local; assim o elo de ligação entre o capitalismo como sistema e a realidade local foi realizado por um único grupo, o que resultou sinteticamente num poder concentrado nas mãos de uma única família. A terceira peculiaridade está no fato de que a exploração da mais-valia da mão-de-obra trabalhadora se deu de uma forma colonialista, ou seja, os proprietários da empresa não eram do município, nem residiam nele. O mesmo ocorrera quanto aos que tinham uma condição econômica mais favorável, como os funcionários do setor administrativo, os que ocupavam cargos de chefia, aqueles que fizeram especulação imobiliária, entre outros. Isto resultou numa cidade sem uma elite estabelecida e na existência forte de um processo de migração, sem grande êxodo rural interno, observado na constituição do espaço urbano do município.

Estas peculiaridades, somadas aos movimentos gerais do capitalismo, resultaram no que é hoje o município de Cocal do Sul: um município fortemente operário, sem uma elite local considerável por conta da acumulação externa do capital e, principalmente, com perceptíveis traços de dependência sócio-econômico-político-culturais com a Cerâmica Eliane.

Esta última questão merece destaque, tendo em vista que, conforme foi possível perceber no decorrer da pesquisa, a construção do espaço urbano de Cocal do Sul foi quase que totalmente dependente das decisões da empresa Eliane. Usando sua força econômica, a empresa estendeu seus tentáculos de poder sobre todos os setores da sociedade sul-cocalense. Seja na questão habitacional, educacional ou cultural, a presença da Cerâmica foi determinante para a formação desse espaço.

Percebe-se que todo o movimento da Cerâmica Eliane, além de buscar a evidente acumulação de capital, deu-se no sentido de evitar independência dos trabalhadores e sua possível união na busca de interesses comuns. A preocupação revelada no controle do poder municipal, controle do tempo do trabalhador, de sua vida externa à fábrica, deixa transparecer uma preocupação latente com a organização

operária. A total subordinação dos sindicatos à empresa, através de processos de cooptação, evidencia esta preocupação e esta ação.

Portanto, as características do município e seu processo de desenvolvimento em inter-relação com a realidade capitalista nacional e internacional, através de uma única empresa de cerâmica, produziram uma realidade bastante própria para a comunidade cocalense, realidade esta que buscamos apresentar da melhor forma neste trabalho, em vias de conclusão.

Quanto à expectativa da pesquisadora, com relação à cidade em estudo, o que se tem a dizer é que, em nome de uma pesquisa que durou dois anos, e em nome do fato de residir nas vizinhanças da cidade e nela trabalhar, observando seu dia-a-dia, a cidade parece fadada a continuar sendo como é no presente momento: crescendo sem perspectiva de desenvolvimento. Uma cidade operária, de exploração colonialista. A menos que surjam líderes cspazes de reverter esse estado de coisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNS, Otília. **Criciúma 1880 – 1980: A semente deu bons frutos**. Florianópolis: Coordenação Geral de Pesquisa e Publicação, 1985.

BARBARA, M. M. **Reestruturação produtiva, qualificação, requalificação e desemprego**. Psicologia. Brasília, V. 19, v. 1, 1999.

BOSSLE, Ondina Pereira. **Henrique Lage e o desenvolvimento sul-catarinense**. Florianópolis: UFSC, 1981.

CARIO, Silvio, A. F. et al. **O cluster da indústria cerâmica de revestimento em Santa Catarina: um caso de sistema local de inovação**. Florianópolis: UFSC, 1999.

CARRION, Raul K. M. e VIZENTINI, Paulo G. Fagundes (organizadores). **Globalização, neoliberalismo, privatizações: quem decide este jogo?** 2 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.

CUNHA, Idaulo J. **Evolução econômico-cultural de Santa Catarina**. Florianópolis: FCC, 1982.

DALL'ALBA, João Leonir. **Imigração italiana em Santa Catarina**. Porto Alegre: EDUCS, 1983.

DIÁRIO CATARINENSE. **A importância da cerâmica em SC**. Informe especial. Florianópolis, ago/1996.

ELIANE REVESTIMENTOS CERÂMICOS. **Inaugurado em Cocal um conjunto habitacional de 150 casas**. Revista Comunicação. V. 5, v. 37, ago. e set./1981.

ELIANE REVESTIMENTOS CERÂMICOS. **Inaugurado em Cocal um conjunto habitacional de 150 casas**. Revista Comunicação. V. 5, v. 37, ago. e set./1981.

FÁVERI, H. **A história de Cocal do Sul**. 1999. (Obra não publicada).

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1997.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 7 ed. São Paulo: Loyola, 1992.

HEIDEMANN, Eugênia Exterkontter. **O carvão em Santa Catarina: 1918 - 1954**. Curitiba: 1981.

INSTITUTO EUVALDO LODI DE SANTA CATARINA. **Competitividade sistêmica da indústria catarinense**.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LIPIETZ, Alain. **O capital e seu espaço**. São Paulo: Nobel, 1987.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: 1982.

PREFEITURA MUNICIPAL DE COCAL DO SUL. **Histórico da Imigração de Cocal do Sul**. 1993.

REVISTA EXPRESSÃO. **A virada da Eliane**. V. 7, v. 81, 1997.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller, 1999. p. 102. 649 p.

SANTA CATARINA. **Plano básico de desenvolvimento ecológico-econômico**. v. II. Florianópolis: AMREC/UNESC, 1997.

SANTA CATARINA. **Plano básico de desenvolvimento ecológico-econômico**. v. II. Florianópolis: AMREC/UNESC, 1998.

SANTOS, Milton. **As metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Maurício Aurélio dos. **Crescimento e crise na região sul de Santa Catarina**. Florianópolis: UDESC, 1997.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SHMIDT, Benício V. e FARRET, Ricardo L. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

SOARES, Felipe. **Furacão de argila**. Revista Expressão, v. 46, out/93.

SUZIGAN, Wilson et al. **Crescimento industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 1974.

Anexo 1: Perímetro urbano de Cocal do Sul.

Anexo 2: Organograma do Grupo Eliane dos anos 80.

Anexo 3: Organograma do Grupo Eliane em dezembro de 2001.